



HAILANE BRAGA

Caixa
dos
Segredos

CERTOS SEGREDOS JAMAIS DEVEM SER REVELADOS.





CAIXA
DOS
SEGREDOS



Caixa dos Segredos
Copyright© 2019 Hailane Braga

Aprovação: Núbia Fátima
Revisão: Hailane Braga
Capa: Dri k k
Diagramação: Hailane Braga
ASIN: B07P16QMH5

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Dados de Catalogação:
BRAGA, Hailane. Caixa dos Segredos. Brasília, DF, 2019.
Ficção Brasileira



A você que tem um segredo que pode mudar a vida de alguém. Às vezes é preciso manter a caixa fechada!

Hailane Braga é professora no Distrito Federal, leciona língua Inglesa desde os dezessete anos. Ela escreveu seu primeiro livro Amor à Terceira Vista em janeiro de 2018 e o publicou pela Editora Novo Século em agosto do mesmo ano.

A autora ainda tem um conto na antologia Contos de Magia outro na antologia 2125, ambos da Editora Killa e outro que ainda será publicado na antologia O Mau Nunca Morre da Editora Rico.

Reveza seu tempo escrevendo, lecionando e lendo sua vasta coleção de livros.

Dedico esse livro a todas as mães do mundo que criam com amor seus filhos. Dedico, principalmente, àquelas que não puderam criar seus bebês porque a vida os levou tão depressa; também àquelas que por algum motivo não podem gerar filhos. Lembrem-se, filhos são aqueles que tornamos nossos e não apenas aqueles que carregamos no ventre. Há milhares de crianças e adolescentes por aí precisando de uma mãe, deseje você também que eles sejam seus, que tenham uma família para onde voltar.

Dedico esse livro a você que ama leituras que trazem algo para sua vida; que poderiam ser histórias reais, ou até mesmo a sua. Que essa obra lhe traga inspiração para seguir e resolver seus problemas, afinal nada é insolucionável.

Dedico às pessoas que acreditam em mim, que me incentivam a escrever e me ajudam a não desistir quando acho tudo que escrevo péssimo, vocês são minha luz no fim da história.

Espero não despontá-los com essa obra, mas que ela seja tudo o que vocês esperavam e acreditavam que eu faria com essas palavras.

*"Escrita
leve e surpreendente,
causa fortes sentimentos. Nos
faz imaginar cada personagem."*

@paixaopelaspaginas

*"Leitura leve e
divertida."*

@uma_dica_de_leitora



*"Escrita fluida e
envolvente."*

@gnomaleitora



*"Escrita leve com
momentos deliciosos
de diversão."*

@livrosland



*"Arrasou como sempre.
Me surpreendo cada dia
mais!"*

Nubia - Beta Reader

*"Em cada
ponto, vírgula, capítulo,
parágrafo... a autora põe
sua essência e amor naquilo que
faz!"*

@caisdaleitura

ÍNDICE

Prólogo

 *Capítulo 1* 

 *Capítulo 2* 

 *Capítulo 3* 

 *Capítulo 4* 

 *Capítulo 5* 

 *Capítulo 6* 

 *Capítulo 7* 

 *Capítulo 8* 

 *Capítulo 9* 

 *Capítulo 10* 

 *Capítulo 11* 

 *Capítulo 12* 

 *Capítulo 13* 

 *Capítulo 14* 

 *Capítulo 15* 

 *Capítulo 16* 

 *Capítulo 17* 

 *Capítulo 18* 

 *Capítulo 19* 

 *Capítulo 20* 

 *Capítulo 21* 

 *Capítulo 22* 

 *Capítulo 23* 

 *Capítulo 24* 

 *Capítulo 25* 

 *Capítulo 26* 

 *Capítulo 27* 

 *Capítulo 28* 

 *Capítulo 29* 

 *Capítulo 30* 

 *Capítulo 31* 

 *Capítulo 32* 

 *Capítulo 33* 

 *Capítulo 34* 

Dizem que a verdade é sempre melhor que a mentira. Mas, às vezes, certas verdades são melhores quando não ditas. Já pensou você sair falando pra todo mundo que a pessoa é feia? Chata? Fedida? Arg!

Porém, a minha verdade não é algo tão simples quanto isso. Minha verdade é algo assustador. Que modifica toda a vida de uma pessoa, ou não, dependendo de qual atitude será tomada. Está curioso? Então leia minha história, mas não me julgue, poderia ser você, afinal. Eu jamais achei que isso aconteceria comigo, na verdade, jamais acreditei que isso seria possível. Se me perguntassem o que eu faria se isso acontecesse eu diria para fugir, correr, mas é bem diferente quando acontece conosco. É uma vida formada, que muda com apenas um fato, uma notícia. Por isso eu digo: certas verdades devem ser levadas para o túmulo. Se eu pudesse escolher? Escolheria não saber, jamais! E você, se fosse eu, o que faria?

Capítulo 1

Minha vida inteira morei nessa cidadezinha pequena, de aparência linda, ar fresco e belas paisagens. Aqui tem praias maravilhosas (tem uma ilha onde podemos ir todos os dias), pessoas amigas e tudo que uma cidade pequena pode ter. A maioria das pessoas se conhece, você pode sair a hora que quiser que não corre risco de assaltos. Normalmente ando a pé ou de bicicleta para todos os lados. Aqui tem pouco mais de quinze mil habitantes.

O lugar é super acolhedor, não vejo muitas pessoas indo embora daqui, com raras exceções que desejam conhecer a cidade grande e viver na Metrópole, a maioria do pessoal daqui cresce, se forma na faculdade local e segue a vida por aqui mesmo. Algumas vezes damos sorte e encontramos novatos se mudando para esse paraíso. É o momento ideal para conhecer novos rostos e fazer novas amizades.

Quem aparece aqui para visitar deseja estabelecer morada. Não é porque é minha cidade, mas o lugar é incrível. As praias tem areia branquinha, águas de um verde claríssimo, o céu é tão azul que chega a doer os olhos, o ar cheira a limpeza. Há épocas do ano que conseguimos ver orcas e golfinhos de qualquer lugar da praia, eles estão migrando para outros locais de águas mais profundas. Transitamos entre a cidade e a ilha que amamos tanto. Há casas na ilha, mas poucas pessoas vivem lá de fato.

Quando eu estava na faculdade, muitas vezes quis ir embora para conhecer o mundo. Mas sempre que olhava para a praia, que diga-se de passagem, é vista da janela do meu quarto, imaginava que não estava pronta para perder essa visão. Tanto as praias da cidade quanto da ilha são maravilhosas.

Não é verdade que nunca saí daqui. Já fui a Metrópole várias vezes para passar invernos e espairecer. Lá tem muitos shoppings e coisas legais de cidade, como cinema, bandas famosas e livrarias, mas meu lar sempre venceu a todos os encantos da cidade grande.

Enfim, minha mãe me criou sozinha. É uma guerreira. Meu pai foi um escroto que a deixou para viver na esbórnia. Sabe a típica história do gato da cidade grande que vem conhecer a ilha, se apaixona por uma moradora local, mas não a ama para ficar com ela? Esse era meu pai. Minha mãe disse que ele

era o cara mais gato que ela já viu na vida. Mas ela não tem fotos dele, nada escrito, nenhuma lembrança, além das que tem na cabeça. Quando eu tinha uns oito anos era louca para conhecê-lo, mas quando cresci desisti. Se ele não quis saber de mim, eu não seria a filha carente que vai atrás do pai. Quem perde é ele que não teve o privilégio de me conhecer. en

Eu não fui o tipo de adolescente problemática, nunca fiquei chapada na faculdade, nunca me enchi de cachaça porque sentia falta do meu pai. Minha vida foi e é boa para mim com as pessoas que tenho nela. Sou filha única, mamãe já está com 59 anos. Quando conheceu meu pai tinha 20, mas carinha de 16. A genética da família é boa.

Meus avós morreram em uma viagem, sofreram um acidente de carro pouco depois de minha mãe me ter, ou seja, não os conheci e não tenho tios. Isso mesmo, somos apenas mamãe eu. Que coisa mais dramática não é?!

Eu cursei a faculdade de publicidade e propaganda, me formei com louvor. Tive uma vida plena, curti meus amigos — ainda os curto — casei aos 22 anos com o cara mais gato que já apareceu na ilha (a ilha e a cidade são praticamente a mesma coisa, não faça confusão!). Além de lindo, ele é perfeito para mim. Somos o encaixe um do outro. Tay é dois anos mais velho que eu, nos conhecemos assim que ele veio cursar marketing na faculdade local. Foi amor à primeira vista. Ele veio transferido da faculdade da Metrópole.

Nos esbarramos no corredor, aqueles olhos me inundaram. Taylor é alto, porte atlético — era nadador na época de escola — pele levemente bronzeada, cabelos castanhos e olhos incrivelmente azuis. Não minto e nem exagero quando digo que os olhos dele são de um azul indecifrável. Hora são azuis da cor do céu, hora são azuis esverdeados. Descobri com o tempo que a cor muda de acordo com seu humor. Fiquei hipnotizada.

— Desculpe. — ele me disse quando nos esbarramos, foi quando olhei para ele pela primeira vez.

— Não tem problema. — ele tinha derrubado meus livros, estava os recolhendo quando nos olhamos. — Você não é daqui, é?

— Não. Na verdade, agora sou. Acabei de me mudar para a casa da colina. — ele me entregou os livros e eu me afundei no seu olhar.

— Seja bem vindo. — eu peguei meus livros de suas mãos sem tirar os olhos dele. Ele também não parou de me olhar, foi recíproco.

— Ah, que falta de educação a minha, derrubo suas coisas e nem me apresento. — ele estendeu a mão. — Taylor Salvatore.

— Italiano? — peguei na mão dele.

— Sim, em parte. Nasci na Itália, mas me mudei para cá ainda pequeno.

— E o nome Taylor? — perguntei curiosa.

— Um antigo amor da minha mãe por nomes americanos. — ele disse meio sem graça.

— Prazer Taylor, a gente se vê por aí. Seja bem vindo à ilha. — eu saí andando.

— Espera misteriosa. Qual é seu nome?

— A ilha é pequena, você vai descobrir. — eu olhei pra ele com um sorriso maroto e fui embora. Ele ficou parado rindo enquanto eu me afastava.



Pois é, me casei com o lindo novato de olhos azuis. Estamos juntos há quinze anos. Namoramos um ano, moramos juntos por dois e nos casamos em seguida. Não temos filhos, já pensamos no assunto, decidimos esperar. Agora que acredito já termos curtido bastante, nós estamos tentando há seis meses. Os médicos disseram que poderia demorar um pouco, já que tem bastante tempo que tomo a pílula.

Tay quer uma menina, para mim tanto faz, desde que venha com saúde. Seremos uma família feliz, ajustada e contemporânea. Eu abri uma loja de surf na beira da praia, na ilha, o lugar mais procurado para turismo, o que nos trás um bom lucro. Aqui o turismo está sempre em alta. Após três anos que abri a loja, decidi que poderia expandir os negócios. Além de surf, vendo ingressos para os festivais da cidade, cinema (temos apenas três salas na ilha), fiz parceria com motoristas de transporte e agências de turismo. Tay abriu uma pousada na casa da colina, fica aberta o ano todo e gera a maior parte da renda da nossa casa. Temos uma vida boa. Os meus sogros nos visitam às vezes, mas moram na Metrópole — embora mais viagem do que fiquem em casa.

Tay decidiu estudar aqui porque gosta do clima da ilha, além de querer mudar de ares. Graças aos anjos ele é dado à praia, senão nunca teríamos nos conhecido. Ele disse que já tinha vindo passear quando adolescente (não me lembro de tê-lo visto) e acabou por se apaixonar.

A ilha é uma extensão da cidade em que moramos. Poucos moram na ilha, mas o final de semana aqui é o point de encontro de todos. Sou completamente apaixonada por esse lugar. É um paraíso que os homens ainda não conseguiram estragar. E se depender de mim, isso jamais vai acontecer.

Capítulo 2

Quando conheci Tay minha vida mudou para melhor. Eu namorei bastante na adolescência. Aproveitei todos os garotos que vinham passar férias aqui. Ei! É muito difícil namorar sério em uma cidade tão pequena. A salvação são os garotos de fora.

Tudo bem, tive alguns namoros sérios na ilha. Tive o Carlos, que era uma fofura. Estudávamos na mesma escola no ensino fundamental. Tínhamos treze anos e o mesmo grupo de amigos. A cidade é pequena, mas há divisões entre os amigos.

Carlos era uma graça me fazia rir, era jogador do time de futebol da escola. Não era o mais gato, mas a calma e a compreensão dele me conquistaram. Sempre muito prestativo, ajudava a todos no que fosse preciso.

Infelizmente, não durou muito tempo. O pai dele trabalhava para uma multinacional à distância e a empresa resolveu que precisava dele na China. Não deu outra. Em menos de seis meses de namoro, meu adorável namoradinho me deixou por um sonho chinês. Ok, a culpa não foi exatamente dele, mas enfim, ele se foi.

Perto de completar meus quinze anos, conheci um garoto de pele morena, cabelos negros e encaracolados. O nome dele era Júnior, Paulo Júnior. Júnior era, entre os garotos que conheci, o mais diferente. Era sempre na dele, muito calmo e sereno, preferia ficar somente comigo a estar com amigos.

Eu o conheci nas férias dele aqui. Ele passou o mês inteirinho na ilha. Hospedou-se na Pousada da dona Lena, a mais antiga da ilha. Por incrível que pareça, eu estava na pousada quando ele chegou e me apaixonei na hora. Paixonite de adolescente. Eu estava entregando à dona Lena uma fornada de pães que ela tinha encomendado com minha mãe. Mamãe é a dona da melhor padaria da cidade. Tudo que é feito nela é incrivelmente gostoso, entregamos na ilha também. Nem sei como não virei uma adolescente obesa. Mamãe tem, aproximadamente, cem funcionários para dar conta dos turnos e de toda a região.

Pois bem, Júnior me olhou nos olhos assim que desceu as malas do

táxi. Nos olhamos e ficamos acanhados com o encontro de olhares. No mesmo dia nos encontramos na praia e eu fui falar com ele:

— Olá. Júnior não é?

— Tudo bem? — apertamos as mãos.

— Meu nome é Iolanda. Sou moradora da cidade.

— Então, o que há para fazer aqui na ilha?

E foi assim que passamos o mês juntos. Eu o levei para conhecer as partes mais isoladas da ilha, mostrei onde as orcas e golfinhos costumavam passar, andamos de barco. Assistimos a dois filmes no cinema, um romance e um terror (ele adorava se assustar). Foi um verão perfeito.

O mês acabou e eu fiquei arrasada quando ele foi embora. Meus dias resumiam-se a ficar com ele da hora que acordava até a hora de dormir. Mamãe nunca me controlou muito, já que eu era bastante responsável, a ilha era tranquila e todos nos conheciam.

Os pais de Júnior eram biólogos marinhos, então eles estavam na ilha a trabalho e o meu gato se divertiu enquanto pode. Combinamos de mandar cartas, mas não deu certo. Em menos de um mês paramos de nos comunicar. Ele nunca mais voltou, mas eu tenho uma foto nossa guardada.

Tay não é ciumento com relação a isso, nem eu sou com ele. Ambos tivemos uma vida antes de nos conhecermos. Então, o que passou nos tornou o que somos hoje. Devemos o nosso presente ao nosso passado. Temos nossas caixas dos segredos que vivemos, eu não mexo nas recordações dele e ele não mexe nas minhas. É um acordo sério e costumamos seguir nossos tratos.

Meu último namorado sério antes de Tay foi Rafael. Dos garotos com quem me envolvi, ele foi o mais improvável de dar certo, mas ficamos juntos todo o terceiro ano do ensino médio.

Rafael era metido a playboy. Tinha apenas dois anos que ele residia na ilha. E era literalmente na ilha. Os pais dele tinham comprado uma das poucas casas que ficavam à beira da praia. Eles tinham vindo de Nova York. Parece que buscavam por paz e tranquilidade para seus dois filhos — Rafael, 16 e Matheus, 14.

Rafael era lindo, de forma comum. Era alto, magro, cabelos lisos e olhos castanhos. Mas tinha uma pose altiva, andava pisando em nuvens, se achava melhor que todos aqui. Meus amigos o odiavam, mas eu, não sei por que raios de motivo, apaixonei-me por ele.

Um dia, na hora do almoço, na escola, ele sentou-se ao meu lado na

mesa e começamos a conversar.

— Então, a gata mais linda da ilha, ou melhor, da cidade, estuda na mesma escola que eu e nunca fala comigo.

— Talvez porque eu não goste de idiotas.

— Quer dizer que é isso que você pensa sobre mim? — ele ria desdenhosamente.

— Não apenas eu, mas todas as pessoas normais.

— Conhece a frase, não julgue um livro pela capa?

— Além de você não ser um livro, não estou julgando você por sua aparência, mas sim pelas atitudes que toma. — continuei meu almoço como se ele não estivesse lá.

— Hum, sei. E o que você acha que fiz de errado?

— Bom, não disse que foi errado, mas não condiz com o que eu acho adequado para uma pessoa.

— Tipo? Consegue ser mais específica?

— Você é arrogante, boçal, se veste como um playboy, anda pisando em nuvens e acha que todos aqui somos inferiores a vocês. — a essa hora, todos os meus amigos já tinham saído da mesa, ficamos apenas Rafael e eu.

— É isso o que pensa sobre mim? — eu meneei a cabeça. — Te desafio, já que você é tão certinha, a passar uma semana comigo e ver quem eu realmente sou. Se ao final dessa semana ainda me achar o escroto que diz, nunca mais falo como você. Mas, se mudar de ideia, vou te levar para um encontro na pedreira.

Trato selado. Meus amigos me chamaram de louca, mas dei a ele um voto de confiança. Afina de contas, julgar sem conhecer é fácil.

Rafael era um rapaz que tinha tudo, os pais eram ricos, trabalhavam com *softwares* então, já se sabe que tinham muito no banco. Trabalhavam da ilha mesmo e vendiam tudo para grandes empresas de forma online. Raramente saiam da ilha para fazer negócios. Muitas vezes as empresas vinham à ilha e reuniam-se com eles no escritório que mamãe preparou para reuniões na padaria.

Meu garoto idiota era, na verdade, um rapaz doce, que assistia séries de drama, gostava de ir à pedreira pensar, fazia quadrinhos nas horas vagas e lia romances clássicos. Na sua estante, Helena de Tróia, Persuasão de Jane Austen e a Hiliáda de Homero faziam parte de seus livros favoritos. Ele era mesmo um playboy, mas não se achava assim. Era só uma questão de costume.

Quando ele morou em Nova York, andava com garotos arruaceiros, que tiravam as melhores notas na escola e faziam os demais de escravos. Ele apenas trouxe seus hábitos nova-iorquinos para a ilha. Foi um trabalhão fazer meus amigos gostarem dele, mas no fim, tudo deu certo.

Daí a pergunta, o que houve com ele? Bom, fomos juntos ao baile de formatura. Ele estava super elegante. Eu estava com o vestido mais caro vendido na cidade. Foi uma noite fabulosa. Dos nossos amigos mais próximos, Felipe, Samuel e Daniel foram fazer faculdade na Metrópole. Babi, Esther e Laura foram para universidades na Inglaterra e Estados Unidos. Ficamos na ilha, Rafael, Pedro, Samantha, Mayara e eu.

Um dia após a formatura os amigos que iam para o exterior viajaram e nos despedimos com muito choro. Nenhum deles voltou a morar aqui. Poucos deles voltam no verão para visitar, tem outros cantos do mundo para conhecer.

Rafael decidiu passar um ano Sabático viajando o Mercosul. Combinamos de jamais atrapalhar os planos um do outro. Eu, além de não ter grana para bancar um ano viajando, nunca teria coragem de largar minha mãe ou nossa ilha. Para mim, elas eram tudo nesse mundo. Pedro passou um mês na Metrópole e Sam, Mayara e eu, iniciamos a faculdade após o verão.

Não tive notícias de Rafael por um ano, não tinha papo com seu irmão mais novo. Nas férias seguintes Sam, a minha amiga mais linda, cabelos de um loiro muito loiro, lisos, olhos de cor amarelada e brilhantes, viajou para passar as férias na Argentina com alguns amigos da faculdade. Advinha quem ela encontrou? Isso mesmo, Rafael. Eles voltaram juntos da viagem, completamente apaixonados e com medo da minha reação.

— Gente, que se exploda. Rafael, você é o passado, mais passado que tenho. Tu não acha que ficaria te esperando para sempre não é? A fila anda camarada. — nós rimos.

— Que bom que você não ficou bolada. Eu não me sentiria bem sabendo que você não falaria mais conosco.

— Cresce Sam. Vocês estão lindos juntos e eu apoio completamente. — sempre fui muito bem resolvida.

Hoje, muitos anos depois, Sam e Rafa estão casados, tem três filhos maravilhosos — Cláudio com oito anos, Rebecca com seis e Sophia com um ano e meio. Somos os amigos mais chegados da ilha toda. Pedro trouxe para a ilha uma garota que conheceu na rede. O nome dela é Penélope, ela é uma princesa Jamaicana, não no sentido literal, só que é uma linda. Morena, olhos

escuros, cabelos longos e muito cacheados. Eles tem um filho de cinco anos. Mas hoje não tenho com Pedro a amizade que tenho com Rafa e Sam, que são, tipo meus irmãos.

E, depois disso, voltamos ao meu encontro com Tay. Hoje estamos mega felizes, tentando um filho e vivendo em paz na nossa calmaria paradisíaca. Até que mamãe, dona Anastásia resolveu ter um piripaque e me assustou completamente. Foi aí que meu mundo começou a girar, girar e cair em ritmo descompassado. Tudo que conheci mudou completamente após o Derrame Cerebral que mamãe fez o favor de ter.

Capítulo 3

Era um período mais pacato na loja. Eu estava entregando umas pranchas quando meu telefone toca. Eu o tiro do bolso e olho no visor. Que estranho, chamada do hospital. O que será que houve?

— Alô.

— Iolanda, aqui é a Sam. — sim, ela era a diretora do hospital, minha amiga nerd.

— Oi Sam. Por que não ligou do seu celular?

Eram apenas oito e meia da manhã. Ela NUNCA me ligava antes do almoço.

— Ioio, dona Anastásia acabou de dar entrada no hospital. Ela teve um AVC, está sendo operada agora. Estamos tirando a pressão do sangue da cabeça dela.

— Ai meu Deus! — eu coloquei a mão na boca. Como ela está?

— Saberemos assim que acabar a cirurgia. Estou aguardando você na sala de espera.

— Chego em cinco minutos.— Pode vir direto, não precisa avisar o Tay, encarreguei Rafa de fazer isso.

Eu saí correndo da loja. Deixei Paty, minha encarregada de cuidar de tudo. Eu peguei minha bicicleta e, nesse exato momento, senti uma necessidade incrível de estar de carro para chegar mais rápido ao hospital, até tenho um, mas uso apenas raramente, a bicicleta é mais rápida. Como estava na ilha, ainda precisei pegar a balsa.

Quando abri a porta da sala de espera, Tay já estava conversando com Sam. Rafa era o neurologista que operava mamãe, ele iniciou os procedimentos assim que avisou Tay.

— Como ela está? — abracei Tay correndo.

— Ainda não sabemos. Sam disse que nos avisa assim que a cirurgia acabar. — abracei minha amiga e chorei um rio de lágrimas. Éramos três apenas, mamãe, Tay e eu. Eu não tinha mais ninguém. O que seria de mim caso ela se fosse?

Foram quatro horas de imensa tortura. Finalmente Rafa aparece:

— A cirurgia foi um sucesso. Sua mãe está bem. Tudo que eu poderia fazer foi feito. Agora é com ela. Já a transferimos para o quarto, você pode vê-la dentro de uma hora.

Eu suspirei. Agora era esperar que ela acordasse. Eu estava tonta de medo de que isso não acontecesse. Minha querida mãezinha. O que seria de mim sem ela?

Vamos lá dona Anastásia, você sempre foi forte, não me recordo de tê-la visto doente uma única vez. Não me decepcione!

Eu fiquei andando em silêncio durante a hora inteira. Corri para seu quarto com Tay atrás de mim. Abri a porta com pressa, olhei para ela ligada a vários fios e chorei. Estava pequena e frágil, não parecia em nada com a mulher forte, guerreira e cheia de determinação que eu conhecia. Não aquela mulher que geria uma padaria enorme e andava de um lado para o outro dando ordens e organizando tudo. *Vamos lá mamãe, tenho fé na sua força!*

Mas não foi isso que ela quis. Mamãe ficou em coma. Não conseguiu acordar. O dia passou e minha esperança foi com ele. Os médicos disseram que ainda havia tempo. Era ter fé e força para esperar pela vontade dela de acordar. Passei aquela noite no hospital. Li para ela resumos de novelas — ela adorava — contei algumas histórias engraçadas da loja e de como algumas garotas tinham dado em cima de Tay na pousada. Ninguém conseguiu me fazer deixá-la aquela noite, ela poderia acordar e não ter ninguém com ela.

Uma semana se passou e nada de mamãe acordar. Eu revezava com meus amigos os turnos para que ela não ficasse sozinha. Algumas amigas dela também fizeram parte do rodízio. Mas mamãe estava inflexível, não quis abrir os olhos. Que mulherzinha difícil!

Os exames estavam todos normais. Tudo funcionava dentro dela, mas ela não queria voltar. Esse era o problema. O que era mais forte que nosso amor? O que era tão resistente que a segurava do outro lado e a afastava de mim?

Seguindo conselhos de Tay, decidi ir para a casa de mamãe e dar uma geral. Ela tinha tanta tralha que juntava há anos e não queria se desfazer. Dessa vez eu mesma arrumaria tudo. Quando ela acordasse sua casa estaria novinha em folha. Ela teria prazer em chamar de lar. Foi então que descobri uma caixa, a caixa que mudou minha vida para sempre.

Capítulo 4

A casa de dona Anastásia estava uma organização total. Ela sempre foi uma mulher limpa, que mantinha tudo em seus devidos lugares, mas costumava guardar uns cacarecos antigos sem necessidade. Ela tinha o chamado “quarto da bagunça”. Lá era possível encontrar de tudo, desde fotos minhas de quando era bebê a roupinhas amareladas de todas as fases da minha vida. Tinha também arquivos antigos de funcionários que nem eram mais necessários ser guardados, móveis quebrados, roupas de cama mofadas.

Sério, não me entra na cabeça como mamãe guardava tanta quinquilharia. Já me ofereci várias vezes para ajuda-la a dar uma limpa e livrá-la das tranqueiras, mas ela sempre dizia que faziam parte do passado dela.

Quando eu era criança nem entrava naquele lugar. Ela falava que não era lugar de criança e que não se devia mexer nas memórias das pessoas. E eu, como achava tudo aquilo um monte de porcaria, nunca fiz questão. Para mim eram apenas coisas velhas e inúteis.

Hoje eu iria me desfazer de, pelo menos, metade daquelas tralhas. Começando pelas roupas antigas que não serviam a mais ninguém. Eram tantas que fiz seis sacos de lixo grande. De tão velhas não serviam nem para caridade.

O quarto da bagunça era amplo e cheio de armários em todas as paredes. Roupas em um, lençóis e cobertores antigos em outro, coleção de vinis, CDs e fitas de vídeos que mamãe nem possuía mais os aparelhos para reproduzir.

Achei milhares de cadernos meus, desde quando comecei a ir à escola até o final da alfabetização. Tinha pequenas caixas com nomes de lembranças de Iolanda, eram presentinhos que fazia na escola no dia nas mães, flores que recolhi na rua e entreguei para ela, cartinhas declarando minha paixão e admiração por mamãe.

Os CDs e fitas de vídeo joguei em uma sacola para doar para nossa biblioteca que possuía aparelhos de reprodução, os vinis guardei porque era para colecionador, além de mamãe ter onde ouvi-los.

Separei os livros por autores, os que eram para estudos também separei para a biblioteca, alguns estavam já com as páginas caindo, então joguei fora. Achei várias caixas de fotos de mamãe com várias pessoas, talvez amigos da escola. Não sei ao certo como foi a juventude dela.

Sei que ela não morava na ilha ou na cidade, veio de outro lugar. Mas nunca perguntei de onde. Sei que ela estudou em escolas próximas à sua casa, que namorou bastante, que era uma jovem muito linda e que, quando conheceu meu pai ela já estava na ilha. Mas os fatores que a trouxeram para cá ou como ela chegou aqui são desconhecidos para mim.

Muitas vezes eu perguntava algo a ela e, subitamente, a conversa mudava de rumo. Eu ficava intrigada, mas nunca a enfrentei para saber o motivo de não querer debater certos temas. Por exemplo, ela não falava muito dos meus avós, não gostava de dar-lhes características, nem positivas, nem negativas.

Com o tempo me acostumei com o jeito caladão de dona Anastásia. Ela não era de se abrir muito, mas era uma pessoa bastante carinhosa, amiga, boa ouvinte e muito família. Apesar de sermos apenas as duas, sempre comemoramos todos os feriados, aniversários e estivemos juntas.

Ela foi um grande suporte em todos os momentos da minha vida e, graças a sua criação, não fui uma adolescente rebelde, não me envolvi com coisas erradas ou fui uma péssima filha. Ela é uma mãe maravilha.

Continuando a limpeza de uma caixa de fotos, noto que no verso de cada foto tem uma explicação, uma legenda. Em uma delas, com mais duas garotas está escrito:

Para a melhor irmã do mundo, de suas duas irmãs preferidas.

Cecília e Cíntia

Opa, pera lá. Tenho certeza que uma das garotas da foto era minha mãe. Como assim irmãs? Ela me disse que era filha única. Estranho! Continuo olhando cada foto. Há outra de minha mãe com dois rapazes:

*Uma lembrança do melhor verão de todos. Mande notícias.
Amor,*

Cristian e Christopher

Eles também pareciam com minha mãe. Se dependesse do fato de que também tinham nomes com C, eram irmãos dela. Achei várias fotos com dizeres como: *sentimos sua falta; volte para casa; papai e mamãe estão com saudades; papai e mamãe aguardam uma visita e você sempre foi a melhor de nós cinco.*

Puxa, por essa eu não esperava. O que estava acontecendo? Quem eram aquelas pessoas e por que mamãe os escondeu de mim? Ou me escondeu deles? Próximo à essa caixa

havia outra repleta de cartas. Eu desisti de ficar de pé e sentei-me no chão para ler algumas delas.

Cara Ana,

Sei que sua vida não foi fácil, a de nenhum de nós foi. Mas tudo que foi feito foi para nos manter vivos e saudáveis. Sei que tem muita mágoa dos nossos pais, mas nossa família não foi a única a passar por isso.

Perdoe os erros do passado, venha nos fazer uma visita. Você sabe como somos, jamais iríamos até você sem sua permissão. Espero que um dia volte para nós.

Com amor,

Sua Cecí.

Pelo que entendi mamãe tinha não apenas pais vivos, como também quatro irmãos. Meu Deus! Quem era a mulher que me criou? Decidi ler apenas mais uma carta:

Minha menina,

A vida não foi fácil para nenhum de nós. Sempre demos duro para conseguir criar você e seus irmãos. Sei que jamais deveria ter feito o que fiz com vocês, mas era o melhor para todos. Sinto sua falta, você precisa entender que foi necessário.

Sei que não foi justo, mas eu não pude ficar ao seu lado. melhor para você foi a decisão que tomei. Veja como você está bem hoje! Não deixe sua velha mãe morrer sem poder te dar um abraço e pedir perdão olhando nos seus olhos.

Esperando seu perdão ansiosamente,

*Mamãe,
Eleonor.*

Se minha vida estava de pernas para o ar sem minha mãe por perto, agora com essas revelações pela metade é que estava pior. Mexi e remexi a caixa de cartas, todas estavam sem envelope, então, não sabia de onde vinham.

Na minha busca ainda por informações, achei um envelope em branco e o abri. Dentro dele havia nomes e telefones, bem como endereços de todos os irmãos e dos pais de minha mãe.

Ah, mas eu não ia mesmo ficar na dúvida até mamãe acordar. Eu mesma resolveria esse mistério. Corri para o telefone e disquei para o número de Eleonor. Ele chamou duas vezes até ser atendido:

- Alô. — uma voz já de idade atendeu à ligação.
- Por favor, gostaria de falar com Eleonor.
- É ela mesma, querida. Em que posso ajudá-la?
- Acho que você é minha avó...



O telefone ficou mudo por alguns instantes. Ambos os lados da linha sem saber como reagir.

— Você é filha de Anastásia? — a voz falou trêmula.

— Sim. A senhora é mesmo minha avó? — era uma pergunta meio estranha de se fazer.

— Acredito que sim, minha flor. Qual é o seu nome? Você tem irmãos?

Puxa, minha mãe não falou nada sobre mim.

— Não tenho irmãos, sou filha única. Meu nome é Iolanda, sou casada e tenho 35 anos. Minha mãe não falou nada a meu respeito?

— Minha querida, que prazer ouvir de você. Não sabe como me alegre. Mas não havia como saber de você. Sua mãe não fala comigo há uns 40 anos, acho.

— Mas como isso é possível? Achei que meus avós tinham morrido, que minha mãe era filha única e, de repente, descubro uma família inteira!

Os pais de criação dela morreram. Mas os pais biológicos não. Como ela deixou que você soubesse de nós?

— É uma longa história. Mas minha mãe encontra-se internada no CTI do hospital da cidade, está em coma devido a um AVC...

— Meu Deus. Preciso ver minha filha. — ouvi emoção e dor em sua voz. — Você acha que poderia visitar sua mãe? Você me autoriza?

— Como assim dona Eleonor, eu não tenho de autorizar nada. Venha sim. Você precisa estar com ela e eu preciso saber da verdade sobre o passado de minha mãe. Quando consegue chegar aqui?

— Bem, agradeço. E posso sim te contar tudo. Moro em uma cidade próxima a vocês. Pouco mais de 500 quilômetros. Vou pedir que um de seus tios me leve aí. Estarei na ilha ainda hoje.

— Não é uma viagem muito longa para a senhora vir tão

depressa?

— Minha filha, espero ver sua mãe há tanto tempo que faria qualquer coisa para estar na ilha ainda hoje. Sinto muito que tenha sido em circunstâncias tão dolorosas. Mas quero estar com minha filha mais nova o quanto antes. E será uma honra conhece-la Iolanda. Deve ser linda como sua mãe.

Nos despedimos trocando telefones. Todos sabem onde me encontrar na ilha. Seria fácil para ela me localizar. Um passado cheio de segredos me esperava. Que mentiras mais minha mãe escondia de mim? Será que eu era mesmo sua filha? Descobriria em breve.

Capítulo 5

Continuei a mexer nas coisas da minha mãe, mas não encontrei nada mais que isso. Retirei da casa dela, vários sacos de lixo com coisas inúteis que ela guardava. Recibos antigos da padaria, cadernos caixa, todo tipo de tranqueira que se pode imaginar.

Achei alguns álbuns de fotos com minha mãe ainda pequena ao lado da família dela. Não sei o que a fez se afastar da família, mas isso não era algo que ela pudesse esconder de mim.

Encontrei uma cópia de seu registro de nascimento. De fato, ela não era quem dizia ser. Pais: Eleonor Braz Viana Santos e Tito Modesto Santos. Era isso, seus pais de batismo eram aqueles a quem ela negava. Eu estava morrendo de curiosidade para saber toda a verdade sobre o passado de minha mãe. Teria de esperar minha recém-descoberta avó aparecer para me contar tudo.

Enquanto eu ainda mexia nas coisas de minha mãe, percebi que já era bem tarde. Não almocei, não comi nada durante a manhã. Já eram quase uma da tarde. Olhei meu celular e encontrei várias mensagens de Tay, ele estava preocupado. Mandeí uma mensagem para ele se acalmar.

Iolanda: *Estou bem, amor. Ainda na casa de minha mãe. Muitas coisas para arrumar. Não se preocupe comigo. Tenho coisas para te contar. Descobri uma vida aqui. Em breve te conto tudo. Qualquer novidade no estado da mamãe me avisa.*

Te amo.

Taylor: *Meu amor, estou curioso sobre as descobertas. Não se demore, estou preocupado com você. Sua mãe ainda permanece na mesma. Estou saindo do hospital agora, vou para a pousada fechar o caixa e depois te espero em casa.*

Te amo.

Fui para casa a fim de espairar e comer alguma coisa. Meu estômago estava embrulhado com as novidades e a preocupação com minha

mãe. Mas consegui engolir um sanduíche e um copo de suco. Tay ainda estava na pousada. Não consegui ter a conversa que queria com ele.

Era de tardezinha quando recebi uma ligação da padaria de mamãe:

— Iolanda — era uma funcionária — tem uma senhora chamada Eleonor te esperando aqui.

— Tudo bem, diga a ela que chego em cinco minutos.

Meu coração bateu em disparada. Eram muitas novidades e expectativas. Tay não estava comigo, minha mãe estava internada e eu teria de enfrentar isso tudo sozinha. Respirei fundo e levantei da cadeira da bancada da cozinha. Coloquei a louça suja na pia, respirei fundo novamente, com a mão no coração:

— Seja o que Deus quiser!

Cheguei à padaria, tinham muitas pessoas no vasto salão de mesas, onde vários negócios eram fechados. Em uma mesa de canto estava uma senhora, que, inegavelmente era minha avó. Minha mãe possuía todos os seus traços.

Caminhei a passos lentos e pesados, na indecisão do futuro. Eu não sabia o que fazer, como me portar e o que dizer. Ela estava com um casal que, acredito eu, dois de seus filhos.

— Olá, eu sou a Iolanda. — estendi minha mão, não sabia como me portar naquela situação.

— Prazer, Iolanda. Meu nome é Eleonor. Estes são irmãos de sua mãe, Ceci e Cristian. — todos se levantaram da mesa e me cumprimentaram, Eleonor estava emocionada.

— Vamos nos sentar. — indiquei a eles que sentassem.

— Você deve ter muitas perguntas, mas me diga como está sua mãe?
— Eleonor falava com voz embargada.

— Tenho várias perguntas, mas prefiro que a senhora me conte tudo e depois eu vejo se foram respondidas. Mamãe está na mesma, estável.

— Me chame de Eleonor. Pois então, seu avô e eu tivemos cinco filhos. Cristian, Cecília, Christopher, Cíntia e a mais nova, sua mãe, Anastácia. Nós não controlamos a quantidade de filhos que tivemos, simplesmente deixamos acontecer. Sei que não foi correto, nós devíamos ter planejado para dar conta da família, mas não foi o que aconteceu, era outros tempos.

“Eu casei muito nova e saí fazendo filhos sem planejamento algum. Nós éramos humildes, financeiramente falando, seu avô trabalhava em uma

farmácia e eu era dona de casa. O que ganhávamos mal dava para nos manter. Quando sua mãe nasceu, eu fiquei completamente desesperada. A comida mal dava para alimentar a todos. Raramente se via carne em nossa mesa. A alimentação era feita, em sua maior parte, com arroz e verduras, itens mais baratos. A vida não era cheia de luxo”.

Os irmãos de minha mãe, assim como eu, ouvíamos a história com atenção, como se eles ouvissem sobre a vida de outras pessoas e não de si mesmos.

— Quando sua mãe já estava com oito anos, todos os irmãos dela já trabalhavam. Naquela época não tinha essa coisa de criança na escola e não poder trabalhar. Todos estudavam pela manhã e trabalhavam à tarde. Em cidade de interior, todo mundo na casa precisa ajudar no sustento. Os meninos iam para a roça com um vizinho e as meninas lavavam e passavam para fora. Eu arrumei um emprego de doméstica em tempo integral na casa do prefeito.

“A única que ainda não trabalhava era sua mãe, que tinha uns oito anos. Foi então que uma família veio passar férias na cidade e viu que tínhamos gente demais na casa, para pouco sustento. Eles se ofereceram para levar sua mãe com eles. Dariam comida, roupas e estudo. Em troca, ela cuidaria da casa enquanto eles trabalhavam. Eles não tinham filhos e moravam em uma cidade próxima. Eu poderia ver Anastácia com frequência e dar a ela uma vida melhor que a dos irmãos”.

“No início foi doloroso, eu sentia muita falta dela. Ela chorou bastante quando foi embora com eles. Nas férias, eles sempre iam com ela para nossa cidade, de modo que nós pudéssemos vê-la. A família se afeiçoou a ela. Contrataram uma empregada e Anastácia ficou sendo a filha que eles não puderam ter. Ela teve uma vida maravilhosa. Estudou nas melhores escolas, teve alimento suficiente para si, fez faculdade”.

Até aqui entendi que minha mãe foi meio que adotada, foi bom para ela, mas ruim para o resto da família. Que, além de sentir falta dela, não obtiveram o que ela teve. A história continuou sendo relatada.

— Tudo ia bem, na medida do possível, até sua mãe completar quatorze anos. Ela teve sua fase de rebeldia. Disse que nós a jogamos fora como se ela fosse lixo. Não viu que tudo que fizemos foi para o bem dela e que ela estava obtendo tudo o que não podíamos dar devido a nossa condição financeira. Ela disse que nos odiava, que nunca mais ia querer saber de nós e assim foi. Ela não nos visitou mais, não atendia às ligações, não retornava as

cartas. Com o passar do tempo o contato foi ficando mais escasso e sabíamos apenas o que o casal que a levou nos passava de informação.

— A senhora quer dizer que minha mãe adotou a outra família como sendo a família dela e esqueceu-se completamente de vocês?

— Sim. Resumidamente, é isso. — ela falou com olhar abatido.

— Nós éramos muito unidos, mas sua mãe não aceitou o que aconteceu. Perguntou por que ela e não nós. — Cecília falou, segurando a mão de sua mãe.

— Mas foi melhor para ela. Sei que não foi justo, mas foi melhor assim, não é? Ela não foi maltratada pela família que a acolheu. — eu disse, nervosa.

— Infelizmente, de todos nós, sua mãe é a mais cabeça dura. — falou Cristian.

— Será que eu poderia vê-la? — minha avó perguntou com os olhos cheios de lágrimas.

— Claro. Eu a levo até ela. O que houve com o resto da família?

— Apesar das dificuldades, seus tios todos conseguiram se formar. Cristian é dentista, Cecília é farmacêutica, ambos trabalham na área. Christopher é formado em matemática e Cíntia em enfermagem, mas eles abriram um supermercado juntos e moram em uma cidade próxima. Todos estão casados e com filhos. Seu avô, infelizmente, está com demência e pouco se lembra da família que tivemos. Seus tios pagam uma enfermeira para me ajudar com ele.

— Sinto muito. — eu disse de cabeça baixa, sem conseguir esboçar outra reação.

— Não sinta. A vida é assim mesmo. Pagamos aqui todas as nossas ações. Talvez esse tenha sido o preço de seu avô por abandonar nossa Anastácia. O meu ainda virá, esteja certa disso.

— Não diga isso, mamãe. Sabe que não foi abandono. Talvez ela não tivesse a vida que tem hoje, caso tivesse ficado conosco. — Cecília falou com voz de repreensão.

Um silêncio seguiu nesse instante na mesa. Pedimos um café com pão de queijo. Após o breve lanche os levei até o hospital. O horário de visitas já havia acabado, mas ter amigos no hospital era uma grande vantagem nessa hora.



Capítulo 6

Minha cabeça era um turbilhão de pensamentos. Minha mãe tinha quatro irmãos, não era filha dos meus avós, foi praticamente dada à outra família e eu tinha muitos parentes.

Passei o caminho todo da padaria ao hospital pensando em toda a história. Peguei o carro da mamãe que estava lá e levei a família dela para vê-la.

No hospital Rafa deu autorização para que minha avó entrasse primeiro. Fui com ela. Nunca vi emoções se chocarem assim. Ela chorou horrores quando viu mamãe prostrada e entubada na cama.

— Perdão minha filha. Perdão. Tudo que eu queria era voltar no tempo e ficar com você. Sei que perdi os melhores anos de sua vida, mas você se tornou uma mulher incrível. Batalhou e obteve tudo o que queria. Tenho orgulho de você. Quero dizer isso olhando nos seus olhos.

Ela chorava sentada ao lado da cama de mamãe, segurando sua mão direita. Achei muito invasivo eu ficar olhando a cena e as deixei sozinhas. Fiquei na porta do quarto, pois não sabia o que fazer ao lado dos meus tios recém-descobertos na sala de espera.

— Me conta que história é essa? — Rafa apareceu espantado.

— Então, essa é a verdadeira família da minha mãe. Mas não quero te contar nada antes de contar tudo para o Tay. Ainda não consegui falar com ele.

— Entendo. Mas, puxa! Que chocante.

— Pois é. Ninguém é o que parece ser, não é mesmo? — eu dei aquele sorriso amarelo. Mas Rafa é meu amigo há anos, ele me conhece.

— Vem cá. — ele me puxou para um abraço e eu, após toda a descoberta, chorei. Chorei pelo estado de minha mãe, pelo passado dela, pela dor que ela sentiu quando foi morar com outra família. Chorei pela minha avó e pelo sacrifício que ela teve de fazer, nenhuma mãe merecia precisar ficar longe de um filho.

Tay chegou na hora em que o mundo desabava pelos meus olhos.

— Ah, meu amor. Vem cá. — eu corri para seus braços e o vi fazer

um sinal de que estava tudo bem para Rafa.

— Volto depois, meus amigos. Vou pedir a Sam que venha ficar um pouco com você Ioio. — Rafa saiu e me deixou chorando no ombro do meu amor.

Finalmente, depois de um longo dia, contei tudo o que tinha descoberto e como tinha descoberto para Tay. Ele era meu amado e meu melhor amigo, nada mais justo que ele fosse o primeiro a saber de tudo. Ele era aquele marido querido, parceiro, que estava lá para o que desse e viesse. Lembro-me que outra vez, há uns cinco anos mamãe passou mal da diabetes e precisou ficar internada. Tay não saiu do meu lado um momento sequer.

Nós nunca ficamos separados, nem por uma noite. Nossas despedidas de solteiro foram durante o dia, para que à noite pudéssemos estar um com o outro. Nunca viajamos separados. Éramos unha e carne. Não havia casal mais unido e feliz do que nós. Sabíamos tudo um do outro. Nos completávamos.

— Uau. Que história essa! E como você está?

— Atordoada. Não tem outra palavra que descreva melhor. — estávamos sentados do lado de fora do quarto de minha mãe. Eu estava com a cabeça em seu ombro.

— Não posso dizer que sei pelo que está passando, mas deve ter sido difícil todo o mundo que você conhecia ter mudado tão de repente.

— Pois é. Meus tios estão na sala de espera. Minha avó está lá dentro com mamãe. Não achei certo ficar ouvindo o que ela tinha a dizer.

Fiquei alguns minutos encostada em Tay, quando enfim minha avó saiu do quarto. Não percebi que ela já estava com mamãe há pelo menos uma hora.

— Sua mãe acordou. Já chamei a enfermeira para tirar a entubação dela. — na mesma hora uma enfermeira entrou no quarto e saiu de lá poucos minutos depois. Rafa chegou logo em seguida. Entramos juntos no quarto.

— Oi, minha filha. Precisamos conversar. — Rafa fez alguns testes com ela, aparentemente estava tudo certo.

— Sim, precisamos.

— Nossa, sogra, que susto você nos deu. — Tay lhe deu um beijo na testa. — Que bom que está melhor. Vou deixa-las a sós.

— Vou com você. — Rafa fez sinal para que Tay lhe contasse lá fora tudo que eu ainda não tinha contado.

Sentei-me ao lado de minha mãe, peguei sua mão e fiquei olhando-a, sem fitar-lhe os olhos. Ela começou a falar:

— Você deve estar aborrecida comigo.

— Essa não é bem a palavra que descreve como me sinto. Estou feliz que está bem, mas não entendi por que tanto segredo sobre seu passado.

— Vou te contar tudo.

— Há alguma diferença no que Eleonor me contou?

— Acredito que não.

— Então não preciso saber de mais nada.

— Precisa saber por que me portei assim.

— Sou toda ouvidos. — soltei a mão dela e cruzei os braços em uma posição defensiva.

— Eu achei que aquilo era o certo a ser feito. Era uma boca a menos para meus pais alimentarem, roupas e calçados a menos para comprar. Fui trabalhar na casa de Jasmine e Leandro. Com o tempo, eles viram em mim uma filha. Nós nos demos bem, eles não tiveram filhos. Passei a ser a filha deles. Comecei a chamá-los como pais. Na adolescência me revoltei. Pensei: *poxa, como posso ser uma garota tão boa e mesmo assim meus pais deram a mim ao invés dos meus irmãos?* Eu não percebia que isso era o melhor para mim, que eu tinha coisas que meus pais não poderiam me dar nunca e que meus irmãos jamais teriam.

“Tornei-me rancorosa, não quis mais saber da minha família. Os anos se passaram e eu perdi totalmente o contato. Quando conheci seu pai, achei que minha vida tomaria outro rumo, que eu seria a esposa dedicada e feliz. Que seríamos uma linda família. Conheci seu pai na Metrópole. Morei lá toda minha adolescência...”

— Espera. Não foi essa a história que me contou.

— Estou contando a verdade agora. Quero que me escute e que procure não me julgar. — eu olhei para ela desconfiada e a deixei prosseguir. — Seu pai era lindo, alguns anos mais velho que eu. Na verdade, eu tinha vinte e ele trinta. Ele era maravilhoso. Nós saíamos apenas durante o dia, ele me disse que trabalhava muito à noite. Com o tempo, depois de dois meses de namoro, achei estranho nunca poder falar com ele de noite, eu não tinha o telefone dele, só ele tinha o meu. Resolvi segui-lo. Descobri que ele era casado.

— O quê? E mesmo assim você ficou com ele?

— Não foi bem assim. Eu disse a ele que me deixasse em paz. Que não queria estragar a vida de ninguém e o chamei de canalha. Ele não voltou a me procurar. Descobri que ele morava bem perto da minha casa. contei

tudo a minha mãe. Poucas semanas depois descobri que estava grávida. Ele nunca soube de você. Ele já era pai de gêmeos. Foi então que meus pais, com quem fui criada, decidiram vir morar na ilha. Passei toda minha gestação aqui. Pouco tempo depois que você nasceu, Jasmine e Leandro foram fazer uma viagem para a Metrópole, na volta colidiram de frente com um caminhão que fazia uma ultrapassagem indevida e eles faleceram.

— Quer dizer que meu pai, nem mesmo sabe que você estava grávida. Além de tios e primos, tenho irmãos também.

— Foi o que fiquei sabendo. Não tive mais notícias dele depois do nosso rompimento. Eu ganhei você, herdei a casa e o dinheiro dos meus pais e construí nossa vida aqui. Sei que deveria ter feito tudo diferente, me perdoe se não sou a mãe que você achou que eu era.

Os olhos dela estavam embaçados. Mas era muita coisa para digerir. Eu não sei o que iria fazer a partir dali.

— Você precisa descansar. Foram muitas emoções por hoje. — eu disse já me afastando para sair.

— Tome o tempo que precisar para me perdoar. Só não esqueça que você é minha princesa. Eu te amo mais do que qualquer coisa nesse mundo.

— Eu sei, mamãe. Eu sei.

— Posso ver meus irmãos antes de eles irem embora?

— Claro, mas eles não vão embora hoje. Ficarão hospedados na pousada. Só não sei até quando. Cuidado com as emoções. — fechando a porta atrás de mim, deixei minha mãe com seus pensamentos e parti para a sala de espera, onde minha nova família ouvia de minha avó com tinha sido a conversa que teve com minha mãe.

Capítulo 7

Se o seu mundo ainda não virou de pernas para o ar, você não sabe do que estou falando. Meus avós não eram pais da minha mãe, meu pai não era um carinha legal que ela conheceu no verão. Tenho tios e avós vivos e, ainda por cima, irmãos que não conheço e, possivelmente, não conhecerei.

Uau! Se isso não é uma reviravolta eu não sei o que é. Achei que tinha uma vida maravilhosa, agora preciso rever todo esse “maravilhoso”. Na pior das hipóteses, tenho meu marido perfeito para me ajudar. Ele precisa ser meu centro de apoio agora. Não sei e nem imagino como vou superar tudo isso.

Queria ter uma bola de cristal pra saber como devo agir daqui pra frente. Sei que minha relação com minha mãe nunca mais será a mesma. Naquela época era assim. Sei que não foi uma atitude tão boa da parte de minha avó, mas foi nobre ela pensar no bem de minha mãe acima do dela. Muitas famílias faziam isso. Tinham filhos demais e depois, quando não conseguiam criar a todos, saíam distribuindo os meninos para trabalhar na casa de pessoas para ajudar no sustento. Muitas famílias nem colocavam os filhos para estudar. Isso, pelo menos, minha avó não fez. Pelo que notei, ela fez questão de dar educação para todos os filhos.

Queria ter problemas mais fáceis para digerir. Todo mundo tem problemas com namorado/marido. Ou eles são traidores, falsos, mentirosos ou querem manter um relacionamento de aparências. Meu marido é um anjo. Me trata bem, me ama, cuida de mim e me ajuda em tudo. Mas minha família é um problema. Ai que vida difícil. Nada é perfeito como deveria. Por que raios, minha mãe não me contou tudo de cara? Não era mais fácil? Pelo menos hoje eu não estaria nesse dilema, tendo de conhecer mil pessoas e me aproximar delas depois de anos por causa de minha mãe.

Oh, mundo cruel! Por que não posso ter problemas comuns? Sofrer por amor? Por que meu marido não é um traste? Por que não tenho os problemas que são normais a todos? Tudo bem, injusto da minha parte, porque se Tay fosse um merda, eu ia preferir ser feliz no amor e ter problemas normais, tipo com a sogra.

É justo. Nada pode ser tão perfeito. Minha sogra é um doce, meu sogro me ama, meu marido é quase um santo. Mas minha mãe tinha muitos esqueletos guardados no armário. E eles abriram a porta e saíram correndo para me assombrar.

Não venha dizer que a vida era dela e ela decidia o que fazer com ela porque isso não é verdade, pois quando a vida de outras pessoas estão inseridas nos seus segredos, não são problemas apenas seus. No caso de dona Anastácia, meus avós, meus tios, meus primos, meus irmãos, meu pai e, no topo do problema, euzinha.

Pois bem. Estou aqui, sozinha, pensando em um monte de porcarias graças à dona “eu escolho como resolver tudo sozinha”. Não é porque você é adulto que é a mestre das soluções. Nem todo adulto toma as atitudes mais corretas do mundo.

Acho que todo mundo deveria pedir conselhos antes de agir. Assim não ia ferir ninguém com suas decisões impensadas. Tá, ok, conheço a frase “se conselho fosse bom não se dava, vendia”. Mas isso não é verdade universal. Às vezes, um bom conselho, tira você da ponta do penhasco!

Ninguém é autossuficiente. Todos precisamos de alguém para alguma coisa, senão para ajudar de fato, para uma opinião, um desabafo, um conselho. Não conheço pessoa viva neste mundo que age sozinha, vinte e quatro horas por dia. Sempre, repetindo, sempre, a pessoa precisa de outra, nem que seja para ser ouvida. Por que então, dona Anastácia resolveu fazer tudo do jeito dela, sem consultar uma viva alma?

Oh, céus. O que eu fiz para merecer tamanha sabotagem na vida? Nasci né?! Só pode ser uma praga daquelas:

“Iolanda, você é sortuda demais, perfeita demais e feliz demais. Vamos dar um basta momentâneo na sua alegria e jogar um pouco da vida real sobre seus ombros. Afinal, não há razão para você ter tudo na vida. Como assim um ser humano sem nenhum problema?” E BUM. Uma enxurrada deles para que eu resolva. Oh, destino, o que queres de mim?



Depois que deixei minha mãe com sua família para resolver o passado, não tive como voltar para casa. Mandeí uma mensagem para Tay,

que já estava em casa, com jantar pronto, me esperando.

Iolanda: *Meu amor, não tenho condições psicológicas de voltar para casa agora. Vou pensar um pouco no meu cantinho.*

Tay: *Compreendo. Fica calma e pensa com carinho. Ninguém é perfeito, nem mesmo sua mãe. Te amo.*

Como ele poderia ser tão maravilhoso e compreensivo? Até depois de tudo que mamãe fez ele dá um de sensato e quer apaziguar meu ânimo. Eu não mereço marido assim! MENTIRA! Mereço sim, já tenho problemas demais para resolver. Uma parte boa na vida é importante para manter o equilíbrio nesse meu mar de tormenta.

Tenho um lugar onde gosto de ir para pensar. Não, não é a praia. É um jardim bem florido e perfumado no centro da cidade. Tem uns banquinhos lá e me gera muita paz estar próximo à natureza. Gosto de ir ao jardim para colocar os pensamentos em ordem.

Sentei-me em um banco ao lado de um pé de Camélia. Aspirei seu perfume e pensei como a vida seria mais simples se não houvesse problemas.

Naquela noite, voltei para casa tarde, Tay me esperava na sala, lendo um livro ao lado do abajur. Ele me abraçou, deu-me um beijo bem caloroso e, sem dizer nenhuma palavra, me mostrou o homem dos sonhos que tenho em minha vida. Não me fez perguntas, não me pediu explicações, apenas me encaminhou para o banho e fez com que eu relaxasse do dia estressante que tive.

Capítulo 8

Mamãe ainda ficou internada uma semana. E eu, resolvi terminar o que tinha começado. A tal faxina demorou mais alguns dias para ser concluída. Minha avó e tios ficaram com dona Anastásia no hospital. Estavam sempre com ela. Houve perdão e muito choro. Até eu recebi um pedido de desculpas de minha mãe.

Parece que tudo estava se encaminhando. Eu voltei à limpeza na casa de mamãe. A caixa onde encontrei as fotos da família dela era bem grande, uma caixa de madeira, bem trabalhada, como se fosse um lugar de relíquias. Era como se fosse um baú, com madeira envelhecida, era bem bonito. E, como o universo conspira contra minha felicidade, descobri um fundo falso na tal caixa secreta.

Eu comecei a tremer. Fundo falso era sinal de mais segredo e segredos piores. Encontrei um diário bem antigo. Era de mamãe. Fiquei receosa de ler sobre seu passado. Era, de certo modo, invasão de privacidade. Mas, o que mais ela poderia esconder de mim? Escondeu uma família inteira. Nada mais poderia ser tão grave. Achei um diário, fotos de um bebê e uma certidão de nascimento, com o nome da minha mãe no lugar de genitora.

Festa de Encerramento

Hoje é um dia especial. É a festa de encerramento do ensino médio. Decidimos que seria uma grande festa. As turmas se uniram e juntamos dinheiro para comprar tudo de que precisaríamos. Será uma loucura. Vou com Michael. Tenho uma queda por ele desde o primeiro ano.

Nós dois mudamos com o tempo. Estamos mais maduros. Ele está mais lindo que nunca e, finalmente, notou que existo. Saímos semana passada para tomar sorvete. Ele é um amor.

Nada de novo até aqui. Só coisas de adolescente mesmo. Dei uma

folheada no diário e não havia datas. Apenas títulos aleatórios que tratavam do fato narrado nas páginas.

Passei um café para dar continuidade ao que eu estava lendo. Sentei-me no sofá da sala e continuei minha leitura, em busca de não sei o que no passado da minha mãe. Tinha um envelope dentro do diário, mas não cheguei a abri-lo. Não sei o que comi naquele dia. Meu estômago revirou e eu fiquei repentinamente enjoada.

Levantei correndo e fui ao banheiro. Vomitei e suei frio. Parecia que estava de ressaca. Busquei na minha cabeça o que tinha comido naquela manhã. Um copo de suco de laranja, um pão com manteiga e algumas fatias de queijo branco com café.

Talvez o queijo estivesse estragado. Era melhor eu deitar um pouco. E foi o que fiz. Acabei caindo no sono. Acordei ao meio dia e meia com Tay batendo na porta.

— Só um minuto, amor. — levantei meio grogue. Estava meio tonta. Abri a porta meio zonzona e vi aqueles lindos olhos pelos quais era absolutamente apaixonada.

— Meu amor, o que houve com você? — ele me olhava preocupado. — Você está pálida e com cara de doente. Não me lembro de estar assim hoje cedo quando tomamos café. — ele entrou na casa de minha mãe e me deu um beijo na testa. — Você está fria.

— Acho que comi alguma coisa que me fez mal. Vomitei e suei frio.

— Melhor te levar ao médico. Você pode estar com alguma infecção intestinal.

Tay era sempre muito preocupado com saúde. Se eu me sentisse mal, mesmo que apenas um pouco, ele me obrigava a ir ao médico. Dessa vez não foi diferente.

Fiz alguns exames de sangue e urina e esperei por uma hora os resultados. Dei um pulinho o quarto de mamãe e a vi bem melhor. Ela já estava quase de alta.

Tay não quis me deixar sozinha para pegar os exames. Ficou ao meu lado até que fomos mostrá-los ao médico da emergência.

— Bom, parabéns ao casal. Vocês estão grávidos. — o médico disse com um sorriso imenso. Ele sabia do nosso desejo de ter filhos, afinal, além de ser uma cidade pequena, eu era amiga de dois colaboradores do hospital.

— Espera. Você pode repetir isso? — eu falei incrédula, segurando a mão de Tay com tanta força que os nós dos meus dedos ficaram brancos.

— Isso mesmo que você ouviu. Vou passar aqui uma ecografia para termos precisão do tempo de gestação.

Tay e eu nos abraçamos e choramos rios de lágrimas de alegria. Passei a mão na minha barriga, onde meu pequeno milagre crescia. Nunca fiquei tão feliz na vida. Todas as minhas dúvidas, meus problemas e questionamentos sumiram naquele momento. Eu só tinha cabeça para pensar no bebê que crescia dentro de mim.



— Puxa, vou ser pai! — Tay repetia em intervalos de dois minutos enquanto caminhávamos até minha loja na praia.

— Eu sei. Parece mentira não é? — andávamos de mãos dadas e sorrisos bobos achando tudo na ilha ainda mais lindo.

Por alguns instantes, esqueci do diário de minha mãe e das fotos que encontrei. Deixei as fotos e a certidão no fundo falso, onde os encontrei. Mas levei na bolsa o diário espesso que continha alguns fatos que eu precisava saber sobre minha mãe. Talvez fossem apenas bobagens de adolescente. Mas talvez eu encontrasse algo sobre o bebê da foto.

Tudo isso teria de esperar um pouco. Eu ia curtir a euforia da descoberta que seria mãe. Precisava contar a dona Anastásia e minha nova família. Tay e eu decidimos não contar pra ninguém até fazer a ecografia. Queríamos passar todos os detalhes possíveis. O médico me receitou ácido fólico e complexo de ferro para ajudar na saúde do meu pequeno milagre.

Marcamos a ecografia para dali a dois dias. A obstetra do hospital estava em uma conferência fora da cidade. Eu não me aguentava de curiosidade.

Tudo estava se encaminhando para o bem. Finalmente, eu ia realizar o sonho da minha vida. Embora tivesse ficado chocada com toda a história do passado de minha mãe, triste pela necessidade que meus tios passaram e por não poder ter conhecido meu avô antes da demência, eu estava em um momento perfeito. Finalmente o universo conspirava a meu favor. Eu estava torcendo para tudo continuar dando certo. Já estava cansada de brincar de caixa dos segredos. Que o destino não me aprontasse mais nenhuma, ou eu seria capaz de amaldiçoá-lo até o final da era Terrestre.

Capítulo 9

Fomos ao hospital fazer nossa primeira ecografia. Como estávamos ansiosos!

— Então, dona Iolanda, você está de oito semanas. Aparentemente tudo certo com seu bebê. — a doutora me falava, enquanto fazia a ecografia e me mostrava meu grãozinho no monitor. Tay segurava minha mão, parecíamos dois bobos.

— Podemos ouvir o coraçãozinho? — eu perguntei, extasiada de tanta felicidade.

— Claro. Vou ligar o áudio.

E lá veio, aquele sonzinho maravilhoso, o som da vida que pulsava dentro de mim. Se você nunca soube o que é ter um ser crescendo dentro de você, jamais saberá a alegria que senti naquele momento. Meu marido e eu nos olhamos e, com o olhar que somente nós dois entendemos, tivemos o momento mais marcante e cheio de amor de nossas vidas.

Havia muito queríamos aumentar nossa família, mas ainda tão tínhamos conseguido aquele milagre. E então, finalmente, ele chegou. Choramos, rimos e nos abraçamos.

— Vocês querem saber o sexo do bebê?

— Mas já dá para saber nessa fase? — eu perguntei louca de curiosidade.

— Não pela ecografia. Mas vocês podem fazer um exame de sangue chamado sexagem fetal. Nele, nós podemos determinar o sexo da criança. Mas fica a critério dos pais.

— Se não for pedir muito amor, eu adoraria. — Tay estava mais curioso que eu.

— Então vamos. Eu topo, claro.

Saímos em direção ao laboratório e eu fiz a coleta de sangue. O resultado sairia em uma semana. Puxa! Eu mal poderia esperar.

— Feliz? — Tay me perguntou.

— Mais feliz que isso estraga.

— Podemos anunciar ao mundo que seremos pais?

— Até para a galáxia inteira. — nos abraçamos enquanto Sam vinha em nossa direção.

— Olá casal. O que fazem por aqui? Veio visitar dona Anastácia, Ioio?

Tay e eu olhamos um para o outro. Não sei o motivo de tudo ser tão certinho, mas logo em seguida chegou Rafa.

— Por que estão todos parados aqui no corredor?

— Não sei amor, eles estão com cara de paisagem e não disseram nada ainda.

— Estamos grávidos! — Tay e eu anunciamos juntos.

Sam e Rafa se olharam de um jeito estranho, deram um sorrisinho malicioso e disseram:

— Já sabemos. — e o riso correu solto.

— Você não acha que eu, como chefe deste hospital, vou ter meus melhores amigos aqui e não saberei o que está acontecendo? Acha? — Sam disse nos abraçando.

— Parabéns. Vocês merecem. — Rafa me deu um abraço de urso.

— Em breve saberão como é a casa onde se tem criança. Deem adeus à limpeza, organização e paredes brancas. — Rafa sempre se queixava dos filhos usarem as paredes como telas de pintura.

— É tudo que mais quero. — a alegria era imensa. Meu coração transbordava.

— Para completar a festa, estou indo dar alta à sua mãe. Querem ir juntos? — Rafa perguntou, enquanto segurava a prancheta de liberação.

— Vamos sim. Vamos aproveitar e dar a notícia do bebê. — seguimos felizes os três. Sam tinha ronda para fazer.



— Bom dia, dona Anastácia. Como está seu dia hoje? — Rafa perguntava enquanto eu e Tay beijávamos a testa de mamãe.

— Melhor se estivesse em casa.

— Então mamãe, você precisa mesmo ir para casa, temos muito o que fazer, já que temos um bebê a caminho!

— Não. Sério? Você está grávida? — eu sacudi a cabeça em

concordância.

— Gravidíssima. Exame de sangue e ecografias. Positivão!

— Meu Deus, serei avó. Parabéns minha filha, você merece, na verdade, vocês merecem. São tão responsáveis, tão queridos. Vocês serão pais perfeitos.

— Assim espero. — Tay disse brincalhão. — Acho que vou ser meio mole. O bebê vai me fazer de gato e sapato.

— Não tem problema. A mamãe está aqui para corrigir.

— Bom, então deixa eu dar minha notícia para que você possam fazer suas comemorações de forma adequada. Dona Anastácia, a senhora está de alta. Aqui estão algumas prescrições. Vai precisar fazer atividade física, pelo menos duas vezes por semana, tomar o remédio da pressão de forma correta e contínua e evitar fortes emoções. Pelo menos a princípio. Parabéns de novo. Vejo vocês à noite, no jantar da casa da colina.

— Espera! Que jantar? — eu perguntei.

— Ué, isso é uma celebração e tanto. Sua família está hospedada lá ainda. — Tay falou. — Vamos fazer um jantar. — e assim, Rafa nos deixou com parabéns, um papel de alta, receitas médicas e um jantar para preparar. E olha que o dia apenas começava.

Capítulo 10

Com todos reunidos para nosso jantar, seguimos com nossas comemorações. Mamãe de alta, nós como pais, uau! Eu seria mãe.

— Um brinde ao casal mais lindo dessa ilha e aos mais novos pais. — Rafa ergueu a taça. Estávamos ao redor da grande mesa da casa da colina. Não era na sala de jantar. Era um espaço reservado que Tay fez para quando quiséssemos fazer algum evento, afinal, aquela casa tinha a vista mais linda da ilha.

— Queremos agradecer à presença de todos. — eu disse com as mãos enlaçadas ao Tay. — Obrigada pela amizade antiga que temos. Obrigada à nova família que conheci e que está presente aqui para fazer parte desse momento ímpar. É um prazer imensurável conhecer todos vocês, pena que os demais não puderam comparecer para que eu os conhecesse.

— Nem meus pais, que estão em um cruzeiro, mas prometeram vir nos visitar assim que voltarem. — todos rimos e comemos felizes. Foi uma noite mágica.

Aproveitei que todos batiam um papo e fui olhar a praia da sacada, estava uma noite linda. Olhei para os céus e agradeci a Deus pelo presente maravilhoso que recebi de ser mãe. Achei que jamais seria possível levar alguém em meu ventre, mas aquela sensação acabou com todos meus medos. Eu estava completa.

Alguém me abraçou por trás. Aquele abraço que eu amava e conhecia. Aquele perfume que eu tanto amava, não era de nenhuma loja cara, era dele, do amor da minha vida, meu parceiro. Taylor era o par perfeito para qualquer mulher. Ele era a medida perfeita.

Tudo que sempre quis ele me deu. Ele era tudo que eu queria e precisava. Quando decidimos ter filhos e não conseguimos engravidar, ele era o marido amoroso e compreensivo que me apoiava sempre que o teste dava negativo. Era ele quem segurava minhas lágrimas quando eu percebia, mais uma vez, que ainda não seria mãe.

Ele nunca me culpou por termos esperado demais. Ele nunca me cobrou nada. Sempre fomos uma ótima dupla. Ele jamais levantou a voz pra

mim. Quando estava com raiva de alguma coisa, quando brigávamos, ele simplesmente saía para caminhar e voltava sereno, como se nada tivesse acontecido. Ele era perfeito. Às vezes achava irreal ser casada com um homem assim.

— Está perdida aqui fora, meu bem? — ele me pegou pela cintura e falou bem perto do meu ouvido.

— Só dando uma olhada no céu. Em alguns meses ele estará diferente porque teremos nosso bebê, nosso pequeno milagre conosco. — eu passei a mão sobre o ventre ainda pequeno.

— Seremos a família mais linda da ilha.

— Por quê? Só porque você é o pai mais lindo do mundo? — eu me virei para ele e o abracei.

— Não, porque você é a mulher mais linda do mundo e porque meus olhos são perfeitos. — nós rimos e voltamos para nossos convidados.



Acho que tudo tem um limite. Tive tantas coisas ruins nos últimos dias que chegaram, finalmente, os dias louváveis. Mamãe estava em casa, minha gestação estava ótima. E eu abriria em algumas horas o teste para saber o sexo do meu bebê.

Guardei em minha casa o diário que achei de mamãe. Não falei nada para ela sobre tê-lo encontrado. Por enquanto, estava focada na minha gestação e em ser feliz. Não sei o que continham aquelas páginas, mas achei melhor deixar para outra oportunidade. Talvez o que tinha lá fosse outra revelação bombástica como a dos pais de dona Anastácia.

A família de minha mãe já tinha voltado para a cidade deles. Não sei ao certo qual foi o assunto, mas parece que minha mãe pediu que vovó viesse morar com ela e mamãe a ajudaria com o vovô. Afinal, eles tinham muito para colocar em dia. Eu checaria com ela depois.

— Pronta? — Tay chegou à loja para irmos juntos receber o resultado.

— Claro. Mas o que você está escondendo aí atrás? — ele tinha um pacote nas mãos. Eu o abracei e tentei puxar o pacote. Dei uns beijinhos em seu pescoço e ele o entregou pra mim.

— Não resisti. Comprei isso.

Era um lindo macacão rosa. Todo delicado, com bordados feitos a mão.

— Nós nem sabemos o sexo ainda Tay. — eu coloquei junto ao peito a peça.

— Mas não importa! Se for menino a gente troca por uma roupinha masculina. — ele me deu aquele olhar que só a gente entende e fomos esperar a balsa que nos atravessaria para a cidade.

Capítulo 11

Nem preciso dizer que descobrimos que teríamos uma linda menininha. A alegria foi geral. Nem preciso dizer que Tay não segurou as emoções e chorou assim que abri o resultado do laboratório.

Tá bom, eu também chorei um pouquinho. Claro que não como uma bebê chorona — Tay fez isso. Ele me abraçou e soluçou no meu ombro.

— Sou o homem mais feliz do mundo. Sabe, vou te fazer uma confissão. Quando nos conhecemos achei você super gata.

— Tô sabendo, senão não teria flertado comigo.

— Essa não era a confissão.

— Pois diga, doutor.

— Pensei que você era só uma conquista. Que ia curtir um pouco e depois ia acabar, jamais me veio à mente que você seria a mulher da minha vida.

— Uau. Quanta honestidade a essa altura do campeonato. Mas obrigada pelo esclarecimento. É bom que tenho esse trunfo para contar a nossa filha. “Papai queria só dar uns pegas na mamãe e depois pular fora”.

— Você não seria capaz!

— Você não me conhece!

— Ah, se conheço...



Foi uma gestação bem turbulenta. Nada demais sabe, só o de sempre. Enjoos, vômitos, raiva de várias pessoas que eu nem queria ver pintadas na minha frente. Abusei perfumes, inclusive o que eu mais amava de Tay. E, além tudo isso, tive insônia. Inacreditável não é?

Grávidas geralmente possuem sono excessivo. Dormem onde encostam, e eu? Passava a noite quase toda acordada e dormia de dia. Precisei de apoio extra na loja. Quase não estava indo pelas manhãs. Muito raro até que eu fosse. Geralmente ia após o almoço, mas ainda acabava tirando uns

cochilos por lá.

Tay ria de tudo. Me chamava de dorminhoca, bela adormecida, ou rádio sintonia da madrugada. Como não conseguia dormir, eu ia para nossa sala, ligava uma música bem baixinho e ficava cantando para minha princesa.

— Acho que já passou da hora de chamarmos a mocinha de princesa. Amanhã você já vai fazer a ecografia de treze semanas. Vamos dar um nome a ela? — Tay disse um dia durante o jantar.

— Acho interessante sua proposta. Vamos colocar os nomes na mesa. — rimos, aquilo parecia um jogo de cartas.

— Sophia. — Tay disse.

— Não, muito Princesinha Sophia, o desenho sabe? Acho que Marta seria legal.

— Credo, isso é nome de velha. Minha filha não vai ter esse nome não!

— Ah, quer dizer que agora ela é sua filha? Que participação tenho nisso?

— Estou deixando você leva-la na barriga e ajudar a escolher o nome. Não reclame! Mal agradecida!

Conosco era sempre uma brincadeira. Tudo para nós era diversão. Acredito que por isso éramos tão felizes. Não costumávamos brigar, discutir ou passar dias sem nos falar. A vida é um sopro, passa muito rápido para deixarmos as pessoas que amamos com palavras duras.

Nunca conversamos sobre isso. Mas Tay pensa como eu. Se estamos juntos que seja pra valer, que seja de verdade. É amor, afinal, não é? Por que então não demonstrar a cada instante? Por que não ser, no mínimo, amável?

— Okay, sou a barriga ambulante então. Voto em Katariny.

— Sai fora, Ioio. Que nome é esse?

— Um nome como outro qualquer. E acho lindo. — dei de ombros.

— Filha, acho melhor deixar para o papai a árdua tarefa de escolher seu nome. Sua mãe tem um gosto péssimo. — ele disse rindo e falando com minha barriga.

— Corta essa, meu amor. Você quem é chato.

— Que tal um nome italiano?

— Só porque você nasceu lá? Nem pensar. Nem o seu nome é italiano!

— Donatela. — ele disse fazendo gestos com as mãos para o ar, como se fosse um pintor. — Perfeito! E meu nome é americano por causa da minha

mãe.

— Eca! Donatela? É a namorada de uma das Tartarugas Ninja? Ela vai ser zoada na escola.

Demos muita gargalhada nessa hora.

— Giulia, então? — Ele perguntou com a sobrancelha erguida.

— Giulia... hum. Esse é bom. Gostei. — passei a mão ao vento dizendo o nome completo de minha filha. — Giulia Braz Moretti.

— E por que não Salvatore?

— Eu estou carregando esse bebê, você escolheu o nome, pelo menos o sobrenome eu escolho. — eu disse em tom sério, como se estivesse dando uma ordem.

— É justo!

A partir daquele momento, começamos a chamar nossa filha pelo nome. Como era maravilhoso ser mãe. Minha Giulia.

Na ecografia do dia seguinte, saberia como estava minha Giulia e, segundo o médico me informou, com essa ecografia de treze semanas, dava para saber se a criança tinha Síndrome de Down. Esses médicos viviam nos assustando. Credo!

Capítulo 12

Chegamos no horário marcado, já que estávamos ansiosos para ter notícias de nossa filha.

— Então casal. Tudo bem por aqui. Ainda é muito cedo para determinar a formação, mas por enquanto está tudo bem. O bebê de vocês não tem Síndrome de Down.

Eu não percebi, mas estava segurando a respiração. Não que se minha filha tivesse Síndrome de Down eu não fosse amá-la. Mas era ótimo saber que ela não tinha.

— Como estão os enjoos? — a doutora perguntou.

— Ótimos. Eles vem o dia quase todo.

— Você nunca perde a piada, hein Iolanda. — a médica que nos acompanhava não era a mesma da emergência, que era um senhor, muito atencioso, por sinal.

— Não vejo motivo pra isso. Estou vomitando até as tripas, por que motivo eu ficaria infeliz? — eu ri.

— Não liga não doutora. Casei-me com uma comediante. — Tay me cutucava, enquanto a doutora fazia as últimas medições da Giulia.

— Dá pra notar que você perdeu um pouco de peso Iolanda, fique de olho. Não deixe de comer por medo de vomitar, isso não seria bom para a criança. Beba água com limão pela manhã, é um ótimo remédio para enjoos e faz bem pra várias outras coisas, além de não afetar sua mocinha.

— Sim senhora. E eu jamais deixaria de comer porque sei que vou vomitar, isso está fora de questão. Comer é a melhor coisa do mundo.

— Ei! — Tay disse de cara fechada. — Achei que a melhor coisa do mundo fosse eu!

— Ah, meu bem, isso também. Mas não posso te comer.

— Eu diria o oposto! — nós brincávamos na frente de quem fosse. Nunca ligamos para isso. Éramos completamente irreverentes.

— Acho que vocês são o casal mais louco que já atendi na vida. Espero que não façam sexo aqui na minha frente. — a médica fazia parte do time da irreverência.

— A senhora é voyer? — eu perguntei com cara de assustada e mão na boca.

— Até poderia ser, mas acho que uma mulher grávida não faria meu tipo de cena. — todos rimos da piada. — Aqui estão os exames e fotos do bebê impressos. Tudo segue bem. Vão embora logo antes de vocês cometerem uma infração grave neste hospital. Sabem como é, comunidade pequena. Em minutos a cidade e toda a ilha saberão. Fugam logo.

Ela nos deu um abraço, nos desejou parabéns e disse que, se todos no mundo tivessem nosso humor, não haveria tanto drama por aí.

Era sábado. Estávamos em nossa linda casinha, curtindo nosso final de semana com nossa pequena Giulia. Calma gente! Ela ainda não tinha nascido. Estava no cantinho seguro de meu ventre, dando umas pequenas mexidinhas para mostrar sua alegria de nos ter como pais. Pelo menos era nisso que eu queria pensar, que ela estava tão feliz como nós.

Se bem que deveria estar mesmo. Li em uma revista que os bebês sentem todos os sentimentos que a mãe sente. Então ela estava mesmo alegre. Porque eu não me cabia em mim de felicidade.

Éramos conhecidos na ilha e na cidade. Estávamos por ali há bastante tempo. Os moradores mais velhos, que nos viram florescer, estavam contentes por termos nossa família crescendo. Hora ou outra recebíamos um presentinho para Giulia. Todo mundo já sabia que era uma menina. Cidade pequena é bom para se morar.



Estávamos na rede quando notamos duas pessoas se aproximando.

— Parabéns meus amores. Vamos ter netinhos. — minha sogra, dona Kiara, chegava de braços abertos, mostrando toda sua alegria.

Levantamos da rede e fomos recebê-los. Era quase hora do almoço.

— Por que não nos avisaram que estavam chegando, poderíamos ter ido buscá-los. — Tay perguntou abraçando o pai.

— Era uma surpresa. Vocês já estão de mais de três meses e nós viajando pelo mundo. Já era hora de chegarmos. — minha sogra falava enquanto pegava uma sacola enorme da mão de meu sogro e nos entregava. — São mimos do mundo para minha netinha. Os de vocês estão na casa da

colina.

— Ué, mas vocês já passaram lá? — Tay achou estranho ninguém tê-lo informado sobre isso.

— Claro seu bobinho. Onde você acha que estão nossas bagagens?

— Não fique chateado. Pedimos que ninguém avisasse vocês. Senão não seria surpresa. — meu sogro, seu Enrico, que quase não falava, respondeu.

— Mas entrem, nos contem sobre a enorme viagem que fizeram após o cruzeiro. — eu disse já nos encaminhando para dentro de casa. Sorte a minha que sempre estava tudo no lugar, ou meus sogros encontrariam um lugar completamente inabitável.

— Depois falamos sobre isso, queremos saber tudo sobre Giulia... — ela fez um balanço com as mãos para que completássemos o sobrenome.

— Giulia Braz Moretti. — Tay disse. — Foi muito difícil chegarmos a esse nome, mas conseguimos.

— Sempre é quando se escolhe a dois. Que bom que vocês sempre chegam a soluções pacíficas. — minha sogra riu. Ela era encantadora.

— Eu não diria que foi pacífica. Mas depois de quebrar alguns utensílios do lar, inclusive aquele vaso de louça que você me trouxe da Grécia, nós acordamos que Giulia era legal. — dona Kiara fez cara de espanto.

— Para Ioio. Ela está brincando, mamãe. Nada foi quebrado. Desacordamos algumas vezes, mas nada demais.

— Já estava horrorizada. Não é do feitio de vocês.

— Eu vou preparar nosso almoço então, enquanto conversamos.

— Iolanda, minha filha. Você não conhece sua sogra? Acha mesmo que eu viria à sua casa, sem avisar e ainda te deixaria de plantão na cozinha?

— E qual foi a surpresa que nos preparou? Um almoço na casa da colina?

— Não. Não queria fazê-los sair de seu conforto no dia de hoje. Passei na sua mãe, encomendei um belo almoço que será entregue aqui e, para reunir a família toda, chamei minha amiga para vir partilhar desse momento de união.

— Sempre pensando em tudo dona Kiara.

— Você me conhece, minha nora. Odeio dar trabalho.



Foi um dia perfeito. Almoço em família, abertura de presentes para Giulia. Para minha linda mocinha, chapéus italianos, mantas caras, roupinhas variadas e alguns brinquedos de várias partes do mundo.

Os presentes que eles trouxeram para Tay, mamãe e eu, ficaram de ser abertos à noite em um jantar na casa da colina, para o qual convidamos Sam e Rafa.

Meus sogros não ficavam na minha casa quando iam à ilha. Sempre se hospedavam no hotel — a casa da colina. Eles não gostavam de atrapalhar. Eu os admirava muito. Não apenas por não se meterem na vida do único filho, mas por tudo que eles eram e representavam. Eram pessoas exemplares, ótimos sogros e ainda criaram um ser humano maravilhoso e que entrou para minha vida.

Minha mãe estava bem de saúde, minha avó prometeu trazer os meus outros tios para que eu os conhecesse e o vovô também. O único mistério na minha vida era meu pai. Por mim continuaria sendo. Eu não queria aquela pessoa na minha vida. Vivi bem até agora sem ele, não tinha motivos para procurá-lo.

Capítulo 13

Eu não tinha facilidade para engordar, então estava no peso ideal para meu período gestacional. Tay sempre ia comigo às consultas. Essa era a parte boa de ter o próprio negócio, tanto eu quanto ele poderíamos nos ausentar sem muita burocracia.

— Vamos lá, então casal. Vamos checar como está essa pequena moça. — a médica colocou o gel sobre minha barriga e passou para a parte prática. — Hum.

— Algum problema doutora? — eu apertei com força a mão de Tay. Estávamos com vinte e quatro semanas.

— Só um instante, querida. — algo estava errado. Eu sabia. Ela nunca tinha me chamado de *querida*.

— Fala doutora, como está minha filha? — eu estava apreensiva. Ela ainda ficou alguns segundos sem falar.

— A filha de você está com má formação. — ela fez uma pausa, aproveitei para fazer perguntas. Tay ficou mudo.

— Mas a gente consegue lidar com isso, não é? É nossa filha doutora. Ela respirou fundo e nos deu a pior notícia da vida.

— Infelizmente, pelo quadro da criança, é impossível que vocês consigam cuidar dela. Vou explicar a vocês. — ela começou a mostrar no monitor. — A filha de vocês tem má formação em diversas partes do corpo. Orelhas, olhos, fenda palatina e, por esta ser a ecografia morfológica, consigo ver os órgãos também. O coração da sua filha está no local errado e há cistos nos dois rins. Pelo quadro que vejo aqui, ela possui a síndrome de Patau. Crianças com essa síndrome, dificilmente sobrevivem após o primeiro mês de vida. Eu sinto muito.

— Mas o que causa essa má formação? — quando eu fiquei tão perplexa para fazer mais perguntas, meu marido agiu rapidamente.

— Geralmente esse fator é determinado por gestações em que a mãe está com mais de trinta e cinco anos.

— A culpa é minha. Eu passei isso pra nossa filha. — e foi então que meus soluços começaram. Eu chorei sem parar. Era uma dor horrível, que eu

não conseguia descrever.

— Eu sinto muito. Mas não se culpe Iolanda. É algo que você não poderia prever. Há várias mulheres que tem filhos após os quarenta e os filhos nascem completamente saudáveis. O seu caso foi uma fatalidade o que não tem nada que ver com culpa. Você fez tudo certo, seguiu dieta e tem uma vida equilibrada e faz exercícios moderados.

Tay me abraçou e choramos juntos. Sem palavras, sem desculpas, sem respostas. Éramos apenas nós, sendo o casal que éramos. Partilhando tudo, da forma que apenas nós sabíamos fazer.

— Se vocês preferirem, nesse caso, a gravidez pode ser interrompida. Há uma conselheira aqui no hospital, posso encaminhá-los para ajudar na decisão.

— Pelo amor de Deus Tay. — falei entre dentes. — Fala pra ela que eu jamais seria capaz de tal coisa. — eu disse no ouvido dele, enquanto derramava minhas lágrimas em seu ombro.

— Não precisamos disso doutora. Ela é nossa filha, independente de como venha. Não precisamos de conselhos de ninguém. Obrigada. — ele foi meio áspero, mas o momento não poderia ser delicado. Não tinha como.

Ela assentiu, saiu e fechou a porta. Nosso sonho, nosso pequeno milagre, que nos trouxe tanta alegria e planos para o futuro, nos fugia pelas mãos.

Saímos cabisbaixos da sala, com a ecografia nas mãos. Não queríamos ver ou falar com ninguém. Nos esgueiramos para que não fôssemos vistos. Como dar essa terrível notícia aos nossos parentes e amigos? Como sobreviver a ela?

Enquanto Tay dirigia para casa, ele colocava uma mão em minha perna e eu conversava com Giulia, acariciando minha barriga.

— Não se preocupe meu amor. Mamãe e papai estão aqui por você. Nosso amor não mudou. Você continua sendo nosso milagre. Ficaremos com você até você achar que é hora de partir. — ela deu um pequeno chute que fez mais lágrimas brotarem de meus olhos. — Que bom que você entende. Nosso amor é e será eterno. — peguei na mão de Tay que também chorava e fomos para nossa casa. Naquele dia não havia pique para trabalho.

Mandamos mensagens aos nossos colaboradores e informamos que ficaríamos em casa resolvendo detalhes sobre o quarto de Giulia. Mandeí mensagem para minha mãe com o mesmo fim e desligamos nossos aparelhos. Sentamos no nosso sofá e ficamos lá por um tempo, sem nada dizer ou sem

saber o que fazer em seguida.

Foi o dia mais longo da minha vida. Não me recordo de ter comido, bebido nada ou feito algo mais que chorar e acariciar minha barriga. Meu marido e eu ficamos deitados na cama na maior parte do tempo após decidirmos que o sofá já tinha nos cansado.

A noite veio, Tay adormeceu e eu levantei. Entrei no quarto de minha filha. Já estava todo pintadinho de branco. Alguns presentes estavam espalhados. Mandamos planejar um guarda roupas, mas eu ainda não tinha arrumado os presentes lá dentro. Fiquei encarando cada detalhe.

— Deus, sei que está aí. Dizem que não recebemos nada

além do que possamos suportar. Então me ajude a suportar essa dor tão profunda que tenho em mim. — eu falava enquanto tocava nas coisas de minha pequena. — Nunca pedi nada porque sempre tive tudo de que precisei. Hoje não te peço nada físico, nada que o dinheiro possa comprar, peço apenas força e que esteja ao meu lado nesse momento tão difícil.

E, com essa oração sincera e silenciosa, voltei ao meu quarto onde Tay dormia em um sono inquieto. Deitei-me ao seu lado e o abracei. Seja como fosse, estaríamos juntos. Disso eu tinha certeza.

Capítulo 14

More Than Words de Extreme. Era essa a música que eu escutava remoendo minha tristeza. Tay foi o cara forte da relação e avisou a todos do futuro de nossa pequena.

Eu não conseguia mais ouvir “sinto muito” ou “você ainda é nova e pode ter outros filhos”. Eu não queria outros filhos. Queria minha pequena Giulia. Que me ensinou o que é o amor de mãe. Que me chutava o ventre pela manhã quando era hora de acordar. Esse ser tão perfeito despertou em mim tudo que eu quis sentir.

Eu sabia que ela seria uma menina doce, mas cheia de vontades. Sabia que ela seria forte e decidida. Pela forma que ela crescia em meu ventre eu pude ver todo o seu futuro. Ela descansava junto comigo. Não era daquelas crianças que dormiam de dia e se agitavam à noite.

Minha Giulia, ninguém vai ficar no seu lugar. Jamais! Seu lugar é seu, apenas seu e, enquanto eu puder estarei ao seu lado.

Eu deixei a loja sob a responsabilidade da Paty. Todos os meus momentos, bons ou ruins eram de Giulia. Eu cantava para ela, contava histórias. Conteí como seu pai me conquistou. Como nos casamos. Sentia que ela me ouvia.

Quem nunca foi mãe, não pode me chamar de louca. Eu a queria feliz. Queria que ela se sentisse amada até seu último suspiro.



O que me aborrecia mais nessa situação toda eram amigos antigos, que hoje não passavam de conhecidos — falo de Pedro e Mayara — decidirem opinar na minha vida. Após a faculdade, cada um seguiu sua vida e nos tornamos adultos que um dia se conheceram na escola.

Pedro vive feliz com sua esposa jamaicana e Mayara ainda namora quem aparece por aqui. Não quer ou não consegue compromisso sério.

São pessoas que considero. Tivemos bons momentos juntos. Mas hoje não posso chamá-los de amigos. Nunca fizeram parte, de fato, da minha vida adulta.

Rafa e Sam sim são como irmãos pra mim. Deles eu até aceito sugestões, ouço, questiono, mas Pedro e Mayara? Quem são?

Com a maior cara de pau, Pedro me mandou uma mensagem:

Pedro: *Olá Ioio. Fiquei sabendo sobre sua criança. Ter filhos é maravilhoso. Tenho certeza que você será uma ótima mãe um dia. Pena que o destino quis de forma diferente. Deve ser terrível carregar uma criança por nove meses e depois ter de dizer adeus. Você deveria interromper a gestação para minimizar a dor. Sei que é possível nesses casos.*

Como ele ousava falar assim de minha filha? Ela não era um objeto descartável. Ela era minha filha, um pedaço de mim. Como as pessoas poderiam ser tão cruéis?

Iolanda: *Pedro, perdão pelas palavras, você sabe que sempre pesei o que dizer a todos e gostaria que você fizesse o mínimo de esforço para fazer o mesmo neste momento. Estou lidando com uma vida e não com um saco de lixo. Peço que guarde esse seu pensamento medíocre e hipócrita pra*

você. Você não sabe o que é ser mãe, não sabe o que é carregar uma vida dentro de você. Espero que seja melhor pai do que “amigo”. Eu JAMAIS tiraria a vida de uma criança. Eu a amo como ela é. Se ela tem problemas ou não, nunca deixou e nem deixará de ser minha filha. Graças a Deus que Ele te concedeu um filho saudável ou você teria se desfeito dele. Passar bem e obrigada pela “preocupação”.

Ele nem teve a coragem de falar mais nada, nem mesmo um pedido de desculpas. Acho que nunca fui tão ácida assim. Mas fiquei incrédula com o que ele teve a coragem de me propor. Pela amizade que já tivemos um dia, ele devia saber quem eu sou.

Mayara foi ainda mais cara de pau. Ela apareceu na minha casa, sem ser convidada e sem avisar. Apenas bateu à porta e perguntou se poderia entrar. Eu não estava com humor nenhum. Talvez os hormônios ou mesmo a raiva da humanidade que me dava tamanho asco.

— Posso entrar?

— Entra. Estou só arrumando umas roupinhas da Giulia na gaveta. — ela me olhou com cara de quem não entende nada.

— Como você está?

— Bem, obrigada.

— Você sabe. Com a gestação.

— Nada de enjoos, já enjoei o suficiente. No momento, apenas sentindo a presença da minha filha. Sente-se.

Sentamo-nos no sofá. Ela no maior e eu no de dois lugares.

— E você? Ainda não arrumou alguém pra passar o resto da vida? — brinquei sobre sua solteirice, decidida a mudar de assunto.

— Ainda não achei quem me tocasse profundamente. Nem no coração, nem nas áreas baixas. — demos um risinho como nos velhos tempos. — Você está uma mãe lindona.

— Obrigada. — eu sabia que ela insistiria no assunto. Ela nunca desistia do que queria.

— Não engordou muito, não teve espinhas. Sua pele reluz... — ela fez uma pausa. — Não acho justo que você passe por nove meses com esse bebê na barriga, estragando seu corpo e depois não vá ficar com ele. E não tem sentido algum você arrumar roupas pra uma criança que nem vai sobreviver. Acho que está perdendo seu tempo.

Meu Deus! Essa foi a pior que ouvi. Quanta mesquinharia. Eu nem sei dizer se há um adjetivo que descreva o que ela era e como eu me senti naquele momento.

— É sério isso? Fala pra mim que você não falou isso de coração. — eu falei incrédula.

— Pensa comigo Ioio, pra que levar essa gravidez adiante se não tem sentido? Tira logo esse bebê daí e vai tentar outro.

— Fora. Saia da minha casa agora! — eu levantei e já fui me dirigindo à porta.

— Só estou falando a verdade, amiga. — ela se desculpava como se tivesse dito que meu vestido para o baile não era o mais apropriado para meu corpo.

— Nós não somos amigas há muito tempo. — eu disse já com a porta aberta. — Não sei o que te dá o direito de vir à minha casa e falar essas coisas horríveis da minha filha. Estou pouco me lixando para meu corpo, o que me importa é minha Giulia.

— Iolanda, seja racional. Eu só estou tentando ajudar.

— Se fosse isso mesmo que quisesse você estaria ao meu lado, me apoiando e incentivando que eu cuidasse da minha filha até o momento do adeus. E quem é você pra me dizer o que fazer com um bebê? Você não consegue nem segurar um namorado, nunca foi mãe, sua vida é regada a festas, sexo e bebedeiras que só te deixam vazia no dia seguinte. Se toca Mayara. Antes de vir me dar conselhos arrume sua vida. E aproveite para se tornar um ser humano melhor! Você não tem ninguém. — bati a porta sem lhe dar direito de resposta e, com isso, enterrei de vez o pouco de respeito que ainda tinha por ela.

Quando a raiva passou, eu só sentia dor, chorei a baldes. Como o ser humano era cruel!



Eu estava mais forte. Não chorava por baboseiras. Segui meu dia como se nada tivesse acontecido. Eu tinha uma criança que precisava que eu fosse forte por nós duas e era isso que eu faria.

Não dei uma única palavra a Tay sobre os ocorridos. Sei que a vida da nossa filha mexia demais com ele. Era capaz de ir à casa de Pedro e socar-lhe a cara na frente da família. Quanto à Mayara ele falaria para ela tudo o que eu já tinha dito. Então deixei pra lá.

No mundo existe todo tipo de gente. Boas ou más, seremos sempre cercados por elas. Devemos saber nos aproximar dos bons e suportar os maus. Nem todos que passam por nossas vidas são amigos de verdade ou querem nosso bem. O melhor momento é quando a nossa venda cai e conseguimos ver a feiura que há em seus interiores.



Mamãe passava todos os dias pela manhã para ver como estávamos. Levava café da manhã e ficava comigo até a hora do almoço. Ela levava mimos para meu bebê. Era a avó que Giulia amaria. Tay chegava sempre mais cedo da casa da colina. Passávamos horas conversando com Giulia. Ela amava a voz do pai. Sempre se mexia muito ao som dela.

Meus sogros apareceram durante a gestação umas duas ou três vezes para nos dar apoio, mas ligavam com frequência para saber se precisávamos de algo. Vez ou outra apareciam grandes presentes que, tenho certeza, Giulia amaria.

Ninguém na nossa família, incluindo Sam e Rafa, tratavam como se a perda de Giulia fosse iminente. A vida seguia, para ela e para nós. Não sabia o que o futuro nos reservava ou quanto tempo teríamos com ela. Mas uma coisa eu sabia. O tempo que fosse seria perfeito e cheio de amor.

Capítulo 15

O grande dia chegou. Eu estava com medo. O quarto da minha linda bebê estava arrumado. Sua malinha estava pronta. Muitas pessoas queridas torciam por nós.

No hospital, estavam meus sogros, minha mãe, meus melhores amigos. Nossos funcionários dedicados e parceiros cuidavam de nossos estabelecimentos com amor, mas nos deixaram com abraços e desejos de boa sorte. Alguns deles oravam, outros rezavam por nós. O que me importava era o carinho que eles tinham para conosco. Éramos uma família e não chefes e empregados.

A família de minha mãe ligou e nos desejou sorte. Disse que seus corações estavam conosco.

Era uma cesárea. Todos aguardavam na sala de espera, enquanto Tay e eu estávamos na sala de operações.

— Vai dar tudo certo amor. Estou aqui com vocês.

— Eu sei Tay, Você sempre está. — ele estava ao meu lado e deu um beijo na minha testa.

— Prontos? — a médica perguntou. A anestesia já tinha começado a agir. Chegou a hora.

— Sim. — Tay respondeu.

— Estou com medo. — eu disse já começando a chorar.

— Não tenha. Estamos juntos.

Era um momento delicado. Não porque era um parto, mas pela frágil condição de minha filha. Foi bem rápido. Mais do que imaginei. Em cinco minutos a médica informou.

— Ela nasceu. Parabéns. E que Deus abençoe vocês. — ela tinha um tom pesaroso. Ela amava a profissão e trazer bebês saudáveis ao mundo era seu maior prazer.

Giulia não chorou.

— Ela está bem? Não está chorando. — no mesmo momento ouvi seu chorinho lindo e minhas lágrimas brotaram ainda em maior volume.

A médica trouxe minha filha e a colocou sobre meu peito. Tay e eu choramos e acariciamos nossa filha. Mesmo com todos seus problemas e seu corpinho frágil ela era linda. Era o ser mais maravilhoso que a Terra já viu.

Ela tinha dedinhos a mais em seus pezinhos. Sua fenda palatina não era tão grande, mas seus olhinhos eram bem próximos um do outro.

— Meu amor, como eu te amo. Mamãe está aqui por você. Não tenha medo. Eu jamais vou te abandonar. — Tay assistia a tudo sem falar nada. Mas eu o conhecia, estava sofrendo também. — Você é muito amada. Princesa linda, perfeita. Deus quis que você viesse ao mundo assim, mas o nosso amor por você não depende da sua condição.

A sala de parto estava em silêncio. Todos prestavam atenção à cena que seguia. Não ousaram tirar Giulia dos meus braços. Minhas palavras emocionaram a todos que, ou choravam, ou tentavam se conter. Foi um momento doloroso.

— Precisamos fazer alguns exames na sua filha Iolanda. — a doutora veio pegá-la de meus braços.

— Por favor, não a tire de mim. E se ela se for e eu não estiver por perto? — minha dor era terrível. Se você acha que sofrer por amor dói, imagine perder um filho.

— Será rápido. Prometo. Poderemos saber como estão suas funções e tudo o mais. Taylor, se desejar pode vir acompanhar os procedimentos.

— Vá amor. Não a deixe sozinha. Ela precisa saber que estamos aqui. — Tay não disse nada, apenas se afastou de mim e acompanhou nossa filha.

A doutora passou Giulia para um pediatra. Enquanto ele a examinava, a equipe me limpava e

fechava minha cesárea.

Meus pensamentos não estavam naquela sala, mas sim no pequeno ser humano que era avaliado em outro lugar. Eu falava baixinho com Deus. Buscava força e consolo.

— Meu deus, sei que minha filha não é perfeita. Mas obrigada por eu poder tê-la em meu ventre. Não a deixe sofrer. Eu aguento todas as dores, até a perda dela. Mas não deixe que ela sofra. — eu não conseguia parar de chorar. A dor era tão grande que minha vontade era abrir o peito e arrancá-la lá de dentro.

Eu saí da sala de parto e fui para outra sala aguardar que minha filha voltasse. Não era protocolo do hospital que o bebê ficasse com a mãe antes de ir para o quarto, mas nosso caso era especial.

— Aqui está sua filha. Os exames foram feitos. Ela tem um leve problema nos rins e uma insuficiência respiratória, mas por enquanto ela aguenta. Não há como determinar quanto tempo vocês tem. Sinto muito. — o pediatra falou, mas Giulia estava nos braços do papai.

— Eu queria segurá-la pra sempre. — Tay disse olhando para ela em seus braços. — Mas acho que ela quer a mamãe.

Giulia estava tranquila. Com ar de feliz. Eu a peguei nos braços, senti seu calor, seu corpinho pequeno e frágil. Eu a amamenteei e senti a sensação mais gostosa do mundo.

— Ela sabe que é amada e querida. Dê a ela seu amor. Deixe-a sentir que estamos aqui por ela. — Tay já não chorava mais. Vi em seus olhos que ele tentava ser forte por mim. Por nós três. — Vou avisar à família que ela nasceu.

— Tudo bem. Mas na hora da visita, não quero que ninguém entre. Hoje ela é nossa. É um momento só nosso. Nem mesmo minha mãe.

Tay assentiu e saiu da sala. Voltou alguns minutos depois e ficamos lá, juntos. Como família. Não pensamos que ela poderia não estar conosco no dia seguinte. Apenas apreciamos cada segundo. Nos amamos, dissemos palavras de amor para nossa filha. Ela estava aninhada em meus braços. Tivemos momentos maravilhosos que jamais serão esquecidos. Fomos o que planejamos uma vida inteira. E é isso que quero deixar pra vocês. O hoje é tão importante. Ele nos torna o que seremos amanhã. O hoje pode ser a única coisa que você tem. Então aproveite para pedir perdão, para amar, para ser feliz. O amanhã pode não vir ou pode ser um dia pior, quem sabe?! Mas o hoje não. O hoje é seu! Faça dele o dia mais feliz de sua vida, porque ele é a única certeza que você tem, pois ainda está nele.

Capítulo 16

A hora tinha chegado. Sentimento de mãe não erra.

— Está chegando a hora, estou sentindo. — eu disse a Tay.

— Segura na minha mão. — ele estava ao meu lado na cama. Uma mão segurava a minha enquanto a outra pousava sobre o corpinho da nossa bebê.

Tivemos a oportunidade de conviver com Giulia por apenas seis horas. Ela não resistiu a tantas provas.

Ficamos olhando para ela, até que seu corpinho deu uma tremidinha e um último suspiro. Ela descansou. Senti seu peso aumentar sobre meus braços, ela se foi.

Ficamos com ela, choramos, dissemos algumas palavras:

— Adeus minha pequena. Sua estada foi breve, mas eterna em nossos corações. Te amamos muito. — Tay disse em meio a soluços.

— Você jamais será esquecida. Nos encontraremos um dia na eternidade. — eu disse beijando sua testa.

Os momentos seguintes foram um borrão. Médicos a levaram de mim, eu chorei baldes de lágrimas:

— Tragam minha filha de volta. Eu quero minha Giulia. — quanto mais eu chorava, mais sentia necessidade de chorar. Era uma dor infinita. Eu sabia que ela precisava ir, mas não estava preparada pra isso. Acho que ninguém está. Tay avisou aos familiares e amigos. Como foram dispensados de nossa companhia, apenas quem ficou no hospital foram mamãe e Sam. Meu marido avisou a todos que Giulia já descansava. Eu não quis ver ninguém.

Fiquei mais aquela noite no hospital. Recebi alta no dia seguinte. Tay passou a manhã fazendo os preparativos para o funeral de uma pequena princesa que teve uma vida tão breve.

Enquanto milhares de pessoas abandonavam ou desperdiçavam suas vidas pelo mundo afora, minha filha, que era tão querida e desejada, foi-se tão cedo.

O funeral foi no dia seguinte à tarde. Houve muito choro, era muita tristeza. Eu não quis que o caixão dela ficasse aberto. Não aguentaria vê-la partir daquela forma. Despedi-me dela ainda no hospital. Pedi que fechassem seu caixão branquinho.

No cemitério, tivemos uma oração. Pedimos a Deus que a recebesse de braços abertos no céu.

Todos tivemos um dia duro. Nossos entes queridos e amigos foram para suas casas, conforme pedimos. Queríamos ficar sozinhos novamente.

— Tay, isole o quarto dela. Tranque e guarde a chave. — ele anuiu com a cabeça e fez o que pedi.

Meu marido pegou tudo que pertencia a Giulia e guardou em seu quarto. Era o “museu de Giulia”. Seu cantinho que ela não conheceu ou desfrutou. Ele revelou a foto que fizemos na sala de parto. Quando ela nasceu tiramos uma foto emocionada de família, o momento em que Giulia conheceu nosso mundo. Colocou-a em um porta-retratos na lareira da sala e foi apenas isso que deixamos fora do “museu”. Era um momento congelado que guardamos da visita de nossa princesa.

Capítulo 17

Eu não quero outro bebê. Não quero que ninguém substitua a Giulia. Taylor me disse que isso era parte do luto. Que um dia eu ia tentar de novo e ele estaria ao meu lado na decisão que tomasse.

Não dava para tentar outra gestação assim tão rápido. Ainda mais porque foi um parto cesáreo. Então eu relaxei. Mesmo que Tay desejasse tentar um filho, eu não poderia tão cedo.

A vida seguiu. Algumas semanas após a despedida de Giulia, mamãe veio me visitar na loja.

— Tem um tempinho pra mamãe?

— Claro, sua boba. Sempre tenho.

— Trouxe café da manhã.

— Obrigada. Vamos sentar no escritório. Paty, cuida da loja pra mim, por favor. — fomos então bater um papo.

— Eu sinto muito por tudo que você passou em um espaço de tempo tão curto.

Eu fiquei calada, não sabia ao certo a que ela se referia. Foram tantas coisas que eu nem imaginava qual era o ponto naquela conversa.

— Eu tive aquele problema de saúde, você descobriu que ainda tem família viva, que eu não sou filha de quem você achou. Sinto muito por ter mentido sobre tudo, principalmente ter escondido seu pai.

— Mãe, para. Não precisa. De certo modo te entendo. Era sua vida e não a minha e sobre meu pai, eu não ia querer contato com um homem que mantinha uma vida dupla. Talvez se ele soubesse sobre mim ia pedir pra você abortar, não sei. Acho que foi melhor assim. Eu tenho você e você a mim. Somos uma da outra.

— Queria que você não tivesse perdido a Giulia também. Sei que esse foi o golpe mais forte que a vida te deu nesses últimos tempos.

— Eu não queria perdê-la, mas sei que ela sofreria muito. Foi melhor pra ela assim. Deus sabe o que faz. — disse com pesar, porque meu desejo era cuidar daquela pequena. — Mas ela está em um lugar melhor e eu preciso aprender a conviver com isso.

— Sim, eu sei. Estou aqui para o que precisar. — ela me abraçou. Estávamos sentadas lado a lado no sofá.

— Eu sei mamãe. Você sempre está.



Seis meses depois

Era nosso aniversário de casamento, Tay resolveu me dar um presente diferente.

— Ei garota, feliz aniversário! — ele me levou café na cama. Era um lindo domingo.

— Obrigada moço. Você é maravilhoso. Parabéns pra você também por me aturar tanto tempo.

— Sabe que pra mim isso não é esforço nenhum.

Tomamos café no quarto. Em todos os anos que estivemos juntos, ele sempre me fez uma pequena surpresa nesse dia. Nunca esqueceu, nunca deixou passar em branco. Mas nesse ano ele se superou.

— O que são aquelas malas? — havia algumas no canto do quarto. — Não diga que vai me deixar nesse dia tão especial.

— Sinto muito, mas você é um tédio. Decidi te fazer esse café da manhã como despedida. — ele revirou os olhos. — Esse ano resolvi que vamos fazer algo diferente.

— Sou toda ouvidos, por acaso vou ser sequestrada? — eu ria enquanto tomava uma xícara de café.

— Claro que vai. Pelo marido mais gato da Terra. — eu ri. —Vamos passar dez dias fora. Precisamos descansar. Preparei uma pequena viagem para Veneza. Você sabe, aqueles canais, passeios românticos e casinhas à beira do rio. O tipo clichê que você tanto ama.

— Sabe que não podemos nos ausentar assim de uma hora para outra. — eu falei, mas louca para partir com ele. — Temos nossos trabalhos.

— E desde quando você acha que sou esse homem relapso? Não é de uma hora para outra. Estou preparando essa viagem há um mês. Já reservei hotel, passeios e avião. Nossos comércios estão preparados também para nossa viagem.

— Que menino levado você! Mas é mês das férias de Paty.

— Acontece que já marquei isso com ela também, acha que não sou preparado?! Ela sai de férias assim que voltarmos.

— Todos contra mim. Ninguém me avisa nada.

— Desde quando uma surpresa deve ser revelada?

— Quando vamos?

— Ainda hoje, no final da noite.

— Você estragou meu presente. Ia te levar para jantar. Então tome aqui a segunda parte. — dei a ele um belo relógio.

Viajamos ainda no domingo à noite. Fomos de ônibus até a metrópole e pegamos o avião no aeroporto principal.



— Puxa, que lugar lindo!

Veneza era a cidade perfeita para amar e para o amor. A primeira coisa que fizemos foi dar um passeio de gôdola chegamos lá na manhã seguinte, após longas doze horas de voo. Tay e eu parecíamos dois recém-casados. Olhares ternos e apaixonados. Ar de cumplicidade e compreensão.

— Acabaram de casar? — o condutor da gôdola nos perguntou.

— Na verdade estamos juntos há dezesseis anos. Mas pra nós o amor é recente. — Tay tomou a frente e respondeu.

— Que belo. Aqui isso não é comum. O amor só chega por essas bandas quando é recente. Geralmente são casais em lua de mel.

— Estamos comemorando nosso aniversário de casamento. — Taylor falou mais uma vez. — Foi o meu presente.

O condutor assentiu e nos deixou curtir o momento mágico que aquela cidade trazia para o amor. Tay sempre foi maravilhoso. Pelo menos nessa eu tinha acertado. O marido dos sonhos, o marido perfeito era Taylor e ele foi encontrado por mim, era meu.



O hotel que Tay reservou era cinco estrelas. O quarto era um luxo. Ele tinha pensado em tudo.

— Você não achou que eu te levaria para uma espelunca não é? — eu pulei nele e me pendurei em seu pescoço.

— Como posso agradecer a Deus por ter um marido tão perfeito?

— Que tal começar com um beijo?

Nos beijamos apaixonadamente. Tay ligou uma das minhas músicas preferidas: *What a Feeling* do filme *Flashdance*. Eu adorava músicas dos anos oitenta.

— Quando foi que você preparou tudo isso? Até a música foi escolhida?

— Tive de ativar meu clone para vir até aqui e preparar tudo com antecedência. — ele riu. — Você jamais saberá meus segredos.

— Você é um mago!

— E vou realizar seus sonhos. Te amo linda.

— Também te amo Tay. Obrigada.

Ouvindo aquela música ele me colocou na cama. Delicadamente, ele tirou minha roupa e começou a me beijar. Enquanto eu o olhava nos olhos ele descia da minha boca para meus seios. A música seguinte era de Bryan Adams, *Please Forgive Me (Por favor me perdoe)*. Aquele homem não existia.

— Não posso te perdoar por roubar meu coração, nem por me fazer tão feliz.

— Vai ter de me perdoar então por te dar orgasmos múltiplos.

E, quando ele falou isso, começou a me penetrar de forma lenta, profunda e carinhosa, me levando ao mais perfeito dos céus.



— Planejei uma manhã de compras pra você hoje. — ele me disse pela manhã.

— Até isso? — eu sorria dando-lhe um beijo na bochecha.

— Planejei todos os dias. Sei que vai querer levar uns cacarecos pra casa e uns presentes. Então você vai e eu vou descansar porque você acabou comigo noite passada.

— Você é um molenga. Eu já estou de pé.

— Então vá gastar dinheiro. — ele se virou na cama e eu aproveitei a deixa e fui às compras.

Na [Ponte Di Rialto](#) encontrei um ponto de compras muito famoso. O lugar era maravilhoso, além de ter várias lojas ainda era perfeito para fotografar. Pena que meu marido preguiçoso ficou no hotel. Tirei várias fotos sozinha. Eu ia aproveitar tudo naquelas férias, eu precisava.

Assim como ele disse, comprei muitos cacarecos e presentes. Foi uma manhã proveitosa. Ao meio dia ele me ligou:

— Ei garota. Que horas você vem para o almoço?— Já? Puxa, perdi a hora.

— Estou te esperando na Praça de São Marcos.

Tivemos um almoço lindo e romântico. Tiramos fotos juntos na Praça e na Basílica, que são conhecidos por ser um dos principais pontos turísticos de Veneza. Era preciso procurar lugar para fotos, pois estava apinhado de gente.

Uma semana maravilhosa passou, quando Tay me surpreendeu de novo:

— Amanhã vamos de trem a Verona.

— Ei, isso é um tour pela Itália?

— Você merece! — com aquele olhar arrebatador, de olhos azuis celestes, Tay me beijou profundamente. Quando ele me olhava, parecia que o mundo parava de girar. Não entendo como há pessoas que dizem que a paixão acaba após o casamento.

Taylor e eu éramos completamente apaixonados um pelo outro. Eu sentia meu coração

acelerar e ter borboletas no estômago sempre que o via depois de um longo dia de trabalho. Ele sempre me fazia pequenos gestos de amor — flores, jantares, cinema, filmes selecionados em casa. Agora essa viagem perfeita.

Aquele olhar que tínhamos no início do namoro era o mesmo até hoje. Eu me encantava e eu me perdia naquela profundidade. Era um azul, muito azul. Era um mar que me afogava, um céu que me arrebatava. Se havia pessoas que não sentiam isso após quinze, vinte anos juntos, o máximo que eu poderia fazer era sentir pena delas por não serem como nós.

— Vai me dizer o que vamos fazer lá? — eu perguntei. Mas pela sua cara de garoto levado seria mais uma surpresa. E que surpresa! A viagem de trem percorria lugares incríveis e inimagináveis. De belezas profundas e naturais. Em Verona, Taylor me levou, nada mais nada menos, para conhecer o muro de Julieta do filme *Cartas para Julieta*. O muro existia mesmo!

— Uau! O muro é real. — eu fiquei perplexa.

— O engraçado é você assistir a filmes e não procurar curiosidades sobre eles. Vi que era de verdade e quis trazê-la aqui. Você gostou tanto do filme.

— Que sonho! — passei a mão no muro e notei cartas variadas. O muro era o local onde milhares de pessoas escreviam cartas para Julieta, buscando respostas sobre seus amores.

De acordo com o que vi no filme, mulheres eram contratadas para responder a essas cartas. E era lindo.

— Não vai escrever algo pra deixar aí? — Taylor perguntou.

— Claro que não. — falei com espanto.

— Mas por que não? — ele não entendeu nada.

— O muro é para que suas respostas sobre o amor sejam respondidas. Mas minha resposta está na minha frente.

Com aquele olhar de compreensão, tiramos fotos para guardar daquele belo lugar. Fomos a uma vinícola, degustamos vinhos e queijos. Dormimos em um hotel fazenda e voltamos para Veneza, de onde partimos, ao final dos dez dias, para nossa pequena ilha de paz.

Capítulo 18

Acredite se quiser. Mas eu estava grávida. Pela segunda vez em seis meses. Como eu sei? Quando se engravida pela primeira vez você não sabe de nada, mas na segunda você sente e foi o que aconteceu comigo. Senti que estava grávida. Fiz xixi em um copinho de exame de farmácia e deu positivo. Corri no hospital e fiz um teste secreto. Positivo de novo.

Droga! O que eu ia fazer? Se eu não queria mais ser mãe? Poxa, claro que eu queria! Era o que mais queria na vida. Não esqueci minha pequena Giulia, mas a vontade de ter outra criança voltou com força total. Qual era o problema? Tinha medo de dar tudo errado de novo.

Como contar a Tay? E se eu contasse e tivesse outros problemas na gestação? Ele ficaria um caco, mas também não dava pra levar o peso do mundo nas costas.

Como eu ia esconder? Ia fugir aparecer nove meses depois e dizer “parabéns, tivemos um bebê!”? Como seria isso? Precisava preparar meu psicológico.

— Então, amor. Promete que não vai surtar. — falei à mesa do jantar.

— O que você fez de errado? Inundou o banheiro de novo? — quando pedia a ele que arrumasse algo e ele não fazia eu tentava fazer por conta própria, mas era uma negação. Quebrei o cano que levava água para a pia certa vez e alaguei o banheiro antes de conseguir desligar o registro.

— Vou ignorar seu comentário! — eu pigarreei e empurrei um papel pra ele sobre a mesa da conzinha, onde estávamos.

— Positivo. — ele leu em voz alta. — O que é isso?

— O que você tem de lindo, tem de lerdo. Estamos grávidos, outra vez. — falei meio sem jeito.

Ele não se aguentou de felicidade. Levantou da mesa, me puxou para os braços e me rodopiou.

— Calma. Me promete que não vai contar pra ninguém até fazer três meses. Não quero que dê nada errado.

— Não vai dar Ioio. Relaxa. Foi só uma vontade estranha do universo.

Comemoramos nossa nova gestação. Eu estava feliz, com medo, mas feliz. Carregava uma vida dentro de mim de novo e, com fé em Deus, tudo daria certo.

Como combinado, após fazer três meses, contamos para todos sobre o bebê. Eu passei um tempo andando de roupas folgadas, todos achavam que eu estava escondendo gordurinhas porque sempre tinha sido magra.

Claro que todos que nos amam ficaram felizes. Foi muito difícil fazer exames sem que Rafa e Sam soubessem que eu estava no hospital, mas eu obtive sucesso na missão.

Com três meses, descobrimos que estava tudo bem com nosso filho. Isso mesmo. Era um menino. Decidimos, ainda na sala de ecografias, que o nome dele seria Gabriel, o anjo de nossas vidas. Era nosso segundo milagre. Estávamos extasiados de emoção.

Quando fiz seis meses de gestação, fizemos um chá de fraldas. Ganhamos coisas demais para Gabriel. Além das fraldas; roupas, mamadeiras e todo tipo de utensílio. Dessa vez, ambas as famílias estavam presentes. Meus avós, tios, primos, assim como meus sogros e alguns familiares de Taylor.

Dessa vez eu não quis arrumar o quarto de Gabriel como fiz com o de Giulia. Achei muito precipitado. Estava guardando tudo o que ganhava ou recebia no porão.

— Um brinde a Gabriel, o anjo de nossas vidas. — Dona Kiara brindou. E, em meio a gritos e celebrações, desmaiei.

De início achei que era cansaço porque tinha corrido o dia todo com os preparativos para o

chá. Mas, após o brinde de minha sogra, comecei a escurecer as vistas. Quando voltei a mim, já estava em uma maca, atravessando o corredor do hospital. As luzes passavam rapidamente em frente a meus olhos e Tay corria ao meu lado.

— Você está bem, amor? — sua cara era de susto.

— O que houve? — eu perguntei desesperada, já colocando a mão sobre minha barriga.

— Não sabemos ainda. Foi feita uma ecografia e você está quase sem líquido. Vai ser feita uma cesárea de emergência.

— O quê? Mas Gabriel ainda não fez sete meses. — eu já estava em prantos.

— Calma. Estou com você.

E, mais uma vez, eu passava por aquela sala de parto, com medo, sem saber do futuro e se meu bebê sobreviveria.



Gabriel nasceu e foi levado para a incubadora. Ele era um bebezinho minúsculo. Do tamanho da mão de Tay. Assim que minha anestesia passou eu fui checar meu bebê. A pediatra estava o examinando. Tay me levou em uma cadeira de rodas.

— Como está meu filho, doutora?

— Por enquanto bem. Não sabemos o que causou sua perda de líquido. Você não sentiu nada?

— Não. Se eu tivesse sentido qualquer coisa teria vindo correndo para o hospital.

— Talvez você tenha perdido aos poucos. Deve estar assim há dias.

— Mas ele vai ficar bem? — Taylor perguntou.

— Embora esteja completamente formado, ele ainda é muito pequeno para sair do útero. Vamos esperar que ele seja um garotão forte.



Eu recebi alta no dia seguinte, logo após fazer exames e confirmar que estava tudo bem comigo. Não poderia ficar na UTI neonatal. Então fui para casa. Mas pedi a Deus em cada segundo longe do meu filho que Ele o protegesse.

Visitava meu bebê todos os dias. Meus seios doíam de tanto leite. Passei a retirar no hospital para que dessem ao meu e aos demais bebês que precisassem, caso as mães não pudessem oferecer-lhes.

Sentia necessidade de segurar meu filho, mas Taylor e eu só podíamos olhá-lo por fora da incubadora. Ele tinha grande risco de pegar doenças. Sua imunidade estava muito baixa.

Todos os nossos familiares foram visitá-lo. Contávamos os dias para que Gabriel fosse para casa. Ele era tão lindo e fofo. Ainda não dava para saber com quem parecia. Mas era lindo demais.

— Após alguns exames constatamos que Gabriel está com um problema de plaquetas. Precisaremos fazer uma transfusão de sangue. Preciso que vocês assinem a autorização. — a pediatra nos informou em uma tarde quando fomos visitar nosso príncipe.

— Mas ele vai ficar bem? — perguntei, já nervosa.

— Vamos torcer que sim. — a transfusão foi feita com sangue do banco, assim que assinamos a autorização.

Exames foram feitos e fomos informados que Gabriel estava bem. Poderíamos ir para casa

com tranquilidade.

Já era seu sétimo dia na incubadora quando nos ligaram do hospital.

— Precisamos que os responsáveis pelo bebê Gabriel Braz Moretti venham ao hospital com suas respectivas documentações.

— Está tudo bem com ele? — Taylor perguntou. Estava ao meu lado no sofá de casa. Tínhamos acabado de almoçar.

— Sou apenas telefonista senhor, não tenho essa informação.

Taylor e eu fomos aflitos para o hospital. Rafa estava em um congresso fora da cidade, por isso não tinha informações sobre Gabriel e Sam não estava de plantão.

Respiramos fundo e fomos à UTI. A incubadora de Gabriel estava vazia.

— Cadê meu filho? — eu perguntava em pânico para a pediatra que vinha com uma prancheta nas mãos.

— Calma amor. — Taylor me pegou pelo braço.

— Sinto muito, mas Gabriel teve um mal súbito causado por uma incompatibilidade sanguínea e faleceu.

— Quê? — minhas lágrimas silenciosas rolavam com tamanha força que eu já não via mais nada.

— Mas que tipo de incompatibilidade é essa? — Taylor tentava manter a calma.

— Ainda não sabemos. Precisamos fazer alguns testes.

— De jeito nenhum! Ninguém vai abrir o meu filho. — eu estava com raiva e dor. Mais uma vez perdia um filho. Mais uma vez voltava para casa sem meu bebê. E dessa vez era para sempre. Gabriel não iria para casa. Vomitei tudo o que comi no almoço ali mesmo.

Não autorizei exames para declarar a causa da morte. No atestado de óbito veio apenas “causas naturais” como fator do óbito.

Mais uma vez Taylor preparou todo o enterro e choramos a perda de outro filho. O que eu fiz meu Deus para merecer isso?



Um ano depois

Decidimos que engravidar estava fora de questão para nós. Eu sabia que poderia engravidar, afinal já tivera dois bebês, mas algo dava errado e eu os perdia. O medo de passar por essa dor novamente me fez ver que eu tinha outros meios para ter filhos.

— Sabe Ioio, podemos adotar uma criança. — um dia de sábado Taylor me pegou de surpresa enquanto lavávamos a louça do café da manhã.

— Eu estava pensando nisso. Mas não sabia como abordar o assunto com você.

— Seremos uma família de qualquer modo.

— Taylor, você não existe! — eu o abracei com ternura.



Adotar não era fácil. Muita burocracia, poucas crianças para adoção, pelo menos na nossa cidade. Decidimos ir mais longe. Fomos à Metrópole em busca de um abrigo com crianças em busca de um lar.

Eram tantas que nossa vontade era levar todas para casa. Mas amor é uma coisa estranha. Quando você menos espera é pego de surpresa.

Uma linda menina de cabelinhos castanhos e cacheados veio correndo e agarrou minha perna, assim que entramos na brinquedoteca. Lá estavam todas as crianças que estavam para adoção. Algumas estavam lá porque os pais eram usuários de drogas ou não tinham como mantê-las, estas ficavam separadas na hora da visita adotiva, pois ainda possuíam família.

A garotinha tinha pele clara, cabelos castanhos bem cacheadinhos na altura do ombro. Seus olhinhos grandes e expressivos eram cor de mel. Taylor e eu nos olhamos na mesma hora e entendemos aquilo como sinal.

— Posso pegá-la no colo? — perguntei à diretora que nos mostrava as instalações.

— Claro. Sinta-se à vontade.

— Olá. Qual é o seu nome mocinha? — ela ainda não falava, mas era um amorzinho. Logo que Taylor a chamou ela lhe estendeu os braços.

— Esta é Clarissa. Tem dois anos. Está para adoção. Mas os pais que vem aqui, geralmente querem bebês até um ano. — a diretora explicava, enquanto Taylor brincava com Clarissa no colo.

— Nossa única exigência é que a criança tenha uma leve semelhança conosco. Não queremos contar que é adotiva. Para nós, filho é filho. Acho que nessa idade ela não se lembrará, futuramente, de onde veio. — falei para a diretora.

— Bom, mas tem uma questão... — enquanto ela falava, chegou outra menina que parecia ter a idade de Clarissa e esticou os bracinhos para mim. Eu logo a peguei também.

— Esta é a questão. Essa é Camily, irmã gêmea de Clarissa. Não costumamos separar irmãos. Taylor e eu nos olhamos, daquele jeito que somente nós conseguimos fazer.

— Elas não são tão parecidas. — Taylor disse.

Camily tinha a pele e os olhos de Clarissa, mas seus cabelos, que tinham mesmo tamanhos e cor da irmã, eram bem lisinhos.

— Sim, mas são gêmeas. — a diretora reafirmou. — Bem, aqui estão todas as crianças. Podem vê-las brincar.

Havia crianças de todas as cores, etnias e idades. Mas não era mais necessário. Duas lindas irmãzinhas já tinham feito a escolha por nós.

Capítulo 19

Não contamos a ninguém sobre a adoção. Era um processo longo, passaríamos por avaliação psicossocial, avaliação residencial e financeira, entrevista e um curso obrigatório.

Acredito que é excesso de burocracia. Muitas crianças seriam adotadas caso houvesse menos exigências. Ainda precisávamos procurar um advogado para dar entrada no processo. Tivemos de procurar um na própria Metrópole para evitar conversas na nossa cidade/ilha. A diretora do abrigo nos indicou um.

Passamos a fazer visitas semanais para as meninas. Elas já faziam parte da nossa vida. Claro que já havia perguntas sobre o motivo de tantas idas à Metrópole. Deixamos que acreditassem que queríamos comprar uma casa por lá. Melhor do que descobrirem a verdade antes da hora.

— Você sonha com as meninas em nossa casa? — Taylor me perguntou enquanto estávamos deitados na cama, nos preparando para dormir.

— Todos os dias.

— Espero que esse processo não demore.

— Eu também. Nunca achei que me apaixonaria tão rápido por uma criança, ainda mais duas de uma só vez. — eu disse virada para ele e o olhando nos olhos.

— Elas são nossas já. Fazem parte dessa família. Elas nos ajudaram a realizar o nosso sonho.

— E nós estamos realizando o delas. Ter uma família feliz. Elas nunca teriam um lar mais abençoado que o nosso. Espero que elas nos amem e se sintam queridas. Que elas saibam o quanto são importantes para nós.

— Elas saberão. Faremos com que saibam. É o que fazemos de melhor. Demonstrar nosso amor para todos que amamos.

— Você é o melhor marido do mundo sabia?

— Sim. Mas é bom ouvir de vez em quando. — fizemos amor apaixonados e dormimos, na certeza que em breve nossa família estaria completa.



Depois de alguns meses conseguimos finalmente, levar nossas meninas para casa.

— Desejo a vocês todo o sucesso do mundo e que seja uma adoção efetiva. — após levar as meninas para casa, elas ainda ficariam em um “período de teste”. Caso houvesse alguma inadaptação elas voltariam para o abrigo. Algo que, em hipótese alguma, deixaríamos que acontecesse.

— Pode ter certeza que será. — Taylor agradecia e pegava na mão da diretora, enquanto eu brincava e sorria com minhas meninas.



Quando soubemos que teríamos a guarda provisória das meninas, conseguimos aos poucos, contrabandear algumas roupas para casa. Arrumamos também uma entrega particular de móveis que fazia entregas de madrugada.

Se isso era possível? Com contatos, tudo é. Arrumamos o quarto das pequenas em dois dias. Montamos nós mesmos as camas. Lavamos, passamos e guardamos as roupas. O que lhes faltasse, seria comprado quando elas chegassem.

Era tanto amor pra dar, que mal cabíamos em nós quando elas chegaram em casa. Foi incrível. Chegamos sem que ninguém nos visse e entramos pela porta dos fundos. Marcamos um jantar em nossa casa mesmo, dessa vez, nada de ir para a Casa da Colina. Todos os nossos queridos estavam presentes.

Clarissa e Camilly amaram a casa. Correram para todos os lados. Parecia que moravam ali desde sempre. Lágrimas de felicidade explodiram dos meus olhos enquanto eu olhava a cena. Foi um dia corrido e muito feliz. Era sexta-feira. Precisei de muita calma para cuidar das duas e preparar o jantar. Com dose dupla era tudo mais difícil. Como elas eram agitadas. Não tinha aquela de uma calma e outra quieta. Ambas eram foguetes.

À noite, chegou o tão esperado momento. Pedimos que todos se encontrassem e chegassem juntos porque tínhamos uma surpresa. Taylor recebeu a todos, mas Sam se atrasou devido ao plantão. Então Tay deixou todos na varanda, fazendo o maior suspense.

— Fomos convidados para passar a noite na varanda? — minha mãe já perguntava irritada.
— E posso saber onde está minha filha?

— Desculpe, mas hoje vocês só entram todos juntos e, enquanto a senhorita retardatária não chegar, ninguém entra nessa casa. E Ioio está preparando a surpresa. — ouvi da janela de cima Taylor falar, enquanto eu segurava as garotas, fazendo o mínimo de barulho possível.

— Cheguei. Ué, porque estão todos aqui fora? — Sam perguntou curiosa.

— Pergunte a esse aí. — Paty apontou para Taylor.

— Vamos entrar Ioio, você está pronta? — Taylor gritou, sem responder a Sam.

— Podem vir. — eu gritei em resposta, já estava na sala.

— Senhoras e senhores, eu lhes apresento nossa nova família. — Taylor disse antes de abrir a porta.

— Não nos diga que adotaram um cachorrinho. — Rafa disse, em seu tom brincalhão de sempre.

Todos os olhos ficaram espantados quando viram duas

garotinhas correndo dentro de nossa sala, com vestidinhos de corte igual e estampa de flores. Elas estavam de sapatinhos de princesa. Tomando posse de seu novo lar.

— Meu Deus, por que não nos disseram nada? — minha mãe veio em minha direção e me abraçou.

— Era surpresa. Precisávamos ter certeza dessa vez. — eu disse em resposta.

Foi uma noite feliz. Finalmente realizamos nosso sonho de aumentar a família. Estávamos completos. A vida seria diferente agora. Eu precisava me adaptar e conseguir cuidar de duas crianças.

Foi difícil no início. Passei boa parte dos meus dias em casa para que as meninas se adaptassem a nós. Tentamos fazer com que fosse o mais natural possível.

Mostramos como era nos chamar de papai e mamãe, fazíamos as refeições juntos e demos todo nosso amor.

Mas como eu disse, acho que os céus se cansaram de minha felicidade e, depois de seis meses, quando as meninas foram oficializadas nossas filhas e recebemos a guarda definitiva, sofremos um acidente de carro. As meninas tinham ficado com minha mãe; Taylor e eu fomos à Metrópole fazer umas compras. Um belo caminhão na contramão nos tirou da estrada e nosso carro capotou. O motorista fugiu sem prestar socorro. Chega de felicidade para Iolanda, sua cota na vida já foi mais que suficiente.

Capítulo 20

Acordei com pingos de chuva. Não, espera. Que chuva? O dia estava ensolarado. Abri meus olhos, o carro estava de cabeça para baixo, eu estava embaixo de Taylor que pingava sangue em minha cabeça.

— Taylor. — minha voz era de pânico. Ele estava desacordado. — Taylor, acorda.

Eu tentava me mexer, mas também não conseguia. Meu pé estava preso. Puxei com força e consegui tirá-lo. Nem sei o que o prendeu. Só queria tirar Taylor daquele carro.

Em um ou dois minutos carros começaram a parar para nos dar ajuda. Eles ligaram para os bombeiros e tiraram Tay do carro.

— Amor acorda. — ele estava com a cabeça na minha perna e perdia muito sangue.

Finalmente os bombeiros chegaram. Eu fui na ambulância também. O atendimento de meu marido começou dentro do veículo. Eu passei por alguns exames quando cheguei ao hospital. Mas estava tudo bem comigo.

— Dona Iolanda. — uma médica veio falar comigo. — Estamos sem o tipo sanguíneo do seu marido no banco de sangue. Ele precisa de uma transfusão.

— Meu Deus, eu não sei o que fazer. Posso testar o meu? Nunca perguntei a ele qual era seu tipo sanguíneo.

— Pode sim. — os testes foram feitos em pouco tempo.

Eu estava nervosa na sala de espera. Ainda não tinha avisado ninguém. Não tinha estado nervoso para isso.

— Dona Iolanda. — a mesma médica veio falar comigo. — Tivemos um pequeno problema na averiguação do sangue de vocês, preciso que assine esses formulários para que nós possamos fazer uma investigação do DNA.

— Isso quer dizer o quê? Que não posso doar meu sangue? — eu estava sem entender nada.

— Pode sim, mas enquanto a senhora faz a transfusão nós faremos o exame da cadeia de DNA.

— Ah sim. Claro. Tudo bem. — meu único medo era não salvar meu marido. Qualquer outro problema poderia esperar.



Após a transfusão, a médica me voltou com as informações do exame.

— Dona Iolanda, esse exame é um exame complexo e demorado. Mas devido a nossa dúvida, resolvemos dar prioridade máxima. Não há como dizer isso de forma branda, mas qual a probabilidade de que você ou seu esposo tenham sido adotados?

— O quê? Você pode repetir, por favor?

— Bom, na verdade, posso afirmar com 99% de certeza que vocês são irmãos.

— Impossível. Isso é algo sem cabimento. Minha mãe é minha mãe, tenho certeza absoluta e Taylor é descendente de italianos. Não tem como isso ser possível.

— Sinto muito. Mas aconselho que vá a fundo nessa história. Caso queiram gerar filhos, é

possível que tenham problemas. — eu fiquei muda. Lembrei-me dos filhos que perdi e que talvez essa seria a explicação. Precisava tirar essa história a limpo.

Liguei e avisei minha mãe. Disse que estava tudo bem e que não precisava vir para o hospital, afinal ela estava com as crianças e eu não queria que elas se assustassem.

— Filha, mas eu preciso estar com você.

— Está tudo bem, mamãe. Só cuide das crianças que eu aviso em breve como Tay está. Vou ligar pro Rafa e ver se ele consegue dar um pulinho aqui pra falar com os médicos e ainda preciso avisar Dona Kiara e Seu Enrico.

— Tudo bem, mas me mantenha informada.

— Pode deixar. — eu não quis dizer nada sobre o exame de sangue e a probabilidade de sermos irmãos. Prefiri investigar por conta própria antes de qualquer coisa.

Meus sogros viviam em viagem. Naquele momento estavam na Grécia. Impossível chegar a tempo, antes da alta de Taylor. Resolvi que os avisaria assim que ele estivesse acordado e fora de perigo.

— Dona Iolanda, seu marido está estável. Deve acordar em algumas horas. Se desejar, já pode ficar com ele no quarto. — a médica veio me informar.

— Ah, graças a Deus! — eu suspirei aliviada. — Doutora, peço que deixe em segredo nossa possível “familiaridade”. Vou investigar antes de contar qualquer coisa pra ele.

— Não se preocupe. Vamos? — ela mostrou o caminho até o quarto, onde ele já estava aguardando despertar.

Corri até a cama. Ele estava abatido. Mas parecia bem. Segurei sua mão e fiz carinho em sua cabeça.

— Oh, meu amor. Acorde logo. Preciso que me dê certeza que está bem. — a médica checava os aparelhos. — Doutora, ele teve alguma sequela na cabeça?

— Ainda não sabemos. Aparentemente está tudo bem. Mas precisamos que ele acorde para fazer alguns testes.

— Tudo bem. Obrigada. — ela assentiu e nos deixou sozinhos.

Rafa chegou pouco tempo depois.

— Como você sofre um acidente e não me liga de imediato? Como ele está? — ele veio me abraçar.

— Está bem. Estável. Se você puder checar com a médica que o atendeu. Eu achei melhor ligar quando ele já estivesse no quarto. Ainda nem avisei aos pais dele.

— Você é louca. Sam está em cirurgia. Nem consegui avisá-la. Pedi que, assim que deixasse a sala, ela fosse avisada que eu precisava falar com ela urgentemente. Não quis atrapalhar o paciente.

— Você está certo. Nem pode. Ela não conseguiria trabalhar com essa notícia.

— Não mesmo. Sabe como ela é. Bom, vou procurar a médica responsável. Volto já.

Ele saiu e me deixou sozinha com o amor da minha vida, que por um triz eu não perdi.

— Ei. Você está com a cara péssima. — Taylor abriu os olhos.

— É porque você não viu a sua. — ambos rimos e eu dei um beijo em seus lábios. — Nunca mais faça isso. Você quase me matou de susto.

— O que aconteceu?

— Após sermos tirados da estrada e capotar? Ok, meu cinto de segurança quebrou, eu sacudi dentro do carro. Graças a Deus não fui arremessada. Acabei desmaiando e acordei com você pingando sangue em mim.

— Puxa! Que cena dramática. Então, o que mais?

— Você nunca muda. Brinca até com coisa séria! — eu dei um leve sorriso e narrei os fatos até aquele momento, retirando a parte de, talvez sermos irmãos.

— Ah, o cara acordou. Meu amigo, nunca mais nos assuste assim. — Rafa entrou na sala e cumprimentou o recém-desperto. — Você quebrou um braço, como pode ver, está de gesso. Foi uma fratura exposta, você perdeu muito sangue. Como estava de cinto de segurança não bateu a cabeça. A

cirurgia foi para colocar alguns pinos nesse seu osso quebrado aí.

— Ai que bom. Pelo menos ele não esqueceu de mim.

— Nem se eu quisesse gata. Você é a única coisa que jamais esquecerei. E as meninas também.

— Que romântico. Mas foi sério nosso acidente meu amor. Foi um milagre não termos sido amassados, porque o estado que o carro ficou foi feio.

— Somos uma dupla incrível. Imortais!

— Vou deixar Rafa com você. Preciso avisar seus pais.

— Epa, nem brinca com isso. Deixe-os acabar essa viagem. Estou bem. Eles não precisam saber agora. Senão vai acabar com as férias deles. Quando eles voltarem eu mesmo conto.

— Vai contar pra sua mãe que a decisão foi sua. Se ela souber que não a avisei, ela me mata.

— Pode deixar, eu falo. Mas deixe os dois se divertirem.

Rafa fez alguns testes e parece que estava tudo ok. Logo em seguida a médica responsável também chegou e o avaliou. Tudo estava nos conformes. Dormimos no hospital apenas para que Tay ficasse em observação. No dia seguinte Sam, que não estava mais em plantão, foi nos buscar. Imagina o drama que ela fez quando chegou lá. Por telefone não foi nada comparado à cena em pessoa.



— Que diabos vocês acham que estavam fazendo quando não me avisaram na mesma hora sobre essa porra desse acidente?

— Você estava trabalhando coração. — eu a abracei.

— Nem venha com essa de coração. Você é uma traidora. Jamais vou confiar em você de novo. — já estávamos no carro, em direção à ilha.

— Fala com ela Tay.

— Eu não. A amiga é sua. Se vira. — ele estava se divertindo. Achava o máximo a forma como Sam queria controlar tudo.

— Olha só Sam. Para de drama. Você não poderia arriscar a vida de um paciente para nos ver. Estamos bem. Cala a boca e dirige. Quero chegar em casa e ver minhas meninas.

Ela bufou com raiva, Taylor riu e eu fiquei imaginando como faria para descobrir minha relação familiar com meu marido.

Capítulo 21

Minha vida agora girava em torno dessa maldita história de irmãos. Eu não disse nada a Tay, mas chamei a Sam e contei a ela.

— QUÊ? — ela quase teve um treco.

— Pois é, não sei como. Parece que somos mesmo irmãos. O que me leva a pensar que Taylor não se parece em nada com os pais. Talvez ele seja filho do meu pai e ele o tenha dado a adoção.

— Meu Deus. O que você vai fazer a esse respeito?

— Vou te pedir que não conte a ninguém até que eu tenha certeza. Não comente com Rafa porque eu não vou dizer nada a Taylor ainda. Vou procurar meu pai. Vou hoje à Metrópole e tentar saber quem ele é.

— Mas você nem tem ideia de quem seja.

— Engano seu. Minha mãe me deu algumas pistas. Onde ela morava e que ele morava a alguns quarteirões dela. Que tinha filhos. E sei seu primeiro nome também. Talvez ele ainda esteja no mesmo lugar.

— Boa sorte.

— Vou precisar.



Deixei as meninas com a babá que tinha contratado para me ajudar após o período de adaptação. Maria tinha 18 anos e precisava ajudar nas contas de casa. Trabalhava de tarde para mim e eu ficava com o turno da manhã, quando ela estudava na faculdade local.

Falei a Tay que precisava comprar alguns produtos pra loja e umas coisinhas para as gêmeas. Não foi difícil. O que estava me consumindo é que eu nem conseguia mais ficar com ele. Caramba, ele era meu irmão. Como eu teria relações com ele sabendo disso?

Estava cada vez mais complicado fugir dele. Sempre nos demos tão bem e de uma hora para outra eu o evito. Ele acha que é trauma do acidente que sofremos há uma semana. Quem dera!



Não foi difícil encontrar meu pai. Certas pessoas seguem suas vidas sem jamais se mudar. A vida é a mesma sempre. Procurei na vizinhança um homem chamado Marcos, que tinha uns sessenta e poucos anos e era empresário.

— Ah, sim. O Doutor Marcos. Ele mora naquele prédio há vários anos. Já se aposentou sabe. Recentemente ficou viúvo. Mas não quis sair de lá. Disse que as lembranças da esposa não se mudarão com ele. Os filhos já casaram e moram em outros lugares. Só ele ficou. Mas ele disse que conhece a todos aqui, é mais fácil levar a vida assim.

O dono de uma padaria próximo ao local que minha mãe me informou em nossa conversa me avisou. Nem me pergunte como soube do nome dele. Tive de mexer em muitas coisas, muitas caixas e papéis sem que minha mãe soubesse. Dei uma olhada no diário, mas a última menção era após a escola, então não tinha como estar lá.

— Muito obrigada. Vou dar um pulinho lá.

— A senhora é cliente do escritório dele?

— Não. É um caso pessoal. — sem dar mais explicações eu saí.

Respirei fundo algumas vezes e segui para descobrir o que meu futuro reservava.

— Bom dia. O senhor é Marcos? — consegui subir o elevador sem ser anunciada. Sei ser furtiva quando quero. Aproveitei a entrada de um morador e fingi estar com ele.

— Bom dia. Sou sim.

— O senhor conheceu alguma Anastácia na sua juventude? — os olhos dele brilharam ao som do nome. Era ele então.

— Conheci uma sim. Há muito tempo. Mas quem é você e por que dessas perguntas? — o olhar quente deu espaço para o de curiosidade.

— Meu nome é Iolanda. Sou sua filha.



Não tem meio termo quando você precisa conhecer seu pai e saber se seu marido é seu irmão. Marcos me chamou para entrar. Eu contei a ele tudo que minha mãe me falou.

— Eu não sabia de sua existência. Você é tão linda quanto sua mãe.

— Obrigada. — estávamos sentados no sofá. — Ela me disse isso também. Que quando descobriu que era casado foi embora sem que você soubesse. Ela não queria se meter na família de ninguém.

— Ela sempre foi muito correta. Me perdoe por ter feito tudo isso. Minha esposa, que Deus a tenha, nunca soube de nada. Graças a Deus! Tivemos uma vida feliz. Mas sua mãe nunca saiu da minha cabeça.

— Vou ser clara e objetiva. Não vim aqui porque queria te conhecer. Você nunca fez parte da minha vida, mas preciso te fazer uma pergunta e serei bem direta.

— Uau. Pois seja. — ele ficou curioso e pareceu magoado.

— Você deu algum filho seu para a adoção?

— Meu Deus, não. Jamais faria uma coisa dessas. — ele colocou a mão no coração, como se eu tivesse enfiado uma faca ali.

— Nossa. Você acabou com minhas expectativas. — minha aflição aumentou.

— Diga o que acontece menina. Talvez possa te ajudar.

Resumi para ele meu drama. Partes dele. O acidente, o exame de sangue e sobre meu marido ser meu irmão.

— Será que eu sou adotada? Depois dos segredos que minha mãe me revelou, isso seria perfeitamente aceitável.

— Bem, você não quer perguntar nada a Anastácia. Podemos então fazer um exame de DNA e descobrir se você é minha filha. Conheço um laboratório aqui perto que faria com urgência. O dono é um velho amigo meu.

O bom de cidades pequenas é isso. A Metrópole não é tão pequena assim, mas quem mora nela há anos tem esse benefício, conhecer muitas pessoas e ter muitos contatos.

— Você faria isso? — perguntei emocionada.

— Claro menina. Ninguém merece essa dúvida que você está passando. Vamos lá agora.

— Já? Mas e seus afazeres? Não quero atrapalhar.
— Você me disse que mora na ilha, não é? Provavelmente não é costume vir por essas bandas todos os dias.
— Realmente não.
— Então vamos. Você não vai querer que descubram nada até você esclarecer tudo. — ele já falou levantando e buscando as chaves de seu carro.
— Obrigada.
— É o mínimo que posso fazer por você. — ele me deu um sorriso terno.



O laboratório era perto mesmo. Cerca de cinco minutos de carro. Marcos pediu prioridade e o amigo lhe garantiu que entregava na manhã seguinte.

Foi coletada saliva ao invés de sangue. Foi bem rápido.

— Me dê seu telefone. Te envio a resposta assim que ela sair.

— Claro. — passei meu número pra ele.

— Como está sua mãe? Ela se casou?

— Está bem. Teve alguns namorados, mas nada muito sério. Nunca se casou. Ela é dona da melhor padaria da cidade. É uma mulher de sucesso.

— Depois que a poeira baixar e você tiver resolvido sua história, será que posso ir à cidade vê-la? Eu tive uma vida feliz com minha esposa, mas sua mãe foi o grande amor da minha vida.

Eu não entendia esse tipo de coisa. Se foi feliz com a esposa, por que traí-la? Por que se apegar a outra pessoa e correr o risco de destruir tudo o que tinha?

— Claro. Acho que ela gostaria. Ela nunca me falou sobre você, mas quando descobri, vi seu olhar brilhar ao mencionar seu nome. Acho que vocês tem muito que conversar.

Ele assentiu e fomos embora. Combinamos de ele me enviar uma foto do teste. Ele me deixou no comércio. Eu precisava levar algumas coisas para casa. Não poderia dar motivos para Taylor desconfiar.

— Obrigada por aparecer, mesmo que o motivo não tenha sido me conhecer. — Marcos disse apertando minha mão. — Fiquei feliz ao saber que gerei uma filha do amor que tive com sua mãe.

— Não sei o que dizer.

— Não diga nada. Deixe o que tempo faça esse papel. Espero te ver em breve menina. E, se puder me manter informado sobre sua pesquisa, eu adoraria saber.

— Obrigada mais uma vez. — desci do carro e segui meu destino daquele final de tarde, fui a Metrópole no carro de Sam, enquanto o meu estava sendo reparado.

Fiquei preocupada sabe. O amigo de Marcos era dono do laboratório, ele poderia muito bem falsificar o exame. Daí eu jamais saberia a verdade. Talvez ele fizesse isso imaginando que eu fui em busca de seu dinheiro. Do jeito que anda minha sorte, é bem possível.

Mas seus olhos a menção do nome de minha mãe me deixaram mais aliviada. E sabe do que mais? No dia seguinte, às onze da manhã recebi uma mensagem.

Marcus: *Parabéns! Você acaba de ganhar um pai. Boa sorte em sua procura.*

Lascou. Então só tinha uma explicação. Taylor era adotado e era filho da minha mãe. Oh, universo. Por que tens sido tão cruel comigo?

Mas eu tinha como descobrir tudo, ou quase tudo. Claro! O diário. Ele ainda estava comigo e mamãe não deu falta dele. Ele seria a chave daquela questão.

Capítulo 22

Eu tinha escondido o diário dentro de uma gaveta de roupas antigas, que eu pouco usava. Taylor não costumava mexer nas minhas coisas e, mesmo se o fizesse, jamais leria o diário sem minha permissão.

Vamos lá. Folheeí algumas páginas, mas não tinha nada que valesse a pena ler. Porém, lá próximo do final achei algo interessante.

Noite da formatura

Fernando foi comigo ao baile de formatura. Poxa, como ele era lindo. Foi a melhor noite da minha vida. Ele era incrível. Nós dançamos bastante, falamos besteira, conversamos sobre os planos futuros e nos despedimos dos nossos amigos de escola. Aos poucos cada um seguiria seu caminho, seja na faculdade local ou em outros estados, quem sabe até outros países.

Após a festa, como na escola não era permitido bebidas alcoólicas, fomos nos divertir em outro lugar. Compramos umas bebidas e fomos apenas nós dois para o parque que havia na cidade, ele ficava deserto à noite.

Estacionamos o carro, bebemos bastante e, bem tarde, resolvi transar com Fernando. Foi uma bosta porque estávamos no carro e, ele não tinha camisinha. Além de estar bem bêbado e não ter feito nada certo.

Ai, eu realmente não precisava saber desses detalhes. Acabei pulando algumas páginas.

Após a noite de festa e luxúria que tive com Fernando ele não me ligou mais e também não atendeu às minhas ligações. Resolvi não ligar mais. Se queria só sexo que ficasse com ele. Que cara mais idiota!

O problema é que, após um mês eu descobri que estava grávida do babaca. Ele tinha ido embora da cidade, foi fazer faculdade lá no raio que o parta. Tive de contar aos meus pais sobre o caso e eles me aconselharam a dar a criança pra adoção. Afinal, eu tinha um futuro pela frente e o pai sumiu, eu não ia querer criar uma criança sozinha, além de eu ser muito nova pra ser mãe...

Meu Deus. O Taylor é mesmo filho da minha mãe. O diário acabou ali mesmo. Ela não escreveu mais nada a respeito ou sobre outras coisas. Simplesmente finalizou. Agora sim, eu precisaria falar com ela e descobrir o que aconteceu. E teria de ser já.

Era meio da tarde. As meninas estavam na escola. Corri até a padaria com o diário na bolsa e fui falar com minha mãe. Surpresa: era essa a descrição de seu olhar.

— Fala pra mim que o que está escrito aqui é mentira!

— Venha ao meu escritório, não podemos falar aqui. — ela estava no caixa. Meu olhar era de fúria. Minha vida tinha acabado. Tudo o que eu conhecia era mentira, uma baita mentira. E esse segredo, ao contrário do que falam, não deveria, jamais ter sido revelado.

Fui com ela até o escritório e ela fechou a porta. Sentei-me na cadeira em frente a sua mesa e ela respirou fundo.

— Eu nunca achei que você poderia achar esse diário. Ou qualquer outra pessoa. Mas parece que você insiste em me surpreender. Desde quando você está com ele?

— Desde que descobri meus avós.

— E por que não me falou nada?

— Eu não tinha lido. Deixei guardado. Mas precisei após descobrir um fato intrigante. Mas me diz, fala como tudo aconteceu! — eu precisava saber dos detalhes antes de ter certeza se minhas hipóteses estavam corretas, embora não houvesse dúvidas.

— Não me recordo onde parei no relato...

— Seus pais te aconselharam a entregar a criança pra adoção.

— Sim. Eu levei a gravidez até o fim. Era muito nova e não tinha responsabilidades e também não queria uma, principalmente uma tão grande. Quando chegou a hora, meus pais já tinham encontrado um casal que queria um bebê. Eles fizeram tudo. Eu nem mesmo vi quem eram. Só sei que era um casal de fora, que estava passando férias. Eles levaram meu filho, era um menino. Eu me arrependo muito até hoje, mas não tenho como saber onde ele está, nem se está bem. Não sei nem onde a família mora. — ela falou e ficou absorta em pensamentos.

— Pois eu te digo quem é. Seu filho se chama Taylor Salvatore Moretti, ele é seu genro e parabéns, você desgraçou a minha vida. — sem esperar resposta saí do escritório em prantos e cheia de fúria. Deixando minha mãe de queixo caído e sem conseguir se defender ou perguntar como eu sabia. O que eu faria agora?

Eu precisava contar para o Tay, sempre resolvemos tudo juntos, agora não seria diferente. Ele tinha de conversar com os pais também. Meu Deus, essa foi a piada mais infame que o destino fez comigo.

Capítulo 23

Nem sei como cheguei à casa da colina. Sei que era um assunto sério e eu precisava falar olhando nos olhos de Taylor. Que Deus me desse forças porque eu ia precisar.

Cheguei ao hotel e desci às pressas da bicicleta. Corri para a cozinha e procurei por ele, ele costumava ficar por lá, trabalhando e tomando café ou chá. Uma das cozinheiras me perguntou se eu estava à procura de Tay e me informou que ele estava no escritório.

— Taylor, preciso falar com você.

— Meu amor, aconteceu alguma coisa? Você está com a cara péssima. E veio sem me ligar. Eu teria ido à praia. Vem, sente-se aqui. — ele me abraçou e me levou ao sofá que tinha por lá.

— O que eu tenho pra te falar vai mudar nossas vidas para sempre. Mas seja o que for, vamos decidir juntos.

— Meu Deus, o que aconteceu?

— Eu passei o caminho da padaria pra cá buscando uma forma de te explicar, então vou te falar do início. Lembra-se do diário da minha mãe?

— Claro. Mas você não me disse o que fez com ele. Você leu? — ele levantava uma sobrancelha mostrando questionamento e dúvida. Nunca fui tão séria com ele.

— Eu o tinha deixado quietinho. Tivemos tantos contratempos nesses últimos meses que acabei não querendo entrar na história dela. Mas daí nós sofremos aquele acidente, eu não quis te contar nada até ter certeza. Quando fui te doar sangue eu fiz um teste de compatibilidade, porque nunca tinha me vindo à cabeça a possibilidade de te fazer essa pergunta tão simples. Estamos juntos há tanto tempo que não sei por que nunca perguntei sua tipagem sanguínea.

— É A+. Também nunca me liguei nisso.

— Eu sei que é A+, por sinal o mesmo tipo do meu. O que levantou alguns questionamentos dos médicos que te atenderam. Eu tive de assinar uma autorização para fazer um teste de cadeia de DNA para saber o quanto éramos compatíveis. Imagina a minha surpresa quando a médica voltou me dizendo que éramos compatíveis 99%.

— Que bom, não é? Se não fossemos você estaria viúva hoje. — ele riu. Ainda não tinha entendido onde eu queria chegar. Como entenderia se não fazia ideia ou desconfiava de nada?

— A médica disse que não éramos compatíveis por acaso, mas que o DNA havia comprovado que somos irmãos. — nem esperei que ele fizesse pergunta nenhuma. Apenas prossegui minha explanação. — Não fale nada, deixe que eu termine de explicar. Foi daí que imaginei que, talvez, por um acaso do destino, você fosse filho do meu pai. Fui até a cidade e o encontrei. Ele ainda vive na mesma casa. É viúvo e me assegurou que jamais deu nenhum filho dele para adoção. Como eu estava em dúvidas cruéis, ele fez um teste de DNA para determinar se eu era mesmo sua filha e deu positivo. Como eu não tinha mais para onde correr, decidi ler o diário de minha mãe. Ela teve um filho assim que saiu do ensino médio. Para não “estragar” a vida dela, deu o garoto para adoção e aqui estamos meu amor. Você e eu somos irmãos. Você é filho da dona Anastácia, assim como eu. — falei isso segurando eu seu rosto com as duas mãos. Seu olhar era opaco, sem vida. Ele não acreditava no que ouvia.

— Do que você está falando? — ele deu um riso sem graça e tirou minhas mãos de seu rosto. — Você sabe que nasci na Itália e depois vim para cá. Meus pais são meus pais mesmo. — ele falava com tranquilidade, mas eu via que estava desesperado.

— Meu amor, para. Você sabe que jamais brincaria com uma coisa dessas. Foi por isso que nossos filhos não nasceram. Não eram eles que tinham problemas. Fomos nós, nosso sangue igual, nossa compatibilidade absurda que passou isso pra eles.

Taylor não estava mais sentado. Andava de um lado para o outro do escritório, de forma rápida e frenética. Eu o conhecia, sua vontade era sair correndo dali. Seus olhos tinham a cor de um azul enegrecido. Não sei dizer se era fúria, raiva ou mágoa. Só sei que sua dor corroía meu peito. Queria abrir o coração dele e arrancar aquela dor de lá.

Por que, com tantas pessoas na Terra, logo meu marido tinha de ser meu irmão?! Logo ele que sempre foi meu amigo, meu amor, meu parceiro. Logo ele que nunca levantou a voz para mim. Por que tínhamos de ter o mesmo sangue e ainda descobrir isso depois de tanto tempo juntos?

— Liga para os seus pais. Peça a eles que venham aqui. Vamos conversar.

— Não vou pedir a ninguém que venha aqui. Eles vão me falar isso

agora. — Taylor sentou em sua cadeira, ligou pra sua mãe e colocou o telefone no viva-voz.

— Alô, mãe?

— *Oi meu querido. Como você está? E as minhas netinhas? Estou com saudades.*

— Mãe, só me responde uma coisa e seja sincera.

— *Puxa, que voz séria, o que houve?*

— Eu sou adotado? — pela pausa na ligação eu soube a resposta.

— *Como você descobriu?* — a voz dela mudou completamente.

— Porque, com 7,3 bilhões de pessoas na Terra, me casei justo com minha irmã. Não fique calada mãe. Iolanda é minha irmã. Isso é uma desgraça. — naquele momento Tay não se segurou e começou a chorar descontroladamente. Algo que nunca vi acontecer, não daquela forma.

Aproximei-me dele e o abracei. Ele me segurou forte e chorou no meu ombro.

— *Como isso pode ser verdade?*

— Iolanda me doou sangue quando sofremos aquele acidente. Ela quem descobriu tudo e só me disse agora, quando teve certeza. — ele falava com a mãe e me segurava. — Como fui parar com vocês?

— *Eu não posso ter filhos. Fomos ao Brasil passear e a avó de Iolanda acabou fazendo amizade conosco. Em uma conversa falei da minha vontade de ser mãe. Ela me ofereceu você. Aceitei desde que sua mãe biológica não nos visse e não soubesse nada sobre nós. Não queria que um dia ela pudesse vir atrás de você.*

— Que destino trágico o meu. Em todos os lugares do mundo em que poderia estar, acabei parando onde minha mãe biológica mora e me casando com minha irmã. O que nos causou um relacionamento incestuoso e a perda de dois bebês.

— *Me perdoa meu filho. Eu jamais desejei isso. Só queria ter você. E não me arrependi em nenhum momento de tê-lo em minha vida. Deveria ter te contado, mas nós fomos embora pra Itália, conseguimos um novo registro pra você lá. Quando você tinha três anos voltamos ao Brasil. Nunca imaginei que isso pudesse acontecer, afinal nunca moramos na mesma cidade que sua mãe bio... Anastácia.*

— Eu preciso desligar. Tenho muito que fazer. Dê olá ao papai. — ele desligou sem esperar que ela dissesse nada.

Ficamos parados, olhando um para o outro. Seus olhos agora tinham a

cor da tempestade. Uma tempestade furiosa. Taylor passou por mim como uma bala e começou a arremessar os utensílios da sala. Virou a mesa, gritou como um leão furioso.

Eu não consegui fazer nada. Apenas olhei a cena, deixando que ele externasse toda sua dor. Eu sabia que ela passaria, mas precisava ser extravasada.

— O que está acontecendo aqui dona Iolanda? — o pessoal do hotel entrou desesperado na sala.

A cena era aquela, Taylor furioso, móveis sendo virados e eu olhando de onde estava.

— É só uma crise de nervos. Está tudo bem. Podem ir. — eu dispensei os três. Mas cidade pequena e ilha são lugares onde nada fica escondido. Algum dos seres curiosos escutou nossa conversa. Em poucos minutos toda a ilha sabia que éramos irmãos, assim como a cidade também.

— O que vamos fazer Ioio? — ele veio ao meu encontro e me abraçou.

— Não faço ideia Tay, mas o que quer que seja, decidiremos juntos.

— Então era por isso que você estava fugindo de mim todos esses dias?

— Sim. Não sabia como se sentiria quando descobrisse que transava com sua irmã. Nem eu sabia como estava me sentindo, ou melhor, ainda não sei.

— Não fale isso. Você é minha esposa e não minha irmã. Temos duas filhas, uma família. Nada vai estragar isso. Você entendeu? — ele olhou fundo nos meus olhos e vi certeza em suas palavras.

— Espero que saiba o que está dizendo.

Capítulo 24

Fui com meu marido para nossa casa. Permanecemos todo o caminho em silêncio. Deixei minha bike no hotel e fomos caminhando. De mãos dadas, absorvíamos a beleza da ilha e nos mantínhamos perdidos em nossos pensamentos. Como acabamos de casados a irmãos no mesmo dia?

O silêncio era constrangedor. Constrangimento era algo que jamais achei que aconteceria entre Tay e eu. Mas era assim que estávamos. Foi tão corrido o dia e cheio de reviravoltas que perdi a hora de buscar as meninas na escola.

— *Dona Iolanda, aqui é a diretora da escola de suas filhas.* — era uma ligação no meu celular da escola das meninas.

— *Ai meu Deus, está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?*

— *Está tudo bem com elas, mas já passou o horário de saída. As meninas estão há meia hora esperando alguém vir buscá-las.*

— *Ai Jesus, perdi a hora. Estou a caminho. Demorarei alguns minutos porque estou na ilha, mas chego em breve.* — Taylor olhava para mim com cara de interrogação. — *Passou o horário de saída das meninas. Vou buscá-las. Te vejo em casa.*

— *Tudo bem.* — tanto ele quanto eu estávamos procurando uma desculpa para nos afastar. Essa era a razão perfeita. Ele apenas assentiu e eu saí correndo para a loja para pegar o carro e ir para o porto para pegar a balsa.



Peguei minhas meninas e dei uma enrolada conversando com a diretora. Pedi desculpas, falei que tinha sido um dia estranho e acabei me esquecendo da hora.

Voltei para casa imaginando o que fazer. Só olhava minhas filhas brincando e pensava que, a qualquer momento, nossa família entraria em colapso. Como eu explicaria isso para elas? Já as tinha tirado do abrigo,

prometido um lar feliz e agora isso.



Ir para casa nunca foi tão difícil. Eu tinha um turbilhão de pensamentos latejando e gritando dentro de mim. As meninas brincavam felizes no banco de trás do carro que eu usava, na maioria das vezes, para levá-las e buscá-las na escola. Como já mencionei, fico sempre na bike, além de ser mais prático pelos trajetos que faço sozinha, a visão é magnífica e eu ainda salvo o meio ambiente.

Parei na porta da minha casa. Dei um suspiro longo e profundo. A hora chegou. Vamos nessa. Desci as meninas e suas mochilas. Abri a porta de casa e Tay estava sentado no sofá olhando para o nada. Vi em seu rosto que ali havia dor e dúvida.

— Chegamos amor. — as meninas correram para abraçá-lo.

— Olá minhas flores sapecas. — ele as abraçou e olhou para mim profundamente.

Nenhum de nós teve coragem de dizer nada. Ficamos olhando um para o outro, ele no sofá e eu de pé feito uma estátua. Peguei na mão das meninas e fui dar banho nelas.

Meu marido permaneceu na sala, como se mover-se fosse algo impossível. O peso do mundo estava em suas costas. Ficamos em silêncio. Eu fiz o jantar e dei às meninas. Coloquei-as para dormir. Foi quando sentei ao lado de Taylor e o abracei. Choramos como duas crianças.

— Irmãos? Como isso pode acontecer com a gente? — ele perguntava com dor na voz.

— Não sei. Acho que foi uma pegadinha muito infeliz. O que vamos fazer?

— Eu não faço ideia. Mas de uma coisa sei, meu amor por você é o mesmo. Nunca vai mudar.

— Eu te amo tanto que chegar a doer. — disse a ele colocando minha cabeça em seu colo.

Ficamos conversando por horas. Nenhum de nós conseguiu jantar, nada de fome. Nosso futuro e nossa família estavam em jogo.

— Acho que será difícil ver dona Anastácia com os mesmos olhos agora. Ela me colocou no mundo e é minha sogra. Isso soa estranho. Nunca vou considerá-la minha mãe, mas independentemente disso ela é. E nos deu o mesmo DNA.

— Eu sei. Que louco isso não é? Vamos levar a vida e continuar como se nada tivesse acontecido. Ninguém sabe além de nós, então vamos carregar nossa cruz e tentar ser feliz.

— Você sempre tem as palavras certas Ioio. Um dia de cada vez.

Capítulo 25

— Posso entrar? — minha mãe chegou cedo na manhã seguinte.

Ela bateu à porta e sua cara era de quem não tinha pregado os olhos na noite anterior. Eu abri a porta e apenas dei espaço para que ela entrasse. Eram sete da manhã.

— Eu sei que a última pessoa que você quer ver sou eu, mas eu preciso falar com meu filho.

— Ele não é seu filho mãe. É seu genro, meu marido. Você nunca mais vai repetir essa palavra, muito menos fora dessas paredes. Ele deixou de ser seu filho quando você deu preferência para seu futuro e o deu à adoção sem nem saber quem eram as pessoas que o levaram.

— Tudo bem, desculpe.

— Está desculpada. Além do que, não quero que mais ninguém saiba dessa merda toda. Nós vamos continuar juntos. E precisamos de discrição.

Ela assentiu e eu fiz um gesto para que sentasse no sofá. Taylor estava no quarto, dormimos como pedras após tanto choro e muita conversa sobre nosso futuro.

— Vou chamar Taylor. Mas se ele não quiser conversar com você, espero que entenda. — ela anuiu.

Voltei alguns segundos depois com meu marido atrás de mim, ele estava nervoso.

— Olá Anastácia. Que surpresa você tinha pra mim não é? — ele falava de braços cruzados e se balançando nos calcanhares.

— Eu planejei mil coisas para te falar. Mas agora não sei o que dizer.

— Eu não tenho rancor nenhum de você ter me dado. Sou muito feliz, meus pais são incríveis. Mas acabar com minha família é imperdoável.

— Eu sinto muito.

— Não sinta. Se você tivesse se dado ao trabalho de ver pelo menos uma foto deles você teria impedido que eu me casasse com minha irmã.

Eu assistia a tudo de pé. Minha mãe ainda estava sentada e mexia as mãos nervosas.

— Foi um pedido deles e não meu.

— Pode ser, mas uma foto sem que eles soubessem era o mínimo. Acho que você só queria se ver livre de mim, o atraso do seu futuro.

— Não foi assim Taylor. Deixe-me explicar. — a conversa estava indo para o lado pessoal. Resolvi sair sem que eles notassem e deixei que conversassem abertamente. Eles tinham muitos anos para colocar em pratos limpos.

A conversa durou a manhã toda. Fiquei no quarto até que as meninas acordaram. Li um livro, arrumei o guarda-roupas, me desfiz de alguns utensílios desnecessários. As meninas acordaram, tive de descer para arrumar um iogurte para elas. Taylor e mamãe não estavam mais na sala, mas sim trancados no escritório.

Era melhor, assim eu poderia transitar pela casa e arrumar o almoço para que as gêmeas fossem à escola. Os dois ficaram na biblioteca até meio dia e meia. Era uma vida a ser tratada em poucas horas.

— Tem almoço aqui se quiser ficar. — falei para minha mãe que saía de cara inchada.

— Obrigada, mas acho que minha presença agora só vai deixar as coisas estranhas, ainda mais estranhas. — ela passou pela mesa da cozinha e abraçou minhas filhas.

— Até breve então Anastácia. — Taylor falava meio seco, mas eu o conhecia, aquela pose não duraria muito. Ele era a pessoa de coração mais puro que eu conhecia.

Nós a levamos até a porta. Demos um abraço meio engraçado nela e ela se foi. Taylor me disse que a conversa girou basicamente em como ela engravidou, decidiu doá-lo e depois viveu sem ele e sem querer saber onde ele estava.

— Ela disse que até queria saber de mim, mas sabia que eu estava bem porque a família me queria muito e que pedia a Deus que eu fosse feliz. Ela jamais imaginou que acabaria me encontrando dessa forma.

— E quem ia imaginar meu amor? — nós almoçamos e seguimos o nosso dia.

Trabalhamos, as meninas foram para a escola. Mas o engraçado era que as pessoas estavam estranhas conosco naquele dia. Olhares desconfiados, cara de questionamentos. Achei que era coisa da minha cabeça até Sam e Rafa aparecerem em casa para o jantar sem as crianças e com duas garrafas de vinho.

Eles nunca iam sem avisar e sempre levavam as crianças. Acabou que

eu nem falei mais com Sam sobre minha descoberta e mais nada a respeito. Me senti uma péssima amiga.

— O que vocês estão fazendo aqui? Que bicho mordeu vocês pra aparecerem assim do nada? Não estou expulsando vocês, que fique claro. — eu ria enquanto os abraçava. — Não fiz jantar que dê para todos.

— Amiga querida, acho que você não vai querer jantar o vinho será suficiente.

Ela me deixou perplexa. O que seria tão grave para tirar minha fome? O que quer que fosse não era pior que eu ser casada com meu próprio sangue.

Eles entraram e nos juntamos a Tay à mesa. As meninas tinham acabado de jantar e estavam vendo TV, os filhos de Sam e Rafa estavam com a babá.

— Clara e objetiva é meu lema. — Sam olhou para Rafa que a olhava desconfiado. — A ilha toda e a cidade já sabem que vocês são irmãos. O clima está tenso, todos estão dando suas opiniões e dizendo que vocês devem se separar.

Eu cuspi o vinho que estava na minha boca. — Como assim? Só quem sabia era você, mamãe e nós dois. Nem Rafa sabia, não é? — falei inquisidora.

— Eu nem sonhava. — Rafa levantou as mãos em forma de rendição.

— Então quem foi? — Tay perguntou.

— Aparentemente Taylor teve um acesso de fúria no hotel e os funcionários decidiram bisbilhotar. Daí vocês já sabem. Ouviram e espalharam. — Sam dizia o que ouviu no hospital mais cedo.

— E quem eles pensam que são pra decidir sobre nossa vida? — Taylor falava furioso.

— Meu Deus que povo mais intrometido. — eu reclamava.

— Estamos aqui pra dar suporte a vocês. O que precisarem, estamos aqui. — Rafa falou.

— Sabemos disso. Pelo menos temos vocês. — eu peguei na mão dos dois. — Decidimos levar a vida um dia de cada vez.

— Eu não separaria de Sam. Mas sei que a barra é pesada. Como vocês estão levando tudo?

— Estranho. A gente se vê mais como irmão agora. Acho que é o peso da descoberta. — eu falei. — Bom, esse é meu ponto de vista.

— Acho que é isso mesmo. — Tay confirmou.

— Desculpa ter deixado vocês de fora.

— Ioio, é complicado isso, sabemos e entendemos. Agora vocês precisarão lidar com os falatórios.

— Essa é a merda de morar em cidade pequena. Mas eu falei pra vocês sobre meu pai?

— Como assim pai? — Rafa perguntou.

— Eu não podia te falar. Ela me pediu segredo. — Sam respondeu.

— Que mulher ingrata. Me deixou de fora de tudo. — ele riu.

— Então, meu pai me ajudou a descobrir tudo. — eu comecei a narrar toda a história para todos, nos mínimos detalhes, desde o acidente de carro.

Eles ouviram tudo até que eu finalizei.

— Acho que vou conversar um pouco com ele depois. Ele me ajudou e tem de saber também quem é a dona Anastácia. Além disso, ele quer vê-la. Vamos agora ver como a nossa cidade vai reagir a tudo.

Cresci naquele lugar, mas o que eu não contava era que minha vida agora era questão de falta de pudor. Viver naquela ilha ou na cidade era uma coisa quase impossível. Como as pessoas poderiaam ser tão más?

Capítulo 26

Meus problemas aumentavam a cada dia. Taylor estava chateado com os pais porque esconderam que ele era adotado. Pediu que não viessem vê-lo. Minha sogra me ligava com frequência para saber como ele estava. Ele não queria que eu dissesse. Estava entre a cruz e a espada.

Eu estava revoltada com minha mãe. Trocar um filho por uma vida. Será que ela não poderia ser uma pessoa normal e tentar crescer cuidando do filho? Para piorar, a cidade estava insuportável. Aonde eu ia era apontada, aquela é a “vagabunda” que se casou com o irmão e não separou quando descobriu a verdade.

Até os turistas especulavam sobre nossa vida. Era uma merda. Na escola das meninas cheguei a ser xingada pela mãe de uma outra criança. O que eu faria? Me isolaria? Viveria refugiada em minha própria casa? Aquele também era meu lar. Cresci ali. Quem aquelas pessoas achavam que eram para falar comigo daquele jeito.

— Sua vagabunda, cometendo incesto. Quando vai ver que o que está fazendo é errado? — uma senhora me falou quando fui deixar as meninas na escola.

— Quem você pensa que é Dolores? — respondi já cansada de tanta fofoca e julagamento. — Acha que só porque sai escondido com garotos bem mais novos que você ninguém sabe? Se toca sua hipócrita e vá cuidar da sua vida. — ela e mais outras vinte mães me olharam com cara de espanto. — O que foi? Vocês acham que são santas? Só porque ninguém comenta de vocês não quer dizer que não saibam. Pelo menos eu sou humana suficiente para não julgar as merdas de vocês. Tenham um bom dia. — saí batendo o pé e com vontade de chorar. Meu lar virou minha prisão.

Taylor e eu estávamos tentando levar tudo numa boa, esquecer que tínhamos o mesmo sangue, mas eu percebi que ele estava meio sem jeito comigo. O sexo era estranho, forçado, não era mais agradável, era como fazer sexo com... meu irmão. Era isso! Estávamos fadados ao fracasso. Não conseguiríamos esquecer que o mesmo sangue corria em nossas veias.

Tinha um feriado chegando. Eu planejava passar com a família,

curtindo a praia e nossas filhas, mas com tudo isso, mudei meus planos. Acertei com Tay que iria ficar uns dias na Metrópole com meu pai e tentar espairer. Além de ele conhecer as meninas, eu precisava de espaço e dar uma chance a ele de se explicar melhor. Talvez ele fosse uma boa pessoa afinal.



— Oi... pai? — eu fiz uma cara estranha quando falei a palavra na porta da casa dele.

— Achei que nunca ouviria você me chamar assim, mas mesmo não sendo a forma que queria ouvir, obrigada por tentar. — ele me abraçou emocionado. Foi estranho.

— Essas são as gêmeas. — apresentei minhas meninas que ele pegou no colo, como se fosse o avô presente que eu adoraria que ele tivesse sido. Talvez ainda haja tempo para isso.

Apreendi com minha vida cheia de surpresas que nunca é tarde para se mudar, perdoar, amar e aceitar. Erros todos cometemos, mas o que vai influenciar o futuro, o desenrolar da sua história, é como você corrige esses erros.

Ainda estou furiosa com minha mãe, mas ela é minha mãe. Não vou ficar assim pra sempre. Uma hora vou perdoá-la, mesmo que minha vida seja destruída por completo. Ela foi, por muito tempo, tudo o que eu tinha.

Taylor também vai fazer o certo. Está mais magoado com a própria mãe do que com a minha. Não entendi esse julgamento dele, mas ele consegue falar com a sogra/genitora, o que não faz com minha sogra.

Entrei na casa do meu pai e dei uma olhada nas paredes e em tudo. Era cheio de fotos de viagens, passeios e da família dele. Tinha várias fotos da falecida esposa. Mas achei uma foto bem peculiar e que não fazia parte daquele lugar.

— Ei, essa é mamãe bem jovem. — peguei o porta retratos e o segurei. Mamãe estava na praia, em uma pose bem descontraída, parecia feliz.

— Sim, eu tirei essa foto quando a conheci. Passamos um final de semana em uma praia do litoral. Ela foi passear com os pais e eu inventei

uma viagem de negócios para estar com ela. Eu amo sua mãe Iolanda, mesmo que seja errado, sempre amei. Coloquei essa foto aí há pouco tempo. Alguns de seus irmãos não gostaram, mas a casa é minha...

— Hum. Eu não entendo esse tipo de coisa. Para mim o amor é único. Se você era casado não devia amar outra pessoa, a não ser que não amasse sua esposa.

— Eu a amei, muito. Mas o que senti e sinto por sua mãe é sobrenatural. Inexplicável. — ele retirou os óculos e secou uma lágrima solitária.

— Se a ama tanto vá atrás dela. Sei que ela sempre te amou. Acho que vocês precisam conversar.

— Tenho medo do que ela possa me falar.

— Ela não é perfeita. Está longe de ser. Vim passar um tempo com você pra te dar tempo de explicar tudo o que houve e também te falar o que minha mãe me causou. Acho que ela não é ninguém pra te julgar. Depois você decide o que fazer.

— Acho justo. Mas não há nada que diga que possa mudar o que sinto pela sua mãe.

— Não quero que deixe de amá-la. Apenas conhecer a quem você dedica seu amor. Ela não pode te julgar, já que é tão errada.

— Imagino o que ela te causou já que você se casou com seu meio irmão.

Ouvir aquilo doía demais. Eu ainda não sabia lidar com aquele fato. Mas acabei por relatar tudo para ele. Desde que conheci Taylor, até o dia anterior da minha vida. Foi uma conversa longa. Cheguei à casa de meu pai após o almoço, quando vi já eram sete da noite. As meninas lancharam, brincaram, dormiram, acordaram e eu ainda estava no meu relato.

— Vamos pedir um jantar.

— Que isso! Eu cozinho.

— Não vou deixar você vir à minha casa e cozinhar. É minha filha, mas é visita, por enquanto. — demos um breve sorriso de cumplicidade. Acho que íamos resgatar o tempo perdido.



Nesses dias em que fiquei afastada, senti um sentimento novo que eu

nunca tinha sentido falta, mas que tinha me mudado. Eu precisava de um pai, só não sabia.

Marcos era o tipo de pessoa que você consegue conversar sobre tudo. Era carismático, amável, bom ouvinte e sempre tinha algo bom para falar. Suas opiniões eram boas e ajudavam a ver os problemas de um outro ponto de vista.

Ele era um avô carinhoso, um pai que se preocupava. Acabei conhecendo uma irmã minha. Não foi algo muito normal, mas foi bem legal. Marcos já tinha contado tudo aos filhos sobre minha mãe e eu, então as apresentações ficaram mais fáceis.

Os filhos que nasceram antes de mim ficaram chateados com tudo e não quiseram me conhecer, somente Lana, a mais nova, achou legal ter uma irmã pra agregar à vida. Ela era bem legal. Não levou os filhos ou marido. Quis me conhecer e saber um pouco sobre mim. Almoçamos somente as duas em um restaurante bem fofo e as meninas ficaram com meu mais novo pai.

Foi bom me abrir para uma completa estranha, mas que tem o mesmo DNA que o meu. Tivemos horas incríveis:

— Como foi Marcos como pai?

— Ele foi um bom pai. Era presente, carinhoso, corrigia quando precisava. Tive uma boa infância. Meus irmãos eram como todos os outros. Brigávamos e depois fazíamos as pazes. E você?

— Minha vida foi ótima. Minha mãe era amorosa, participou de tudo e não me deixou sentir falta de um pai. Como era sua mãe?

— Ela era maravilhosa. Super mãe. Ela e papai tinham uma vida tranquila. Acho que ela nunca soube da sua mãe ou de qualquer outra, caso ele tenha tido.

— Talvez não tenha havido outra.

— É, talvez. Mas pelo que pude ver nos olhos dele, ele amou mesmo a sua mãe. Acho que ainda ama.

— E como você está com isso tudo?

— Minha mãe se foi. Ele precisa continuar a vida dele. Pelo menos ele cuidou dela enquanto pode.

— Que bom que pensa assim.

— Não há como pensar de outra forma. Quem se vai não volta, mas quem permanece precisa seguir a vida. Posso ver uma foto da sua mãe?

— Claro. — eu procurei no meu celular e mostrei a ela.

— Puxa! Ela é linda. É nova essa foto?

— Sim. Deve ter uns poucos meses apenas.

Ela admirou minha mãe e disse que eu me parecia muito com ela. Foi bem agradável o tempo em que conheci minha irmã. Acabamos nosso almoço e nos abraçamos, em sinal de amizade:

— Olha, fica tranquila que tudo vai acabar bem. Sei que eu nem imagino passar por uma barra como a sua, mas sei também que tudo vai acabar bem no final. Me liga se precisar.

— Claro. Obrigada por me ouvir desabafar. Fiz seus ouvidos de buzina. — ambas rimos e nos abraçamos. Foi então que percebi o quanto uma família maior me fazia falta.

— Não chora, eu tô aqui. Calma. — ela passava a mão nas minhas costas e eu soluçava.

— Eu não sabia que ter irmãos era tão bom. Desculpa.

— Você só acha isso porque creceu sem eles e porque você conheceu a mais legal. Quando conhecer os outros vai mudar de opinião. — nós gargalhamos nessa hora e voltamos para a casa do meu pai.

Lana foi embora no final da tarde e eu fiquei com meu pai só pra mim. Para quem nem queria saber dele eu estava bem territorialista. Mas foram dias incríveis.

Quando o dia de voltar para a ilha chegou, eu não sabia mais o que me esperava. Fui ver meu pai para descobrir o que fazer e ia voltar ainda perdida. Que mundo cruel. Falei duas ou três vezes com Tay. Estávamos estranhos, como se não tivessemos construído uma vida juntos, como se tudo já tivesse acabado.

Meu pai me levou à rodoviária e eu peguei o ônibus que me levaria para casa. Depois do acidente fiquei com um pouco de medo de dirigir longas distâncias com minhas pequenas junto.

A volta para casa foi repleta de dúvidas e incertezas. Eu não sabia como estavam as coisas porque Taylor não me falava nada, pedi a rafa e Sam para não me ligarem porque eu precisava de um tempo e ignorei as chamadas de mamãe. Ela nem sonhava onde eu estava. E pedi a meu marido que não a deixasse saber.

Conversei com meu pai e ele me disse que iria visitar minha mãe. Eles tinham muito para colocar em pratos limpos. Eu fiquei de preparar o terreno, mas não sei se ia fazer isso não. Talvez fosse melhor ela o encontrar de supetão.

Quando cheguei ao porto após a travessia para a ilha, Tay nos

esperava com olhos cansados e cheios de saudades. Ele abraçou as meninas, beijou, questionou se tinham gostado de tudo. Porém, nosso abraço foi estranho, como se não tivéssemos jeito um com o outro. Será que nossa vida seguiria rumos diferentes?

Capítulo 27

Quem consegue transar com o marido depois de descobrir que ele é, na verdade, seu irmão? Acho que poucas pessoas podem dizer que sabem. Esse carma aconteceu comigo em entre um bilhão de pessoas.

Taylor e eu não conseguíamos mais fazer sexo. Era estranho, a gente se desencontrava, não encaixava mais. Na primeira noite após a minha volta da casa de meu pai Taylor me contou como tinha sido tratado pelos moradores e funcionários da cidade e da ilha.

— Nossa! Não sabia que as pessoas por aqui eram tão más. Como você aguentou tudo isso sem mim?

— Eu precisei. Não sou apenas eu quem precisa segurar a barra, você também tem passado por muita coisa. — ele disse enquanto estávamos deitados na cama.

— Eu sei. O que te falaram?

— Quando ando na rua sempre escuto sussurros, comentários falados em voz baixa. Nada muito explícito. Mas tem pessoas mais velhas que gritam comigo na rua me chamando de depravado, incestuoso, dizem que vou para o inferno. Às vezes rio, às vezes fico deprimido. Depende muito do meu humor do dia.

— Sei como é. Mas de uma forma ou de outra vai dar certo. — segurei em sua mão.

Mas nada parecia ter solução. As semanas de novembro foram horríveis. No início de dezembro percebemos que estava tudo muito ruim. Minha mãe e Taylor conversavam de vez em quando. Ele parecia querer recuperar o tempo perdido, mesmo sem aceitar e eu queria que ela fosse embora pra não me lembrar que eu estava casada com meu irmão.

O que sei é que na primeira semana de dezembro Taylor me chamou para conversar. Ele estava com uma pequena mala a seus pés.

— Vai a algum lugar? Aconteceu alguma coisa com seus pais? — perguntei aflita porque já sabia qual seria a resposta e eu queria adiá-la a todo custo.

— Meus pais estão bem. Mas acho que nós não.

— Não diz isso Tay. Somos uma parceria. Somos um só.

— Você percebeu como estamos. Nem mesmo conseguimos ter relações normalmente. Como vamos levar esse casamento adiante?

— Não faz isso com a gente. Olha para as meninas — elas estavam brincando em um cantinho na sala — Nós acabamos de dar a elas um lar e você quer desfazê-lo?

— Não sou eu, é a situação. Na escola das meninas, na rua, no nosso trabalho. Como posso deixar que isso afete vocês?

— Não ouse dizer que está fazendo isso por nós. Você não decide o rumo dessa relação sozinho. Nunca foi assim e não é hoje que vai ser. — eu falava já aos prantos e meio histérica. As meninas perceberam e se aproximaram de mim, me abraçando, cada uma em uma perna.

— É melhor pra todos nós amor. Sinto muito que tenha sido assim. — ele pegou a pequena mala, deu um beijo nas meninas e outro bem singelo em mim. — Vou para o hotel. Estarei sempre a disposição de vocês. Te amo, Iolanda. Pra sempre.

Eu soluçava, estava um caco. Não acredito que meu casamento tinha acabado assim. Simples e rápido. Ele decidiu sozinho e foi embora. Talvez ele quem não conseguisse aguentar o peso da situação e jogou para cima de mim e das meninas, até porque eu estava vivendo aquilo e, para mim, não fazia sentido nenhum. Nos amávamos e passaríamos o resto de nossas vidas como duas pessoas diferentes porque ele não conseguiu ouvir a fofoca do povo. Se era assim que ele queria, assim ia ser.

Eu não ia me humilhar por causa dele não. Nem agora e nem nunca. Se ele queria separar e ser apenas meu irmão, que ficasse com a vontade do povo.

O que me doeu é que as meninas sofreram demais. Todos os dias à noite elas chamavam por ele. Marcamos de revezar para dormir com elas. O povo nos viu separados e a fúria da população acalmou.

Uma semana depois que ele saiu de casa, minha mãe ligou e, depois de tantas tentativas, eu a atendi:

— Taylor me contou que está no hotel. Acho que foi a melhor decisão que vocês tomaram.

— Taylor, Taylor e Taylor. Quer dizer que ele fala com você? Porque comigo ele não fala. Mal pergunta sobre as meninas. Se pudesse marcava tudo direto com elas para não ter de falar comigo.

— Ele está sofrendo também.

— Não quero saber. A escolha foi dele de ouvir a voz do povo e não o que sentimos um pelo outro. Acho que a senhora teve a ver com a decisão que ele tomou, não foi?

— Eu jamais falaria algo assim pra nenhum de vocês. Mas já que a decisão foi tomada, acho que posso mostrar minha opinião.

— Guarde pra você ou partilhe com seu filho. Prefiro ficar sozinha do que na companhia de algum de vocês dois. — sei que posso parecer uma filha ruim, mas só quem vive o que eu vivi sabe como me senti.

Bati o telefone na cara dela e chorei. Passava dias inteiros em casa. Assistia a filmes, séries, lia um pouco de notícias. O jornal que Taylor assinava ainda ia para nossa casa. Eu sentia falta dele, mas não ia dar o braço a torcer.

E como minha mãe, que foi culpada e causadora de toda essa situação, poderia dizer que isso foi melhor? Ela acompanhou todo o começo entre Taylor e eu, ela sabia como éramos juntos. Ela mesma falou que éramos o casal mais parceiro e lindo que já viu na vida.

Como ela pode dizer que nos separar era o melhor? Só se fosse pra ela. Minha campanha tocou, eu não tinha saco para receber ninguém. Mas a visita que eu recebi foi a mais maravilhosa que alguém poderia ter naquela hora:

— Pai. — eu me joguei nos braços dele e soluzei.

— O que houve? — ele passava a mão em minha cabeça.

Contei a ele resumidamente o que houve, ali mesmo na porta de casa. Chorei até ficar meio cansada e ele apenas me abraçou. Quando percebi que ainda estávamos do lado de fora o chamei para entrar.

— Desculpe ter vindo sem avisar. Acho que senti que precisava te ver.

— Não tem problema. Chegou na hora certa. Estou meio sozinha. Me isolei. Não quero ver ninguém e minha vida está desmoronando como um castelo de areia.

— Você acha que posso falar com sua mãe?

— Claro. Parece que a única que não quer falar com ela sou eu. Todos ao meu redor tem algo a tratar com dona Anastácia.

— Não diga isso. Você sabe que eu tenho uma vida a tratar e você está inclusa nela.

— Desculpe. Estou descontando em você meus problemas. Vamos, te levo lá.

— Cadê as meninas?

— Foram passear com a babá no parquinho. Eu não estou muito bem pra ficar com elas.

— Entendo. Não é bom que te vejam assim.

— Espera só um instante que eu vou pegar a chave do carro. Quando estou sozinha sempre ando de bike, mas não vou fazê-lo adiar mais se encontro.

Ele assentiu e nós fomos à padaria de mamãe. O passado e o futuro dela estavam se chocando naquele momento. Ela ficaria frente a frente com meu pai. O homem que ela amou, e talvez ainda ame, estará diante de seus olhos. Como ela reagiria?

Capítulo 28

— Olha, ela teve um pirepaque uma época dessas. Cuidado com o coração dela. — eu estava com raiva dela, mas não queria que morresse né. É minha mãe.

— Pode deixar. Mais fácil eu morrer assim que a vir.

— Não diga bobagens. Acabei de te conhecer, se perder mais alguém na minha vida quem morre sou eu. — nos olhamos com aquela cara de pai e filha que poucas pessoas conhecem.



Mamãe estava mexendo em uns pães no balcão quando nos viu. Amor de verdade a gente nunca esquece. Ela reconheceu meu pai assim que bateu os olhos nele.

— Mas como...?

— Oi Anastácia. Há quanto tempo! Desculpa vir sem avisar, mas a Iolanda me disse que não tinha problema.

— Vocês se conhecem? Como? O que está acontecendo? — ela estava com uma mão no coração e a outra na boca em sinal de total espanto.

— Fica calma mãe. Você tomou seus remédios hoje? Está se sentindo bem?

— Sim, sim. Eu só quero saber o que está havendo.

— Achei o nome dele em umas de suas caixas de segredo, fui atrás, fiz DNA, confirmamos que ele era meu pai, que Taylor era seu filho. Conheci uma de minhas irmãs. Ele é viúvo. Passei o último feriado na casa dele e vocês precisam conversar. Com licença. — eu saí e os deixei com mamãe com cara de atônica e meu pai de bobo apaixonado quando encontra a amada.

Sam me esperava do lado de fora da padaria. Resolvi que precisava ficar com alguém e minha amiga era essencial, já que Rafa estava do lado do inimigo e conversava todos os dias com meu marido que desistiu de mim.

— Como foi?

— Estão lá dentro. Acho que foram conversar no escritório. Eles tem muito a dizer um para o outro.

— Uau. Essa sua vida daria um livro. Te digo isso com toda a certeza do mundo.

— Só se for um livro de terror. Bem vinda ao eterno Halloween que é minha vida.

— Para Iolanda. Sei que está passando por uma barra, mas sua vida antes disso era perfeita.

— Então, perfeita demais. Acabou a felicidade.

— Você ainda tem as meninas. Deixa de ingratidão. Perder o marido não é nada comparado a perder um filho.

— E o que você sabe sobre isso? Já perdeu algum filho? — perguntei de forma ácida.

— Não. Mas você já e sei o que você passou.

Aquilo doeu e me tocou lá na alma. A dor que eu senti após perder Taylor não era, nem de perto, tão forte quanto a dor que senti quando perdi meus bebês.

— Desculpe. Você está certa. Desculpa por ter sido uma amiga má e cruel. Só acho que minha dor e problemas são maiores do que o de todos ultimamente.

— Pode não ser maior, mas é única porque é sua. É você quem a sente. Além do mais, as pessoas comuns sofrem por amor e seu amor é seu irmão. Então é bem estranho mesmo. Mas tem um lado bom em tudo.

— Pois me diga qual é ele. Estou curiosa pra agradecer ao universo por essa maravilha. — mesmo após os comentários dela eu permanecia sarcástica.

— Você ganhou avós, tios, primos, conheceu seu pai, ganhou mais alguns irmãos e sobrinhos e o melhor de tudo, realizou seu desejo de ser mãe. É uma família bem grande para quem não tinha nada além da mãe, o marido e dois melhores amigos.

Já estávamos tomando um sorvete na melhor sorveteria da cidade. Decidimos caminhar um pouco e conversar. Andávamos a pé, tomando uma casquinha.

— Você está certa, mais uma vez.

— E eu não sei? Sou a melhor amiga que alguém pode ter. — ela riu e me cutucou com o ombro.

— É, preciso admitir. Você é mesmo.



Papai chegou à minha casa já eram quase dez da noite.

— Só vim buscar minha mala. Vou dormir na casa da colina. Me disseram que é um lugar lindo.

— Bom, primeiro que é mesmo lindo, mas é a nova casa de Taylor, além de ser o trabalho dele. Segundo que meu pai dorme em minha casa.

Ele cumprimentou as meninas com abraços e muitos beijos. Elas estavam com dificuldades para dormir desde que minha rotina tinha virado de pernas para o ar.

— Aceito a intimação para dormir aqui. Assim fico perto dessas pequenas. Tem certeza que não vou atrapalhar?

— Claro que não. Preciso de você também. Como foi com dona Anastácia?

— Foi um papo longo, difícil e cheio de feridas. Pedi perdão pelo que fiz com ela, mas falei que foi por amor. Ela roubou meu coração assim que a vi. Ela pediu perdão por ter me escondido você, mas eu disse a ela que estava certa. Eu fui muito errado no que fiz.

— E como acabou esse papo todo?

— Com uma xícara de café com pães de queijo e um convite para almoço amanhã.

— Hum, quer dizer que você tem um encontro? — eu ri e ele corou. Foi engraçado.

— Eu não diria que é um encontro. Apenas dois velhos conhecidos colocando tudo em pratos limpos.

— Dois ex-apaixonados que descobriram que ainda se amam e que tem uma filha juntos. Acho que é um encontro sim.

— Talvez eu queira que seja. — ele falou feliz e com cara de sonhador.

— Vou colocar as meninas na cama. Elas dormem em instantes. Volto pra gente tomar um chá e arrumar seu banho e uma cama bem macia pra sua noite aqui.

— Não se preocupe. Estarei aqui.



As gêmeas dormiram em dois minutos. Arrumei um dos quartos para o papai e tomamos uma xícara de chá de camomila para acalmar os ânimos do dia.

— Espero que vocês se entendam. De coração. Quero que sejam felizes. Não importa o que decidirem.

— Eu também. Ainda amo sua mãe. Sempre soube, mas meu coração bateu mil vezes mais rápido quando a vi hoje. Ela ainda tem a mesma beleza. Parece que o tempo não passou pra ela.

— Caramba, isso é amor mesmo. Ela continua linda, mas a idade já chegou pra ela também.

— Estive pensando. Você me disse que ela teve alguns namorados, mas nada muito sério.

— Sim. Alguns duraram pouco, outros mais. Mas nenhum tão significativo. O que durou mais ficou com ela por três anos. Mas por quê?

— Você recebeu o nome de algum deles?

— Uau, não. Claro que não. Tenho apenas o nome da mamãe. Pai desconhecido. — eu falei em tom mais baixo, mas me arrependi assim que saiu da minha boca.

— Será que esse pai poderia deixar de ser desconhecido? Você aceitaria que eu colocasse meu nome no seu registro?

— Isso é sério?

— Claro. Você é minha filha. Tem direitos como todos os outros.

— Não quero seu nome para ter direito a nada que é seu. — eu falei fechando a cara e me sentindo humilhada.

— Não falo de direitos a bens, embora você tenha esse direito. Falo do direito a ter um nome de pai em seu registro, de mostrar que eu faço parte da sua vida. Mas se não quiser vou entender.

— Eu adoraria. Mas não quero nada que é seu. Minha mãe já tem bens no meu nome e eu tenho uma vida boa. Não quero tirar o que é de direito dos seus outros filhos.

— Dos seus irmãos.

— Isso. Mas eu adoraria dizer que tenho um pai. — ele pegou minha

mão pelo outro lado da mesa.

— Será honra minha poder colocar meu nome no sua certidão. Tenho orgulho de ter uma filha como você. Batalhadora, resolvida, determinada e forte.

— Obrigada pai. — uma pequena lágrima caiu solitária pela minha face.

— Amanhã eu vou ao cartório da cidade dar entrada. Como advogado eu posso solicitar. Além de ser o requerente.

A noite terminou mais feliz do que eu imaginei. Minhas meninas dormiam bem no quarto delas, eu tinha um pai e, em breve, o nome dele estaria na minha certidão. Pelo menos o destino começou a me trazer algo bom.

Capítulo 29

No dia seguinte recebi uma ligação de Taylor. Era bem cedo. Ainda não estava processando bem as coisas.

— Bom dia. Desculpa te acordar. Mas eu preciso ver as meninas.

— Oi. O que houve?

— Sei que está com visistas. Seu pai, que eu nem conheço, está aí. Mas eu preciso ver as meninas. Tenho muitos assuntos pendentes com meus pais e resolvi passar Natal e Ano Novo com eles na Itália, eles passarão lá esse ano.

Eu engasguei com a notícia. Mas eu também era forte. Se era isso que ele queria eu não ia perguntar nada.

— Sim, claro. Você está certo. Só achei que ia passar um dos dois feriados com elas. — homens são assim mesmo, fogem no menor dos problemas, imagina um desse tamanho todo.

— Era o que eu queria. Mas preciso ir logo e não consigo voltar e buscá-las para o Ano Novo. As passagens ficariam muito caras.

— Não precisa se desculpar. Elas estão com a mãe, ficarão bem.

— Você fala como se minha presença não fosse importante pra elas.

— Ao contrário. Justamente por ser importante estou te cobrando ficar com elas. — uma vez uma colega minha me disse que os homens quando separam da esposa, separam-se em parte dos filhos também e era um fato. No primeiro final de ano com as meninas, Taylor já ia fugir da responsabilidade só porque não queria enfrentar nosso problema.

Quando ela falou isso achei que era porque o ex-marido dela era um crápula da pior espécie. Isso jamais aconteceria com Tay, até porque íamos ficar juntos até a morte nos separar. Mas não foi o que aconteceu. Mal estamos separados e ele já coloca as manguinhas de fora. Bando de homens frouxos. Não sabem encarar nada. Fogem apenas na menção do nome PROBLEMA.

— Eu posso passar pra me despedir das meninas?

— Claro. São suas filhas também. — ele deixou bem claro que ia se despedir das meninas e não de mim.

— Estou saindo daqui. Minha passagem está para hoje ainda.

— Decidiu bem rápido. Está fugindo?

— Não torne as coisas mais difíceis Ioio. Estou fazendo isso por nós.

— Está fazendo por você. Não fui comunicada, portanto, não estou inserida na sua decisão. Venha que elas estarão te esperando. — bati o telefone antes que ele pudesse falar mais nada.

Éramos duas crianças brigando pelo pirulito. Ninguém queria ceder.

— Pai. — bati na porta de seu quarto. — Desculpa te acordar, mas o Taylor vem ver as meninas e eu não quero estar aqui quando ele vier. Você se importa de ficar aqui e recebê-lo?

— Não. De jeito nenhum. Aconteceu alguma coisa que preciso saber?

— Te conto depois. Só preciso sair. Obrigada. Tem comida na mesa. Deixei tudo pronto para o café da manhã. — fui falando e saindo como se precisasse de ar. Parecia que a casa estava me sufocando. Comecei a correr para a pedreira onde eu costumava pensar quando era mais nova, não queria ir para o jardim, queria ficar sozinha.

Taylor deixou claro com aquela notícia que não existia mais “nós”. Ele decidia tudo sozinho. Ele passaria Natal e Ano Novo longe da família que construímos juntos. Eu precisava pensar, respirar e saber o que fazer da minha vida dali em diante.

Nós morávamos no mesmo lugar. Tínham as meninas ainda. Ele até poderia voltar a morar na Itália, quem sabe. Eu precisava começar a engolir e digerir minha nova verdade. Eu era uma divorciada com duas meninas para criar.

Fiquei umas duas horas na pedreira. Precisava planejar as festas de final de ano sem o patriarca da família. Se ele não queria estar conosco eu ia dar o melhor Natal e Ano Novo que minhas filhas já tiveram.

— Como foi? Ele já veio? — papai brincava com as meninas no tapete da sala. Papai. Era estranho chamar alguém assim. Nunca tinha dito essa palavra.

— Ele veio, falou com as meninas, me contou que está indo pra Itália resolver pendências.

— Sei. O nome da pendência é medo. Está fugindo de mim e da nossa família.

— Eu não sei se isso é verdade. Ele me pareceu um bom homem e ama muito vocês.

— Percebi quando ele me disse que no primeiro Natal das meninas

conosco ele estará viajando.

— Olhe pelo meu ângulo. Nem sempre fiz o melhor pra minha família. Mas tentei. Você precisa olhar o lado dele. Entender os sentimentos dele.

— Todo mundo quer me dizer como devo ver a vida. Mas olha pai, estamos no mesmo barco. Ele é meu irmão tanto quanto sou irmã dele.

Com isso encerramos o papo. Eu o deixei na casa da mamãe mais cedo. Ele almoçou com ela. Pelo visto se entenderam.

Eu liguei para Sam e combinei um Natal na casa dela, com Rafa e os meninos. O Ano Novo seria na casa de minha mãe. Rafa e Sam também iriam. Tudo resolvido até aqui. A partir de hoje eu seguiria a filosofia dos Alcoólicos Anônimos: *um dia de cada vez*.

NATAL

Uma linda ceia cheia de amor, alegria, presentes e uma família para minhas bebês. Mas elas queriam o papai delas e eu não pude dar. Dei apenas um telefonema no qual Sam fez a ligação e eu nem quis ouvir sua voz.

Pelo menos elas estavam felizes e o Tay na Itália.

Dia 25 foi dia de choro pra mim relembrando Natais passados com o amor da minha vida.

ANO NOVO

Vi meus pais se amando e foi lindo. Eles mereciam essa felicidade depois de tanto tempo separados. Naquele momento perdoei minha mãe. Mas ainda estava sem marido.

Dia primeiro chorei de novo, mas decidi que se Taylor não era homem pra enfrentar tudo por nós eu também não choraria por ele.

Capítulo 30

Taylor não me ligou no Natal ou no Ano Novo. No Natal ligou no celular do Rafa para falar com as meninas e no Ano Novo ligou para minha mãe. Ouvi apenas: “Taylor mandou lembranças” e alguns olhares de piedade.

Achei uma falta de consideração enorme da parte dele. Parece que nunca me amou. Era como se nossa ligação amorosa tivesse deixado de existir no momento em que ele descobriu que éramos irmãos.

Eu sempre o amei e ainda o amava. Ele era meu porto seguro, meu abrigo, meu amor, meu amigo e agora se tornou meu irmão. Mas isso não mudou o que eu sentia por ele.

Eu estava com muita raiva pelo que ele fez comigo. Por ter nos abandonado e não demonstrar nem um pouco de companheirismo com a mulher com quem dividiu uma vida. Resolvi que iria sofrer em silêncio.

Na frente de todos eu seria a mulher forte, destemida e independente que sempre fui. Poderia chorar, sofrer, perder pedaços aos poucos, mas seria no meu esconderijo. Minhas lágrimas pertenceriam apenas a mim mesma.

Ele não deu sinal de que voltaria tão cedo. Deixou a Casa da Colina sob supervisão da gerente e fugiu por prazo indeterminado. E, já que ele fugiu sem me dar satisfação, eu faria o mesmo. Era livre e desimpedida.

Resolvi passar um mês de férias na casa da minha irmã Lana. Já que ela estava a par da situação e me ofereceu abrigo eu fui.

— Olá maninha. Seja bem vinda à minha humilde morada. — ela abriu os braços e me mostrou seu canto.

Era uma linda casa, com um quintal grande, jardim e algumas árvores bem podadas. Ela morava a duzentos quilômetros da Metrópole. Era uma cidade de interior, bem pacata.

— Quanta humildade. — eu ri.

Ela me apresentou a casa, os filhos e o marido. Mas me avisou para não me preocupar com ele, pois trabalhava bastante e passava a maior parte do tempo no escritório. Ela mesma o via poucas vezes.

Depois de uma semana que eu estava na casa de Lana Taylor resolveu dar o ar de sua graça.

— Desculpa Lana, preciso atender. É o Taylor. — nós estávamos conversando na sala enquanto as crianças brincavam no quarto de brinquedos. Isso mesmo, ela tinha um lugar assim na casa dela.

— Vá. Não sairei daqui.

— Alô.

— Que raios você acha que está fazendo saindo da ilha com as meninas sem me avisar? — ele não gritava, mas demonstrava raiva.

— Estou bem obrigada. E devo lembrá-lo que você foi para a Itália sem prévia comunicação e nem lembrou que suas filhas precisavam do pai por perto. Lembro mais ainda que era o primeiro final de ano delas conosco e você achou mais cômodo fugir do que enfrentar sua nova vida. — falei com autoridade, mas sem elevar a voz.

— Eu não fugi. Eu precisava respirar. Você mesmo passou uns dias no seu pai, por que eu não posso?

— Isso mesmo. Passei uns dias e não os feriados mais importantes para uma família. Outro fator determinante foi que minha ida para meu pai foi uma viagem curta e combinada entre nós dois. Sei que você saiu de casa, decidiu por nós que era melhor terminar nosso casamento, não me devia satisfação nenhuma, mas a consideração era o mínimo que eu esperava de você.

— Sinto muito se fui covarde. Mas foi demais para mim o que aconteceu conosco, eu não consegui lidar. Minha única escolha foi vir para a Itália.

— Pois bem. Se você nem mesmo voltou para a sua casa, para sua vida, por que você quer que eu esteja na ilha? Só para me controlar? Saber o que faço e com quem saio? Sinto muito, mas não devo mais essa satisfação a você. Nossas filhas estão bem. Quando você voltar me avisa se quiser vê-las, se eu ainda não estiver em casa providencio minha volta.

— Então você não tem previsão de voltar pra casa? Onde vocês estão?

— Não sei quando volto. Estou tirando férias. Até breve. — eu desliguei na cara dele quando ele tomava fôlego para falar mais alguma coisa.

Aquela conversa estava me doendo, me matando. Ele queria saber de mim, mas não queria. Queria me controlar e não estar comigo. Eu nem sabia o que ele estava fazendo na Itália. Vai que já tinha saído várias vezes, conhecido lindas garotas italianas e já tinha se apaixonado e decidido ficar por lá!

Eu precisava resolver minha vida. Me afastar dele. Mesmo que doesse. Muitas famílias tinham pais separados. Nós conseguiríamos lidar com a situação, só levaria um pouco mais de tempo que o normal.

— Como foi a conversa? Ele já voltou?

— Que nada. Quer apenas manter rédia curta e me controlar.

— E você falou que estava aqui?

— Eu? Nunca precisei. Se ele não me dá satisfação por que eu faria isso? A falta de consideração será recíproca também. — Lana e eu demos boas gargalhadas, mas por dentro eu estava estilhaçada.

— Olha, sei que você está tentando ser forte. Não nos conhecemos há muito tempo e nem tivemos muito contato, mas eu sou boa em ler pessoas. Você está um caco.

— Eu o amo tanto que chega a doer. Pra mim ele sempre será Taylor, o garoto que conheci na faculdade, de lindos olhos azuis que mudavam de cor conforme seu humor. É o amor da minha vida, minha alma gêmea. Ele não é meu irmão e nunca será. Ele é o pai dos filhos que foram tirados de nós, que me abraçou e sofreu comigo quando nós os perdemos. É o pai amoroso das nossas gêmeas que pulou de alegria quando nós as levamos pra casa. Ele é um companheiro maravilhoso, carinhoso, que ajuda em casa e me faz bem.

— Vocês vão dar um jeito Iolanda, não fique assim. — nesse momento eu estava aos prantos no sofá de Lana, chorei como nunca na vida. Pelo menos não por amor.

Tinha um fato que estava me incomodando e eu não tinha contado pra ninguém. Eu me senti estranha há alguns dias e há duas semanas minha menstruação estava atrasada. A última vez que transei com Taylor foi antes de ele sair de casa. Nós não tínhamos usado camisinha porque eu estava tomando remédio. Mas tinha esquecido algumas vezes depois de minha vida virar uma bola de neve em direção ao abismo.

Meu Deus, só me faltava essa. Já tinha perdido dois bebês por causa da nossa compatibilidade. Tínhamos adotado as gêmeas e ele tinha me deixado. Se eu estivesse grávida eu não saberia como lidar. Perderia mais um bebê. Seria outro sofrimento e dessa vez dobrado porque eu não teria Tay pra me confortar.

— Está pensando em quê? — Lana me tirou do devaneio.

— Acho que tô grávida.

— Quê? Como você me diz isso assim na lata?

— Ué. Você perguntou e eu respondi. Onde você está indo? — ela

levantou do sofá na mesma hora.

— Comprar um teste de gravidez. Não vou ficar nessa dúvida só porque você está meio pirada.

— Ei, não estou pirada. Só fora do eixo.

— Piradinha e maluca. Como você não fez o teste ainda pra ter certeza?

— Estou com medo da verdade. E se estiver? E se meu bebê for doente de novo?

— Se estiver e seu bebê for doente você fazer o teste ou não, não vai mudar esses fatos, mas você pode se cuidar melhor e pode se preparar para o que for. Espere aqui. Volto em alguns minutos.



Ela não demorou mais que quinze minutos, mas pareceu uma eternidade.

— Direto pro banheiro.

Eu segui a ordem dela e fiz o teste, esperando minutos intermináveis até sair o resultado.

— Então? — ela perguntou quando saí do banheiro.

— Estou lascada. Meu Deus, o que eu vou fazer?

— Vai fazer uma consulta e saber se está tudo bem com a criança. Nada de desespero ou loucuras. Existem bebês de irmãos que são completamente saudáveis, pesquisei depois que conversamos na casa do papai.

— Você não entende. O universo conspira contra mim. Já foram duas gestações com bebês doentes, Taylor me deixou e agora estou grávida. O que mais você quer pra ter certeza que vai dar tudo errado?

— Ei cale essa boca. Sou sua irmã e, embora mais nova, sou mais centrada que você. Você determina o que acontece na sua vida. Isso depende das palavras que saem da sua boca e, dessa vez maninha, você terá um bebê saudável e feliz.

Eu amava a forma como Lana via a vida. Ela era tão positiva. Eu jamais seria daquela forma, não depois de tudo pelo que passei.

— Tenho um ginecologista que me consulta há anos. Vou ligar pra ele

e dizer que é emergência.

Cidade pequena, irmã conhecida e com grana é tudo de bom. No mesmo dia consegui consultar com o doutor Pereira.

— Então, a senhora está mesmo grávida. São sete semanas. Parabéns. Como sua irmã me contou os fatores de risco, você precisa acompanhar de perto a gestação. Até agora está tudo bem.

Eu dei um pequeno suspiro de alívio. Mas ainda tinha de enfrentar a dura verdade que era mãe solteira e agora de três filhos.

Eu não poderia esconder pra sempre, não poderia fugir da ilha, não poderia seguir minha vida. Agora eu tinha mais essa decisão para tomar com Taylor e fazê-lo ser parte na minha vida. E mais uma vez, tudo nos faz ficar mais próximos do que já somos.

Capítulo 31

Só voltei para minha casa na última semana de janeiro. Ignorei as ligações de Taylor. Quando ele mandava mensagem eu gravava um áudio com as meninas mandando olá pra ele. Elas falavam relativamente bem pra idade.

Quando cheguei à ilha ele já tinha voltado da Itália. Parecia mais italiano que nunca. Aqueles lindos olhos azuis, mesmo sendo bem brasileiros, tinham a cara da Itália.

Eu o encontrei tomando café na padaria da mamãe. E, como eu sempre fui magrinha, adivinha como estava minha barriga? Isso mesmo. Era um aviso gigante de que eu estava grávida.

— Bom dia. — meus pais já tinham se resolvido. Era lindo vê-los juntos. Papai não conseguiria viver mais sem dona Anastácia. Alugou seu grande apartamento na cidade e foi morar com mamãe. Agora ele era advogado da padaria. Era só pra dizer que fazia alguma coisa. Na maior parte do tempo ele cuidava do caixa, era responsável pelas finanças e mamãe ficava com a parte de gerir o negócio todo.

— Quando todos me viram e notaram minha barriguinha redonda — eu nem fiz questão de esconder — deixei as meninas com a babá, vesti um vestidinho bem justo e fui para a padaria. Sabia que encontraria Taylor lá. — Isso mesmo pessoal, olha quem está grávida. Pois é. Eu! Antes de perguntas estúpidas não planejei isso, muito menos agora que estou divorciada do meu irmão, opa. Não era pra dizer isso. — eles me olhavam atônitos porque eu costumava ser bem calminha, mas ultimamente estava soltando comentários bem ácidos. Acho que a vida às vezes muda a gente.

— Iolanda... — minha mãe começou a dizer, mas eu cortei.

— Mãe, pai, depois a gente conversa. Preciso falar com o fujão aqui antes de falar com qualquer outra pessoa.

Meus pais levantaram da mesa, de onde conversavam com Taylor. Cada um me deu um abraço e saíram para que conversássemos.

— Como isso foi acontecer? — Taylor perguntou surpreso.

— Acho que você colocou alguma coisa dentro de mim. Não sei se

chegou a gostar, mas gozou legal.

— Iolanda, o que está acontecendo com você? Você não é assim.

— Calma lá. Eu não ERA assim. Mas a vida me mudou. Não vou mais ser a Iolanda que segura pra não ferir alguém quando já fui ferida com todas as palavras cortantes existentes.

— Você fez o teste?

— Não. Estou carregando um extraterrestre na minha barriga. Claro que fiz Taylor. Estou com nove semanas agora que voltei.

— Já sabe o sexo?

— Não. Ainda não dá pra saber pela ecografia e eu também não pretendo descobrir. Nosso sangue já deixou claro que qualquer gravidez é impossível pra nós. — falei isso passando a mão naquela criança que eu já amava tanto.

— Quando é a próxima consulta?

— Marquei pra daqui três semanas.

— Eu quero ir.

— Resolveu voltar? Não vai mais fugir? Sua aventura italiana chegou ao fim?

— Eu não tive nenhuma aventura. Fui espairecer. Saí poucas vezes da casa de campo.

— Bom, era isso que tinha pra te falar. Não quero saber de sua vida. Quando quiser ver as meninas é só me avisar que saio de casa e peço a babá pra te receber.

— Iolanda, não faz assim. Eu precisava desse tempo.

Eu o olhei fundo nos olhos e vi verdade, mas meu coração e meu ego feridos não me deixaram responder como eu queria. Simplesmente virei a cara e me afastei dele o mais rápido que pude.



Meus pais receberam a notícia meio que de forma estranha. Felizes e preocupados. Um neto duplo, filho de seus dois filhos (no caso de minha mãe) e que ainda por cima, estavam divorciados.

Pedi que ninguém desse palpite em nada, mas marquei com meu pai um encontro somente com ele. Ele me ajudou muito e foi meu ombro amigo,

não era justo deixá-lo de fora.

Sam quase morreu quando dei a notícia. Eu estava meio brava com Rafa por ficar do lado de Taylor, me afastei um pouco dele, mas entendia que Tay precisava do amigo mais do que eu. Eu não poderia ser egoísta assim.

— Amiga que malquice. Essas coisas só acontecem com você. Mas vai dar tudo certo dessa vez.

Eu não aguentava mais as pessoas dizendo que ia dar tudo certo sendo que sabiam que não daria. Eu tinha um histórico gestacional pra provar isso. Sam era minha amiga, eu ia deixar passar.

Mas morar em cidade pequena era um saco. Percebi isso depois que minha vida virou página de fofoca de revista. No mesmo dia a cidade comentava sobre o casal de irmãos tentarem de novo gerar um filho sendo que Deus já tinha provado que não dava certo.

Eu parei de ouvir o que diziam. Me dediquei ao trabalho, às minhas filhas e em cuidar do bebê que carregava na barriga.

Taylor aparecia de vez em quando querendo saber como estavam todos e saía com as meninas. Eu ficava vendo as brincadeiras deles. Ele brincava na areia da praia com elas. De fato, ele era um paizão. Mas não era uma mãe. São sentimentos diferentes, não tinha jeito. Mãe faz mais pelos filhos, se sacrifica. Pai brinca e leva pra passear.

Meus sogros apareceram para conversar com minha mãe quando eu fiquei na casa da Lana. Achei que nunca fossem voltar aqui depois do que houve. Minha mãe falou que foi uma visita estranha, como se nunca tivessem se visto, mas que foi chorosa e esclarecedora. Ela soube de tudo que houve na infância de Taylor e prometeu que viajaria para a Itália pra conhecer o lugar onde ele passou seus primeiros anos de vida.

Enfim, a vida estava seguindo. Mesmo sem Taylor comigo, a vida andava e continuava. Eu sabia que ele ainda me amava, eu via isso em seus olhos. Via também o desejo que ele tinha de que nosso bebê estivesse bem, que fosse saudável e que viesse ao mundo sem sequelas.

Mas isso não era determinado por nós. A única coisa que poderíamos fazer era pedir a Deus que ouvisse nossas preces e nos desse a chance de criar nosso bebê ao lado das meninas. Mesmo que Taylor e eu estivéssemos separados. Nós só queríamos o nosso bebê nos braços.



Conforme os meses iam se passando, a nossa paz ia aumentando. Em cada consulta que recebíamos a notícia de que estava tudo bem com o bebê, nós vislumbrávamos um futuro em que ele estaria em nossa casa.

— Você já pensou em um nome? — Taylor me perguntou em na sala de espera em uma das consultas.

— Não e você? — eu não tinha ideias mesmo. Nem sei se queria pensar nisso.

— Acho melhor a gente esperar mais. Além de não sabermos o sexo ainda...

— Pode falar. Pode ser que o bebê tenha o mesmo futuro que os outros dois.

— Desculpe. Eu não queria falar isso. — os olhos dele enegreceram e demonstraram tristeza. Eu o abracei no impulso do momento.

— Eu sei. Não se preocupe. Sei que quer que o bebê esteja bem. Mas pode ser que isso não ocorra. Vamos esperar o futuro nos dar as cartas. — ele aproveitou meu abraço e me apertou com força. O bebê chutou.

— Já reconhece o abraço do papai.

— Não tem como já que o pai não costuma abraçar a mamãe. — o clima ficou pesado e tudo que estávamos vivendo morreu naquela hora.

— Já conversamos sobre isso Iolanda. Nós somos irmãos.

— Não éramos há pouco tempo. Por isso, não dou a mínima para esse fato.

— Iolanda. — a médica de sempre me chamou mostrando que era hora de enfrentar o ultrassom.

Capítulo 32

Eu sabia que era Taylor. Só não conhecia aquele seu lado que desabrochou quando se afastou de mim. Ele era mal, era rude, forte para ficar afastado. Enquanto eu morria de chorar, o queria por perto e sentia falta dele, ele nem sequer queria falar comigo.

Vivia conversando com minha mãe. Com meus amigos então nem se fala, era o tempo todo, mais com Rafa que com Sam. Até meu pai já fazia parte do seu ciclo de amizades. Mas eu mesma era uma pedra em seu caminho.

Eu estava já com seis meses. Decidimos não saber o sexo do bebê. Íamos fazer um chá de revelação. Ou não, quem sabe? Do jeito que andava a cidade conosco, parecia que estávamos levando demônios no corpo.

Éramos tratados como os próprios filhos de Satanás. Mas eu estava radiante. Não importa o que aquela cidade e aquelas pessoas falavam sobre mim ou minha família, eu estava com um bebê saudável dentro de mim, minhas filhas cresciam felizes e eu estava no melhor lugar do mundo pra mim, minha ilha.

Mesmo que nesse quebra-cabeça faltasse a peça Taylor, eu estava feliz. Tudo daria certo. Eu tinha fé e precisava acreditar nisso. E quer saber do que mais? Eu ia atrás do pai dos meus filhos.

Que se explodisse o mundo, as pessoas, o que falavam de nós. Se ele ainda me amasse eu lutaria por nós, mesmo que ele não tivesse forças para isso. Dessa vez eu seria a rocha do relacionamento.

Não era justo que ficássemos separados por um erro que não era nosso e que não foi causado por nenhum de nós. Eu o amava, ele amava nossos filhos e era uma pessoa maravilhosa.

Tá bom! Sei que foi um babaca de marca maior em suas últimas atitudes, mas quem nunca errou? E você? Será que não faria o mesmo se descobrisse que era casado com um irmão? Sei que o Taylor sempre foi meu amor. Ele foi meu parceiro, meu amigo, meu amante. Eu não deixaria isso acabar por orgulho.

Poderia ser que ele não me quisesse mais. Que para ele era mesmo o

fim. Que deixou de me amar devido ao nosso sangue. Mas se ainda existia uma pequena ponta de esperança eu me agarraria a ela. Ela seria minha tábua de salvação. E para me salvar meu amigo, eu seguraria nessa tábua até que ela me levasse para águas tranquilas ou terra firme.



Passei a ligar para Taylor todos os dias no final da tarde para saber como ele estava, se estava bem e se tinha comido bem durante o dia. Percebi que ele estava meio magro e abatido. Então alguma coisa ainda mexia com ele.

— Boa tarde. Como você está?

— Estou bem e você? — ele parecia cansado.

— Bem. As meninas estão com saudades. Quer passar aqui e levá-las pra passear na praia?

— Claro. Saio em alguns minutos. Vou levar um lanche pra vocês. Como está o bebê?

— Chutando bastante. Minha barriga está bem pesada, até parece que tenho um bebê gigante aqui. — eu dei um leve sorriso. — Não é como nas outras.

— Você não está se sentindo bem? — ele pareceu alarmado.

— Não, não é isso. Só mais cansada que o normal. A barriga está muito grande para seis meses e meio. Parece bem maior que nas outras. Acho que tem muito líquido acumulado.

— Acho melhor você marcar uma consulta e avisar isso para a médica. Quer que eu faça isso agora?

— Não precisa. Está tudo bem. Já temos consulta marcada para a próxima semana.

— Qualquer coisa me liga. Pode ser em qualquer momento.

— Eu sei. Sempre pude contar com você.

Ele ficou mudo do outro lado da linha. Percebi que o perdia.

— Traga alguma coisa de sal e outra de doce para o lanche. Estamos com muita fome. — eu disse mudando de assunto. — Até mais tarde.

— Até mais.

Ele chegou alguns minutos mais tarde com um saco de pães de queijo

recém assados, biscoitinhos de doce, salgados fritos, pães doces e de sal e uma grande variedade de sucos e frutas.

— Esse lanche é para durar quantas semanas?

— Você pediu cardápio variado. Eu não sabia o que escolher então trouxe um mix de tudo que tinha na cozinha do hotel.

Ele entrou, fizemos um lanche em família. As meninas ficavam muito mais alegres quando ele estava por perto.

— Elas sentem sua falta.

— Eu também. Todos os dias. De todos vocês.

— Volta pra casa Taylor. Seu lugar é aqui. Vamos resolver tudo juntos.

— Não tem o que resolver. Não há como deixarmos de sermos irmãos.

— Para de ser tão racional. Esquece isso e vamos viver nosso amor. Vamos agir pelo nosso sentimento.

— Nós nem estamos juntos e olha como a cidade está contra nós.

— Eu não ligo desde que você esteja comigo.

Ele me olhou fundo nos olhos. Vi aquela cor azul profunda, de tristeza e incerteza. Ele estava cedendo. Eu sabia que ele voltaria pra mim. Eu só precisava de paciência.

— Acho melhor eu ir logo passear com as meninas. Está ficando tarde.

Eu assenti e eles foram passear. Mas eu não desistiria fácil. Aquela era minha família e eu a teria de volta. Nem que para isso eu precisasse costurar a boca de cada morador daquela região. Tay ia voltar pra nós.

Capítulo 33

Continuei minha tática nos dias seguintes. Sempre que podia soltava uma farpa a Taylor. Seja ela pra nos unir ou descobrir se ainda sentia algo por mim.

— Pois então. As meninas estão entrando no recesso de meio de ano e vai ter a reunião do segundo bimestre. Você deseja ir? — perguntei na ligação que fiz um dia antes da consulta que estava marcada.

— Claro. Quero ser presente o máximo que der nas atuais circunstâncias.

— Mas você só está longe por vontade própria.

— Não começa Ioio.

— Você arrumou uma namorada na Itália e me esqueceu assim tão rápido? — falei sorrindo, mas meu peito doía com a aceleração do coração.

— Não seja boba. Sabe que só tenho olhos pra você. Eu não assumi ninguém em lugar nenhum.

— Quer dizer que ainda me ama? — perguntei em tom de afirmação.

— Iolanda, você sempre rodeia até chegar onde quer não é?

— Você me conhece. É o único nesse mundo que me conhece assim.

Volta pra casa Tay. Nós somos uma família e de tamanho maior agora. Já não é errado o bastante esse bebê estar dentro de mim, de acordo com seu ponto de vista? Que diferença fará você estar ou não comigo? O fruto já está aqui.

— Por falar em fruto, a consulta é amanhã não é? Se não me engano?

— Sim, é sim. Você vai?

— Infelizmente não poderei. Tenho de receber alguns investidores daquela nova escola particular. Eles ficarão hospedados aqui e me pediram que acompanhassem o processo de regularização com a prefeitura. Você não fica chateada, não é?

— Claro que não. Trabalho é um compromisso que não dá pra adiar. Peço a Sam pra me acompanhar. Talvez ela já esteja no hospital.

— Leva sua mãe.

— Acho melhor não. Estamos bem, mas eu ainda me sinto mais a vontade com a Sam. Você também é filho dela, mesmo que não queira.

— Tudo bem. Você quem sabe.

A consulta foi tranquila. Perguntas de sempre sobre alimentação, sono, se estava tomando corretamente a suplementação. Essas coisas. Sam estava no hospital e ficou comigo durante os procedimentos.

O que eu temia aconteceu. A médica me olhou com aquela cara de espanto. Vi que algo estava errado. Sam também notou.

— Então você acha que sua gestação está anormal, mais diferente dessa vez Iolanda?

— Sim, me sinto mais pesada. Parece que estou com mais líquido que o normal. — eu falei assustada. Até fiquei com medo de perguntar o que estava acontecendo.

— É isso mesmo doutora? — Sam ria e perguntava a médica. Como eu não queria saber o sexo do bebê, não olhava para o projetor de ultrassom. Mas se Sam estava rindo não poderia ser algo ruim.

— Alguém pode me dizer o que está havendo com meu bebê? Eu já tive duas perdas, se vocês ficarem com essa cara e não me disserem nada eu vou morrer aqui mesmo e agora.

— Bom, Iolanda, aparentemente você tem um bebê bem sapeca. Porque você está se sentindo mais pesada e maior porque de fato está, é visível, mas não é o caso de excesso líquido e sim um bebê a mais.

— Como assim? Tem dois bebês na minha barriga? — perguntei espantada.

— Parabéns amiga. Estou tão feliz. — Sam já estava chorando.

— Sim. O outro bebê estava escondido. O engraçado é que eu só o vi agora. Até mesmo hoje ele se escondeu. De repente ele saiu de trás do irmão ou irmã, não sei. E te digo mais, você tem dois bebês saudáveis em sua barriga. Você é um milagre Iolanda!

Minha vida em uma montanha russa. Primeiro foi tudo lindo, depois deu tudo errado, desandou, agora tudo estava se encaixando de novo. Será que dessa vez era meu final feliz, mas sem Taylor?

Nada disso. Eu não aceitaria esse final. Ele deu a entender que ainda me amava. Pois bem. Meu final feliz seria feliz mesmo. Com tudo que eu tinha direito e Taylor estava no acordo de felicidade quer ele quisesse ou não.



Sam me deu um zilhão de abraços. Choramos juntas. Eu estava mais atônita que chorosa. Ainda não acreditava que conseguira gerar dois bebês saudáveis de uma só vez. E que, além de ter gêmeas em casa, levava mais gêmeos na barriga. Será que eu daria conta?

Fui direto pra padaria. Precisava deixar meus pais saberem essa notícia. Ao chegar lá tive uma grande surpresa. Paulo, outro filho de meu pai estava lá. Sentiu saudades e resolveu passar pra conhecer a nova vida de seu Marcos e a tal irmã.

— Olá. Prazer. Sou Iolanda.

— Marcos. A Lana fala muito bem de você. Queria saber se você é tudo isso mesmo.

— Puxa! Bem sincero. Então, sou essa bola que você está vendo, semi divorciada e semi casada com o próprio irmão. Descobri que minha mãe mentiu pra mim a vida toda, então, muito prazer maninho. Sou a fera da família. — falei em tom sarcástico porque não tinha ido com a cara dele.

— Gostei de você. Senta aí, se der. Vamos trocar umas ideias. — acho que ele não era tão mal.

Contei aos meus pais e Paulo sobre os gêmeos.

— Caralho você não quer mesmo saber o sexo? Eu já teria carregado minha mulher pra máquina de ultrassom e descoberto no lugar dela o que seriam os bebês.

— Depois de tudo pelo que passei, achei melhor esperar e, já que cheguei até aqui, não custa nada esperar um pouco mais de dois meses.

— Parabéns filha, você merece. — meu pai estava animado.

— Obrigada papai. Parece que tudo está se encaixando. E você mamãe, não tem nada a dizer? — ela me olhava perplexa.

— Não sei o que falar. Vocês são meus filhos e vão me dar netos, juntos. Eu sinto muito. — ela levantou e saiu em direção ao escritório.

Foi então que descobri. Taylor estava sempre com ela. Então era ela quem estava fazendo aquele inferno na minha vida. Ela estava fazendo Tay se afastar de mim.

— Pai. Fala pra mim que minha mãe não está falando para o Tay não voltar pra casa.

— Desculpa filha. É a opinião dela.

Eu saí em fúria atrás dela que chorava à mesa de sua sala.

— Qual é o seu problema? Você é minha mãe. Como você pode

querer minha infelicidade?

— Como eu posso ver meus dois filhos casados e com uma família juntos? Eu não suporto isso.

— Acorda e pensa dona Anastácia. Taylor NÃO é seu filho. Você apenas o colocou no mundo. Os pais dele são aqueles que saíram com ele pra Itália, dona Kiara e seu Enrico, que o criaram e deram amor pra ele por toda sua vida. Se ele não tivesse aparecido aqui você nem saberia do paradeiro dele nunca mais.

— Não seja má minha filha!

— Má? Você o abandonou e agora quer acabar com minha família porque no seu passado você cometeu esse erro que interferiu em todas as nossas vidas? E eu que sou má? Acorda! Eu estou separada do meu marido porque você está dando conselhos errados pra ele. Enquanto isso eu estou morrendo por dentro e criando minhas filhas sem o pai. E agora tenho mais dois a caminho. É isso que você me deseja? Acabar sozinha como você ficou toda a sua vida até ter meu pai de volta?

— Você é jovem e bonita, vai encontrar outra pessoa.

— EU NÃO QUERO OUTRA PESSOA. — nessa hora eu gritei. Estava ofegante e colocando toda minha raiva contida para fora. — Eu sempre fui uma filha exemplar, nunca te dei trabalho. Até mesmo depois que descobri tudo o que você fez eu te apoiei e você acha que eu quero conhecer outro homem? Eu quero e vou ficar com Taylor, quer você queira ou não. Quando eu o conheci ele era um estranho pra mim e se tornou o amor da minha vida. Não é o seu sangue dentro dele que vai mudar isso. E se você tentar afastá-lo de mim mais uma vez, eu juro por Deus, que eu conto tudo o que você está me dizendo pra ele.

— Não o afaste de mim filha. Eu fiquei tantos anos longe dele. Não quero perdê-lo agora. — ela chorava, mas minha dor me impedia de apiedar-me dela.

— Não ouse abrir a boca sobre meu casamento com ele. Nunca mais. Você entendeu? — ela balançava a cabeça e chorava. Eu saí passando mal. Os gêmeos estavam quietos. Pareciam assustados com meus gritos.

Sentei-me na padaria onde estava meu irmão. Meu pai correu para consolar a amada e eu chorava sentada em frente a Paulo. Ele levantou-se, sentou-se ao meu lado e me abraçou.

Eu chorei em seu ombro. A pessoa em quem eu mais confiava, que sabia como eu estava e o que estava passando me deu um golpe. Ao invés de

fazer Taylor voltar para casa ela o estava afastando de mim. Como ela poderia fazer isso? Eu já deveria ter desconfiado quando ele falava apenas com ela quando passou uma temporada na Itália. Ela era minha mãe. Nossa mãe. Deveria querer e almejar nossa felicidade. Essa ferida era a mais profunda. Seria preciso tratá-la muito tempo para cicatrizar. Era mais um trabalho para meu amigo tempo.

Capítulo 34

Sabe, as coisas na nossa vida acontecem de forma bem estranha. Eu fiquei um bom tempo pedindo para Taylor voltar para casa, queria que ele visse o quanto nossa família é linda, o quanto lutamos para que conseguíssemos tudo o que desejamos.

Eu sempre pensei que ele estava afastado porque era crença dele que não deveríamos ficar juntos, mas era só coisa da dona Anastácia querendo encobrir os erros do passado dela.

Ela é minha mãe, sei que passou por muita coisa na vida. Sei que ela tem os motivos dela, mas isso não lhe dá direito de me tratar como uma criança onde ela decide o que é ou não bom pra mim. Claro que ela não deve estar se sentindo bem com os dois filhos casados e com família, mas foi ela mesma quem causou isso.

Ela não pode simplesmente jogar um monte de merdas no ouvido do meu marido porque ela não aguenta a população julgando-a. Isso quem decide somos Tay e eu.

Eu estava justamente falando tudo isso para Sam por telefone quando um Taylor estranho e com cara de assustado chegou à minha porta.

— Vou desligar, nos falamos mais tarde. Te amo. — me despedi de Sam olhando para Taylor que estava à porta, ela era como uma irmã, às vezes eu dizia que a amava, era normal. — Oi.

— Posso entrar? — ele estava com uma cara engraçada.

— Claro.

— Atrapalho? Está sozinha? Desulpe ter atrapalhado sua ligação.

— Quantas perguntas. Não atrapalha. Estou sozinha sim. As meninas ainda estão dormindo. — eram apenas nove da manhã, elas acordavam somente às dez. — Eu já tinha terminado a ligação de qualquer forma.

De repente Taylor entrou na nossa casa e se jogou nas minhas pernas. Eu fiquei sem reação ainda segurando a porta.

— Me perdoa Ioio, eu te amo tanto. Eu sei que fui um idiota, que nosso amor é maior que tudo. Nós não sabíamos que éramos irmãos. Sei que você é linda e que grávida está mais linda ainda, radiante na verdade. Não

deixe que o erro que eu cometi separe nossa família pra sempre. — ele estava abraçado às minhas pernas e chorando. Eu nunca tinha visto isso, fiquei sem reação.

— Taylor eu...

— Não fala nada, por favor. Deixa eu terminar. — ele se levantou, me pegou pela mão e me levou para a mesa da cozinha, onde costumávamos conversar quando ele ainda estava em casa. — Sempre fomos e sempre seremos um, independente dos erros do destino. Você e eu nascemos para ficar juntos. Tudo o que aconteceu não mudou nada o que eu sinto por você. — ele segurava minha mão e olhava fundo nos meus olhos. Seus olhos estavam da cor de uma tempestade.

— Ah Taylor, eu te amo tanto. Você não sabe o quanto sonhei com esse momento. — eu passei uma mão pelo seu rosto.

— Então quer dizer que você ainda me ama?

— Claro. Por que não amaria? Se não amasse não estaria atrás de você o tempo todo pedindo pra voltar.

— Mas você estava ao telefone e se despediu dizendo “eu te amo”. Quem era?

— A Sam ué. Quem mais seria?

— Mas e o cara com quem você estava ontem na padaria? Aquele que te vi jogada nos braços?

— Não me diga que achou que eu dizia pra ele ao telefone que o amava? — eu meio que me divertia. O que um ciúme não faz. — Até poderia dizer, já que é meu irmão, mas ainda não tive oportunidade de deixar esse sentimento crescer.

— Irmão?

— Sim, filho do meu pai. O nome dele é Paulo. Veio me dar um crédito e conhecer a mulher que não sai da boca da Lana porque “é o máximo”! — eu dizia divertida. — Se soubesse que só precisava de uma terceira pessoa para passar um ciúme em você já teria achado alguém para fazê-lo voltar pra casa.

— Ah sua espertinha. Como eu te amo. Como eu amo vocês quatro. — ele passou a mão na minha barriga.

— Então. Como eu tive uma tarde turbulenta ontem com a chegada do Paulo, não pude te dizer. Fui ao médico e, como você não ligou pra saber da consulta não tive como te contar.

— Eu fui à padaria e vi vocês juntos. Fui embora e não quis te ligar.

Estava com muita raiva e ciúmes de você.

— Bom eu acho que não arrumaria ninguém com o amor que tenho por você no meu peito. E ninguém ia me querer com uma barriga desse tamanho.

— Você está linda. Seria louco um homem que te dissesse não.

— Então você está louco porque me disse não diversas vezes. — nós rimos e colamos nossas testas. Me afastei para dar a notícia. — Enfim, sobre a consulta ontem... — ele me interrompeu e não pude continuar.

— Me fala que está tudo bem, por favor. — ele me olhou com a cor que seus olhos tomavam quando estava preocupado.

— Tivemos uma constatação um tanto que inusitada ontem. Quando a médica estava fazendo o ultrassom, ai meu Deus, nem sei como te dizer isso, acho que vai surtar.

— Desembucha mulher, vai me matar desse jeito.

— Um outro bebê apareceu na imagem. Saiu de trás do bebê que já conhecemos.

— Não entendi.

— Vamos ter gêmeos. E mais ainda, temos dois bebês SAUDÁVEIS a caminho.

— Você está brincando! — ele deu um leve sorriso e ficou esperando minha resposta.

— Acho que eu não brincaria com uma notícia dessas.

— Quer dizer que vamos ter quatro filhos, dois pares de gêmeos?

— Isso mesmo.

— E o sexo? Você já sabe?

— Combinamos que saberíamos no chá de bebê e é isso que eu mantenho. A Sam é a única que sabe. Ela está arrumando o chá para daqui duas semanas.

— Você não poderia me deixar mais feliz. Como eu te amo Iolanda. Você é a mulher mais perfeita da Terra. Deve ser porque tem meu sangue.

— Que piada mais infame. — eu ri com o humor negro dele. — O amor é sempre certo Taylor, seja ele em qual forma for. Por que seria errado te amar? Por que seria errado estarmos juntos sendo que nem sabíamos de nada?

— Eu até pensei em nos mudarmos daqui, mas percebi que estaríamos dando corda à parte louca da população que não nos compreende.

— Eu jamais sairia daqui. Não dou a mínima para o que o povo fala,

desde que você esteja comigo.

Nesse momento ele me deu um beijo profundo, demorado e apaixonado. Ah, como eu esperei aquele beijo. A frase que se encaixa veio em minha mente: tudo acaba bem no momento certo. Se ainda não foi final feliz é porque ainda não é o fim.

Nesse momento ele me levantou da cadeira e me pegou no colo.

— Vamos comemorar de forma adequada, no nosso quarto, antes de as meninas acordarem. Teremos pouco tempo até a próxima fornada de gêmeos nascer.

— Não sou uma padaria para gerar fornadas. Mas concordo em aproveitar o tempo. — eu lhe dei meu sorriso mais doce que demonstrava toda minha felicidade.

Subimos até nosso quarto e fizemos o amor mais doce que eu já tive na vida. Foi calmo, sereno e apaixonado. Não me diga eca porque eu estava com bebês na barriga. Foi assim que eles foram feitos sabia?



No mesmo dia avisei a Sam e Rafa que nosso grupo estava reunido novamente. Sam estava indo à Metrópole para comprar as coisas para o chá. Não queria comprar na cidade para que eu não descobrisse o sexo antes da hora.

Os convites foram enviados para os amigos mais próximos, funcionários e familiares. No dia do chá, meus pais estavam lá — claro que minha mãe e eu ainda não estávamos nos falando muito bem — mas ela e meu pai foram ao chá.

Isa demorar até que tivéssemos recobrado nosso relacionamento, mas já era um começo. Tay nunca soube do que ela estava fazendo, ele era muito inocente. Os pais dele vieram para o chá. Era estranho ver aquela família reunida.

Meus irmãos compareceram com meus sobrinhos, todos eles. Foi muito emocionante essa reunião. Eu estava conhecendo aos poucos cada um deles e sendo aceita, o que era mais importante.

Meus avós e tios compareceram também. Os primos que puderam vieram nos ver. Tive até uma surpresa. Minha avó vendeu a casa dela na

cidade em que morava e comprou um chalé na praia bem pertinho de mim. Meus tios patrocinaram uma enfermeira pra cuidar do meu avô na ilha.

Meus bebês iriam nascer com uma família bem grande e feliz. As gêmeas estavam super contentes com tanta visita e ainda ganharam vários presentes de muitos deles.

Para uma mãe não há nada melhor que ver seus filhos sendo amados e estarem alegres. Foi um dia incrível.

Sabe o povo que vivia falando de nós na cidade? Então. Precisaram calar a boca porque um novo escândalo roubou nosso foco. O padre da cidade resolveu largar a vocação para se casar com uma freira. Só assim pra nos deixarem em paz.

Eu estava na varanda da nossa casa, enquanto o chá ocorria no amplo espaço que tínhamos na parte de trás da casa.

— O que a rainha desse lar está fazendo aqui sozinha? — Taylor me abraçou por trás.

— Pensando em tudo o que passamos até chegar aqui. Perdemos tanta coisa. — eu admirava nossa ilha, com aquele mar calmo de areias brancas. Era a visão perfeita.

— E conseguimos tantas outras. Filhos, em quantidade dobrada, família, união e mais amor e fidelidade entre nós.

— Tudo o que passamos nos fortaleceu e nos tornou o que somos hoje. Nós mudamos.

— Pra melhor. Vimos que somos um, independente do sangue que corre nas nossas veias, independente do que falem de nós.

— Sim. Este é nosso lugar. É aqui nesse paraíso e nessa calma que vamos ficar e criar nossos quatro filhos. Eles serão muito felizes aqui. Tanto quanto nós.

— Por falar em filhos, está na hora de descobrir o sexo dos nossos bebês.

— Eu não vejo a hora.

— Vamos?

— Agora meu amor. — Taylor e eu fomos de mãos dadas, para onde os convidados se encontravam.

— Ser sua amiga é uma grande honra Iolanda. Você é uma pessoa incrível e de um caráter irrefutável. Acompanhei tudo o que você passou nos últimos tempos e digo que você é uma guerreira. — Sam e eu estávamos com lágrimas nos olhos.

— Quero pedir um brinde ao casal mais querido dessa ilha e de toda a cidade. O que vocês passaram fez de vocês mais fortes como família. Quero já pedir desculpas por ter de tomar partido, mas você tinha a Sam e o Taylor precisava de mim. — Rafa pediu desculpas.

— Eu entendo e te perdoo. — todos rimos.

— Um brinde ao casal mais feliz do mundo. — Todos gritaram em manifestação de alegria. A doutora que me acompanhava tornou-se uma grande amiga e ajudou na surpresa. Ela esteve conosco nos bons e maus momentos.

— Agora vamos ao momento mais esperado da festa. — Minha médica segurava o explosivo de papel que continha a cor que simbolizava o sexo dos bebês. — Foi muito difícil manter segredo, mas com a ajuda de Sam tudo isso foi possível. Preciso dizer que o papai me procurou duas vezes pra me fazer contar o sexo, mas resisti bravamente.

— Seu traidor. — eu ri dando um empurrãozinho em Taylor.

— Eu não estava me aguentando, desculpe.

— Vamos lá então. — Sam levantou um explosivo e a doutora outro. — Três, dois, um.

Com um estrondo os papéis picados saltaram no ar. Minha felicidade estava completa. Algumas relações precisariam ser costuradas a mão. Outras precisariam ser remendadas. Mas de uma coisa eu tinha certeza, minha vida estava completa e finalmente meu final feliz chegou.

Ninguém é perfeito, em um convívio a dois sempre é preciso fazer ajustes. Desde minhas descobertas percebi que todo mundo erra, mas que sempre é preciso ver o lado da outra pessoa. O modo de ver a vida sempre será diferente e é assim que busco perdoar minha mãe. Aquela era a visão dela. Para mim era um erro, mas pra ela era o certo a fazer. Ela é minha mina mãe. Um dia eu vou perdoá-la completamente.

Com relação ao sexo dos bebês, era o sexo do amor. Pra mim não importava o que eles eram, desde que viessem saudáveis, porque eram meus. E um felizes para sempre pra mim, porque depois que a caixa dos segredos foi aberta era o que eu merecia.

Nota da Autora

A Síndrome de Patau é uma doença genética rara que causa malformações no sistema nervoso, defeitos cardíacos e fenda no lábio e no céu da boca do bebê, podendo ser descoberta ainda durante a gravidez, através de exames de diagnóstico como a amniocentese e o ultrassom.

Normalmente, os bebês com essa doença sobrevivem menos de três dias em média, mas há casos de sobrevivência até aos 10 anos de idade, dependendo da gravidade da síndrome.

A história aqui relatada é apenas uma ficção, mas a síndrome existe e afeta crianças no mundo afora. Geralmente, essa síndrome é causada pela mãe já ter passado dos 35 anos, mas pode haver outros fatores.

Irmãos de mesma mãe são mais compatíveis que irmãos de mesmo pai. Isso porque a mãe sempre passa certos genes, já o pai pode ou não passá-los aos filhos. Caso irmãos que possuem a mesma genitora venham a se casar, não é absoluta certeza que terão filhos imperfeitos. É um fator que pode vir a acontecer, mas eles podem ter filhos completamente saudáveis. Há casos de casamento entre irmãos pelo mundo inteiro, irmãos que não se conheciam, assim como o caso de Taylor e Iolanda. Muitos deles tem filhos sem nenhuma deformação ou doença.

Todos os dados aqui citados foram pesquisados em trabalhos na internet, bem como explicados, geneticamente, pelo biólogo Lucas Vilela. Caso haja alguma informação incorreta, esta é de única e exclusiva responsabilidade minha.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me dar tanta inspiração em criar histórias incríveis e inimagináveis, às vezes nem acredito que as escrevi. Crio personagens e histórias com a mesma facilidade que respiro, só não consigo colocar no papel na mesma velocidade.

Agradeço ao meu marido que segurava as pontas em casa toda vez que eu precisava escrever, afinal temos uma garotinha bem sapeca que não me deixa trabalhar sempre que a inspiração bate, além de afazeres domésticos e prazos a seguir.

Agradeço ao biólogo Lucas Vilela, que atendeu aos meus questionamentos sobre DNA e foi sanando minhas dúvidas para a pesquisa desse livro. Você é um ser humano abençoado e não se importa em tirar uns minutos para ajudar quem precisa. Obrigada pelo esforço e pela compreensão quanto à minha ignorância em genética.

Obrigada às minhas leitoras beta que sempre me dizem o que acham de minhas histórias: Núbia Fátima e Herylane Matos, fico feliz em saber que minhas leituras tem agradado todos vocês. Obrigada a Núbia, em especial, por ser tão sincera e dizer quando está uma porcaria. Obrigada também a Marina Mafra (instagram @resenhandopormarina), você me deu ideias geniais e me apresentou uma capista excelente; você é um ser humano incrível. Obrigada por tirar um pouco do seu tempo pra me ajudar nas dicas de publicação.

Um obrigada especial aos meus seguidores do Instagram que me proporcionam ótimos momentos de interação entre autora e leitor. Vocês são maravilhosos.

Agradeço também aos meus parceiros sensacionais do Insta, que resenham minhas obras com tanto amor e carinho; dentre eles @livrosemaniasblog, @caisdaleitura, @livrosland, @dreebooks (super fofa e ainda me enganou direitinho! Ela sabe.), @gnomaleitora, @chocolatewithbooks, @prasemprelivro, @amolivrosblog, @resenhandopormarina, @paixaopelaspaginas e todos os outros que não foram citados, mas estão no meu coração, vocês são demais!

Agradeço a minha mãe por me incentivar na leitura e ao meu pai, que não acredita muito em livros, mas me traz momentos de risadas incríveis com suas falas.

Obrigada a todos que tem me acompanhado nessa nova etapa, que leem tudo o que escrevo e me incentivam a escrever mais. O que sinto por vocês é imensurável. Enfim, agradeço a todos que me ajudaram em algum momento e com alguma inspiração. Sem vocês esse trabalho não seria possível. Obrigada leitores maravilhosos que me ajudam na divulgação, são vocês que me levam além!

Hailane Braga